

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Medicina**  
**Mestrado Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência**

**SÔNIA LOPES SIQUEIRA**

**Oficinas Interativas do Ambulatório/Rede Para Elas: uma prática de  
convivência “*Entre Elas, Entre Nós*”**

Belo Horizonte

2019

**SÔNIA LOPES SIQUEIRA**

**Oficinas Interativas do Ambulatório/Rede Para Elas: uma prática de convivência “*Entre Elas, Entre Nós*”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre.  
Linha de pesquisa: Saúde da Mulher em Situação de Violência.

Orientadora: Profa. Dra. Eugênia Ribeiro Valadares  
Co-orientadora: Profa. Dra. Elza Machado de Melo

Belo Horizonte

2019

Siqueira, Sônia Lopes.  
SI618o Oficinas Interativas do Ambulatório/Rede Para Elas [manuscrito]: uma prática de convivência "entre elas, entre nós". / Sônia Lopes Siqueira. - - Belo Horizonte: 2019.  
123f.  
Orientador (a): Eugênia Ribeiro Valadares.  
Coorientador (a): Elza Machado de Melo.  
Área de concentração: Promoção da Saúde e Prevenção da Violência.  
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Traços de História de Vida. 2. Violência. 3. Saúde da Mulher. 4. Promoção da Saúde. 5. Dissertação Acadêmica. I. Valadares, Eugênia Ribeiro. II. Melo, Elza Machado de. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. IV. Título.

NLM: WA 309

Bibliotecário responsável: Fabian Rodrigo dos Santos CRB-6/2697

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Reitora**

Profa. Sandra Regina Goulart Almeida

**Vice-Reitor**

Prof. Alessandro Fernandes Moreira

**Pró-Reitor de Pós-Graduação**

Prof. Fabio Alves da Silva Junior

**Pró-Reitor de Pesquisa**

Prof. Mário Fernando Montenegro Campos

**Diretor da Faculdade de Medicina**

Prof. Humberto José Alves

**Vice-Diretora da Faculdade de Medicina**

Profa. Alamanda Kfoury Pereira

**Coordenador do Centro de Pós-Graduação**

Prof. Tarcizo Afonso Nunes

**Subcoordenadora do Centro de Pós-Graduação**

Profa. Eli lola Gurgel Andrade

**Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social:**

Prof. Antônio Thomaz Gonzaga da Matta Machado

**Subchefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social**

Prof.<sup>a</sup> Palmira de Fátima Bonolo

**Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência:**

Prof.<sup>a</sup>. Elza Machado de Melo

**Subcoordenadora Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência:**

Prof.<sup>a</sup>. Cristiane de Freitas Cunha Grillo

**Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência**

Profa. Cristiane de Freitas Cunha – Titular  
Profa. Eliane Dias Gontijo – Titular  
Profa. Efigênia Ferreira e Ferreira – Titular  
Profa. Elza Machado de Melo – Titular  
Profa. Soraya Almeida Belisario – Titular  
Prof. Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro – Titular  
Profa. Andréa Maria Silveira – Suplente  
Prof. Marcelo Grossi Araújo – Suplente  
Profa. Eugenia Ribeiro Valadares – Suplente  
Profa. Stela Maris Aguiar Lemos – Suplente  
Profa. Izabel Christina Friche Passos – Suplente

**Representantes discentes:**

Maria Beatriz de Oliveira – Titular  
Marcos Vinícius da Silva – Suplente



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA  
VIOLÊNCIA/MP

UFMG

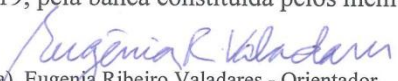
## FOLHA DE APROVAÇÃO

OFICINAS INTERATIVAS DO AMBULATÓRIO/REDE PARA ELAS: UMA  
PRÁTICA DE CONVIVÊNCIA “ENTRE ELAS, ENTRE NÓS”

### SÔNIA LOPES SIQUEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, área de concentração PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA.

Aprovada em 18 de julho de 2019, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Eugénia Ribeiro Valadares - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Elza Machado de Melo  
UFMG

  
Prof(a). Myrian Fatima de Siqueira Celani  
UFMG

  
Prof(a). Vitória Régia Izau  
UEMG

Belo Horizonte, 18 de julho de 2019.

*Esse trabalho é dedicado a maior de todas às Divas! Minha mãe. Minha vida só foi possível porque minha mãe se quer teve tempo de sonhar seus próprios sonhos, pois seu tempo era só para pensar em como se 'virar' para realizar os meus. Só nós duas sabemos o que passamos nessa vida. Segundo ela, se desdobrou pra ser "pai e mãe", mesmo diante de todas as adversidades e ciladas que foram surgindo na nossa caminhada. Para mim foi, e continua sendo, suficientemente, Mãe e Mulher, E nós duas, bravamente sobrevivemos!  
À minha mãe Diva, a grande filha de Deus, todo meu Amor, Respeito, Admiração!*

## AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer a Deus, a Maria, Nossa Senhora, e a todos os Orixás. A vida me fez crer que existem sim seres divinos que nos protegem e nos auxiliam a todo tempo. Mesmo quando tudo parece perdido, impossível de dar certo, essas divindades nos ajudam a encontrar a melhor saída, ou entrada.

Agradeço a minha mãe por ser presença constante. Por ter me ensinado a ser honesta comigo e com os outros, a valorizar os estudos, por ter me incentivado a trabalhar desde cedo. Agradeço por cuidar de mim ainda hoje, e por 'doar' seu amor infinito a Ana Carolina e ao Pedro Henrique. Por cuidar deles de uma forma impecável. Por dar a eles Amor e Cuidado de Vó.

Ah! Ana Carolina e Pedro Henrique! Quero aqui agradecer a vocês: filha e filho que Amo, incondicionalmente. Minha vida ganhou novo sentido depois que me tornei mãe, mãe de vocês. Sinto que nossa relação é de cumplicidade, mesmo em meio as nossas divergências e diferenças. Sinto que vocês se orgulham de mim e isso enche meu coração de alegria.

Agradeço ao Carlos. Juntos, formamos e cultivamos nossa família Lopes Siqueira. Você é um ser humano incrível, grande e potente. Tem todo meu Amor e Admiração. Quero acreditar que, a sua maneira, torce por mim.

Agradeço a todas as mulheres que já passaram, passam e ainda passarão pelo meu caminho. Todas, de alguma forma, certamente contribuíram para meu crescimento pessoal, profissional, meu crescimento enquanto ser humano. Minha gratidão vai também para alguns homens que carregam em sua essência o 'sagrado feminino' e de alguma forma também passam pelo meu caminho.

Agradeço a todas e todos do Programa "Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós. De modo especial às Mulheres da Leste. Esse trabalho só pode ser desenvolvido porque foi possível, entre nós, construir uma relação de confiança, respeito, afeto. O encontro com cada uma de vocês deu um novo sentido para minha atuação profissional. E espero que tenhamos ainda uma longa caminhada de convívio. Sou imensamente grata a vocês.

Agradeço as orientações e principalmente a acolhida humanizada das Professoras Eugenia Valadares e Elza Melo. Agradeço às Professoras Vitória Régia Izau e Myrian Celani por aceitarem, tão prontamente, o convite para compor a banca. É uma honra poder contar com a participação/presença de vocês quatro neste meu

percurso.

De modo especial agradeço à Professora Elza Melo, uma mulher incrível que faz a diferença na vida de tantas outras mulheres. Elza só mesmo uma mulher como você, com essa “ousadia inclusiva” para abrir as portas da Faculdade de Medicina da UFMG para a “comunidade não acadêmica”. Saiba que você é a grande responsável pela minha passagem por esse mestrado, e também responsável por fazer com que a Promoção da Saúde e a Prevenção da Violência possam sim ser objeto de muitas disciplinas e não de um saber único! Você é realmente uma mulher “Cabulosa”, e me inspira. Sou grata a Deus pelo nosso encontro e peço a ele que lhe cubra sempre de proteção e saúde.

Agradeço às ‘meninas’ do Grupo do Zap. Uma nova modalidade de orientação na pós-graduação *stricto sensu* - criação nossa! De modo especial sou grata a Dani (aqui no mestrado nos reencontramos) e a Lane que, para além das discussões do grupo do zap, em tempo real dividiram comigo conhecimento, apreensão, boas risadas, *falação desenfreada*, comilança e acima de tudo: afeto!

Agradeço a todos os colegas da turma do mestrado pela convivência e também a Lauriza e Amanda, cotidianamente na linha de frente do Núcleo de Promoção da Saúde e Prevenção da Violência. Em especial a Lauriza, sempre pronta para me auxiliar de uma forma impecável, respeitosa e cuidadosa.

Agradeço a M.B. (a pessoa e a *grife* ainda em ‘confeção’). Em 2017 M.B. me ofereceu um almoço na casa dos seus pais para comemorar minha aprovação na seleção do mestrado. Eu me encantei com seu gesto. Nem tão íntimas éramos. Achei de uma acolhida e generosidade ímpar. Postura de uma grande mulher que fui tendo, aos poucos, a oportunidade de conhecer. Agradeço de modo especial ao “Wawá” que me acompanhou nesse almoço, e de forma grandiosa participou da minha alegria e empolgação na ‘carreira’ de mestranda iniciante. Certamente, em breve, estarei celebrando com ele esse mesmo percurso.

Quero agradecer, em memória, a Dindinha, a Vó Ika e a Madrinha Dita. Elas foram, também, responsáveis pela minha criação. Hoje, quando me lembro delas meu coração fica apertado de saudade e se enche de gratidão. Se estivessem entre nós, certamente seriam também “Para Elas”.

Por fim, quero aqui reconhecer meu empenho, endereçar um agradecimento a mim mesma e dizer que passar pelo Para Elas me ajudou a encontrar o Amor Próprio! E que venham novos sonhos, pois os sonhos me mantêm viva!

*"(...) Seja a sua família velha, jovem ou ainda em formação, seja você amante ou amigo, são as experiências compartilhadas com os outros e as histórias que se contam depois sobre essas experiências, além daquelas que se trazem do passado e do futuro, que criam o vínculo definitivo.*

*Não existe um jeito certo ou errado de se contar uma história. Talvez você se esqueça do início, do meio ou do final. Mas um pouquinho de sol nascendo através de uma pequena janela também anima o coração. Por isso, adule os velhos resmungões para que contem suas melhores lembranças. Peça às criancinhas seus momentos mais felizes. Pergunte aos adolescentes os momentos mais assustadores das suas vidas. Dê a palavra aos velhos. Passe por toda a roda. Force os introvertidos. Pergunte a cada pessoa. Você vai ver. Todos serão aquecidos, sustentados pelo círculo de histórias que criaram juntos. Embora nenhum de nós vá viver para sempre, as histórias conseguem. Enquanto restar uma criatura que saiba contar a história e enquanto, com o fato de ela ser repetida, os poderes maiores do amor, da misericórdia, da generosidade e da perseverança forem continuamente invocados a estar no mundo, eu lhe garanto que... será suficiente."*

Clarissa Pinkola Estés

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a violência contra a mulher, focando no período pós-violência tendo em conta alternativas públicas e coletivas de apoio e fortalecimento de mulheres vítimas de violência. Nesse sentido, apresenta e analisa uma experiência de atuação junto às Oficinas Interativas desenvolvidas pelo Ambulatório Rede/ "Para Elas", que integram o Projeto "Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós". Esse Projeto, de âmbito nacional, é executado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com apoio do Ministério da Saúde.

A proposta do estudo é analisar a história de vida, as vivências de violência e seu enfrentamento entre as mulheres acompanhadas pelo Ambulatório Rede/ "Para Elas", com o objetivo de conhecer o significado que atribuem à violência e a percepção que elas possuem das oficinas. Além disso, objetivou-se também saber o que as motivava a participar das oficinas e abordar o potencial de promoção da qualidade de vida, da dimensão "convivência", em face à tendência de "isolamento" e "segregação" após vivências dessa natureza.

A base teórica sobre a qual o estudo se assenta é a literatura sobre a violência em si, a violência contra as mulheres e a Teoria da Ação Comunicativa. Referências que tratam da dimensão conceitual de "oficinas", oficinas interativas e a noção de convivência foram também utilizadas, assim como foi feita revisão de literatura relacionada à temática da promoção da saúde e promoção da saúde da mulher. A pesquisa de campo tomou como referência a frequência aos encontros e os depoimentos obtidos a partir de entrevistas realizadas individualmente. Tais entrevistas, conjugadas com a técnica de observação participante, foram os recursos metodológicos para a obtenção das informações/dados na realização deste estudo de abordagem qualitativa.

A análise realizada permitiu concluir que as oficinas interativas (e também as "rodas de conversa" das quais as mulheres participavam semanalmente junto ao Ambulatório de Ginecologia do Instituto Jenny Faria de Andrade/Hospital das Clínicas/ UFMG) constituíram-se em espaços onde o acolhimento é possível e que,

no limite, podem ser vivenciados como uma extensão da própria família. Motivadas pelo trabalho em artesanato, a produção de bijuterias e a realização de bazares, as mulheres participantes ampliaram a compreensão da ideia e da prática da violência, para além da violência física. As entrevistas e a experiência no seu conjunto revelaram que a vivência e a convivência marcadas por processos de escuta mútua podem produzir efeitos como o fortalecimento dos indivíduos participantes e redundar, por exemplo, na redução do uso de medicamentos.

Em conclusão, embora a participação nesses espaços não seja a garantia para a não recorrência da violência e tampouco da violência velada presente nos contextos familiares associados, a convivência por meio das oficinas interativas contribuiu para a promoção da saúde, a prevenção da violência, o fortalecimento de vínculos e para o empoderamento das mulheres. Por fim, foi possível perceber o potencial da produção de saídas públicas e coletivas para a promoção da saúde e da qualidade de vida das mulheres participantes.

**Palavras-Chave:** Histórias de Vida, Violência, Saúde da Mulher, Oficinas, Convivência.

## ABSTRACT

The subject matter of this study is violence against women, focusing on the post-violence period, taking into account public and collective alternatives to support and strengthen women victims of violence. In this sense, it presents and analyzes an experience of acting together with the Interactive Workshops developed by the Ambulatory Network / "Para Elas", which are part of the Project "Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós." This National Project is carried out by the College of Medicine at Federal University of Minas Gerais, supported by Health Ministry. The purpose of this study is to analyze the life history, the experiences of violence and their confrontation among the women accompanied by the Ambulatory Network / "Para Elas", in order to know the meaning they attribute to the violence and their perception of the workshops. In addition, the objective was to know what motivated them to participate in the workshops and to address the potential of promoting the quality of life of the "coexistence" dimension, in face of the tendency of "isolation" and "segregation" after experiences of this nature. The theoretical basis is the literature on violence itself, violence against women and the Theory of Communicative Action. References that deal with the conceptual dimension of "workshops", interactive workshops and the notion of coexistence were also used, as well as a literature review related to the theme of health promotion and the promotion of women's health. The field research took as reference the frequency of participation in the meetings and the testimonies obtained from interviews conducted individually. These interviews, combined with the participant observation technique, were the methodological resources to obtain the information / data for the accomplishment of this qualitative approach study.

After the analysis, it was concluded that the interactive workshops (and the "talk wheels" of which the women participated weekly in the Gynecology Ambulatory of the Jenny Faria de Andrade Institute / Hospital das Clínicas / UFMG) constitute spaces where women can be welcomed with care. At the limit, according to reports, participation in these spaces can provide a feeling towards the group as an extension of the family itself. Motivated by the work in handicrafts, the production of costume jewelry and the realization of bazaars, the women participants broadened their understanding of the idea and practice of violence, beyond to physical violence. The interviews and the analysis, taken as a whole, revealed that the experience and

coexistence marked by mutual listening processes can produce effects such as the strengthening of the participating individuals and contribute, for example, reducing the use of medicines. In conclusion, although participation in these spaces is neither a guarantee for the non-recurrence of violence nor for the veiled violence present in the associated family contexts, coexistence through interactive workshops has contributed to health promotion, violence prevention, strengthening and empowerment of women. Finally, it was possible to perceive the potential of public and collective actions to promote the health and quality of life of the participating women.

**Key Words:** Life Stories, Violence, Women's Health, Workshops, Coexistence.

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

QUADRO 1: LINHA DO TEMPO .....	29
Tabela 1 Faixa Etária .....	60
Tabela 2 Naturalidade .....	61
Tabela 3 Estado Civil .....	61
Tabela 4 Escolaridade.....	62
Tabela 5 Ocupação .....	63

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNDM	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONVIDA	Centro de Convivência para Mulheres Vítimas de Violência
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
DEAM	Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher
EaD	Ensino a Distância
FM	Faculdade de Medicina
HC	Hospital das Clínicas
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MPS	Medicina Preventiva Social
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAIF	Serviço de Proteção e Atendimento Integral a Família
PAISM	Programa de Atenção Integral à Saúde de Mulher
PNAISM	Política Nacional de Promoção da Saúde
PNPM	Plano Nacional de Políticas da Mulher
PNPS	Política Nacional de Promoção da Saúde
SPM	Secretaria de Políticas para as Mulheres
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
VIVA	Sistema de Vigilância de Violência e Acidentes
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
1.1 A Promoção da Saúde .....	25
1.2 Promoção da Saúde da Mulher .....	28
1.3 Prevenção da Violência e Promoção da Saúde “Para Elas” .....	34
1.3.1 A(s) violência(s) .....	34
1.3.2 Teoria da Ação Comunicativa e a Promoção de Saúde .....	42
1.3.3 Oficinas Interativas: prática de ação comunicativa e convivência .....	45
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	<b>52</b>
2.1 Objetivo Geral .....	52
2.2 Objetivos Específicos .....	52
<b>3. PERCURSO METODOLOGICO</b> .....	<b>53</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DO TRABALHO DE CAMPO</b> .....	<b>59</b>
4.1 Histórias de Vida ‘delas’: uma releitura .....	64
4.1.1 A história de Ágatha .....	64
4.1.2 A historia de Agraciada .....	67
4.1.3 A história de Bela Flor .....	72
4.1.4 A historia de Luz Própria .....	77
4.1.5 A história de Paraiso .....	80
4.1.6 A história de Rosa dos Ventos .....	82
4.1.7 Notas sobre as Histórias de vida “delas” .....	90
4.2 O significado da violência ‘para elas’ .....	95
4.3 Oficinas Para Elas: significado, motivação e convivência .....	99
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>111</b>
<b>REFERENCIAS</b> .....	<b>114</b>
<b>APENDICE A</b> .....	<b>119</b>
<b>APÊNDICE B</b> .....	<b>120</b>
<b>APÊNDICE C</b> .....	<b>123</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O atendimento às pessoas em situação de vulnerabilidade e violência é um desafio para as políticas públicas em seus diversos setores seja no seu enfrentamento ou prevenção, mesmo considerado todo arcabouço legal já instituído, marcado pelo período pós-constituição de 1988. Especificamente em relação às mulheres nesta situação, o desafio pode ser maior, ainda que tenhamos conquistas importantes em relação à garantia de direitos desse segmento.

No tocante ao setor saúde, em 1990, com a Lei do Sistema Único de Saúde - SUS, Lei nº 8.080, regulamenta-se serviços, a base de funcionamento do SUS e a participação popular, inaugurando um sistema público de saúde para todos independente de contribuição. Sistema este que, mesmo sendo considerado uma conquista para a sociedade brasileira e com reconhecimento internacional, na atual conjuntura, vem sofrendo com ataques, críticas, prejuízos, principalmente por parte do governo federal, que não o legitima.

Porém, mesmo em meio a adversidades no cenário atual, contando com a organização de ofertas de serviços de maneira geral, e em específico com a finalidade de atenção à mulher em situação de violência, em Belo Horizonte, experiência pautada no acolhimento a este público vem se concretizando através do Programa “Para Elas, Por Elas, Por Eles, Por Nós”.

Trata-se de um programa criado no ano de 2011 por meio da parceria entre a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG e o Ministério da Saúde/MS, com objetivo de articular ações de enfrentamento à violência contra a mulher em conjunto com os setores da Segurança Pública, Justiça, Direitos Humanos, Assistência Social, Educação e dos Movimentos Sociais, organizando uma Rede de Atenção a Mulher Vítima de Violência. O “Para Elas, Por Elas, Por Eles, Por Nós”, integra um programa maior, o Programa de Atenção Integral a Saúde da Mulher em situação de violência de iniciativa do Ministério da Saúde/ PAISM. (MELO et al, 2016).

Ainda de acordo com Melo (2016) o “Para Elas” se estrutura em seis metas que se articulam e se potencializam, a saber: realização de seminários tidos como ponto de partida do programa – um nacional e cinco macrorregionais – visando garantir a participação de profissionais diversos; a capacitação de profissionais distribuídos em todo Brasil, por meio de curso a distância; a capacitação de multiplicadores, que inclui parte ministrada a distância, acrescida de carga horária em atividades presenciais, a organização de serviços e de equipes de atenção à mulher em situação de violência, a organização de redes de Atenção à Mulher do Campo, Floresta e Águas, em situação de violência em 10 territórios de cidadania, com seus Municípios-Sede distribuídos em todas as regiões do país (os 10 municípios prioritários, foram Igarapé Miri - PA, Cruzeiro do Sul - AC, Augustinópolis - TO, Posse - GO, Santana do Matos - RN, Quixadá - CE, Irecê - BA, São Mateus - ES, Registro - SP e São Lourenço do Sul - RS); mapeamento da rede nacional de atenção à mulher em situação de violência e a produção de material técnico-científico e didático-pedagógico.

Na perspectiva de ampliar esforços que tenham a promoção da saúde como potente recurso de prevenção à violência, vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Promoção a Saúde e Prevenção da Violência em parceria com Hospital das Clínicas, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Assistência Social de Belo Horizonte e integrado ao Programa “Para Elas, Por Elas, Por Eles e Por Nós”, em setembro de 2016 teve início na cidade o funcionamento do Ambulatório de Promoção da Saúde da Mulher em Situação de Violência e Vulnerabilidade/Para Elas. Tendo suas atividades desenvolvidas no Serviço de Ginecologia do Instituto Jenny de Andrade Faria/HC, hoje mais conhecido como Ambulatório/Rede “Para Elas” foi lançado oficialmente em dezembro de 2016 no 1º Fórum de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência e 1º Fórum Para Elas, Por Elas, Por Eles, Por Nós, realizado na Faculdade de Medicina da UFMG.

Trazendo como princípios a práxis da autonomia dos envolvidos, a integralidade e a sustentabilidade, o ambulatório estrutura-se em dois pilares, sendo o primeiro o ambulatório em si

entendido como ponto de partida, constituído por atuação que mobiliza, organiza e integra recursos (...) que dessa forma, torna-se capaz de irradiar influxos para o território onde vivem as mulheres. (...) e promove o segundo

pilar, constituído por ações coletivas participativas, realizadas no território, a primeira delas sendo responsável pelo planejamento das demais. (MELO et al, 2016, p. 293).

Ou seja, o primeiro pilar contemplando oferta de cuidado integral à mulher em situação de violência e vulnerabilidade, sendo a roda de conversa articulada com cuidado individual e coletivo, interdisciplinar e multiprofissional, convencional e complementar, conectado ao segundo pilar, constituído por práticas coletivas comunitárias, a saber: as oficinas nos territórios. Oficinas realizadas nos lugares onde vivem e trabalham as mulheres atendidas no ambulatório/Rede Para Elas, e que acontecem com a participação de profissionais do Para Elas e da Rede de serviços públicos.

Temos então na integração desses dois pilares: ambulatório no Instituto Jenny Farias e ações coletivas no território um “*esforço contínuo e cotidiano de comunicação, intercâmbio e cooperação entre serviços, profissionais, cidadãos e usuárias.*” (MELO et al, 2016, p. 291).

Para a organização das suas ofertas, o Ambulatório/Rede “Para Elas” conta com a atuação de trabalhadores de diferentes áreas do conhecimento que engloba profissionais do HC, alunos do mestrado e voluntários que se identificam e se encantam com a proposta. Trabalhadores que compõe uma equipe multidisciplinar que tem como base a promoção da saúde e prevenção da violência, em atendimentos que acontecem nas sextas feiras de 08:00 as 12:00 horas.

Na prática, a chegada das mulheres ao Ambulatório/Rede “Para Elas” ocorre através do encaminhamento das unidades básicas de saúde e, em meio à participação na roda, principal mecanismo de acolhida humanizada e prática coletiva que integra o atendimento ambulatorial, são direcionadas para um acolhimento individual. Nessa acolhida apresentam suas demandas, e são então direcionadas para o atendimento/acompanhamento de acordo com as especialidades ofertadas. Especialidades que passam pela ginecologia, psicologia, medicina de família, psiquiatria, serviço social, enfermagem, homeopatia, medicina ante-estresse, Reik, constelação familiar, psicopedagogia, teatro, aula de inglês, tratamento de beleza, dentre outros.

Tomando como referencia o segundo pilar da proposta de funcionamento do Ambulatório/Rede Para Elas que se constitui de ações coletivas participativas nos territórios, uma vez no ambulatório, as mulheres são também convidadas a participar das oficinas realizadas nos territórios regionais. Oficinas que funcionam como uma extensão da “roda de conversa” e propõem uma dinâmica que contemple práticas interativas visando o empoderamento das mulheres. Temos assim um movimento de vinda das mulheres ao ambulatório no HC e seu retorno ao território, propagando ações coletivas e práticas de promoção de saúde em encontros que envolvem as mulheres, os profissionais da rede de saúde e assistência social e os profissionais do Programa Para Elas. (MELO et al, 2016).

Desse modo, tem-se o traçado do Ambulatório / Rede “Para Elas” já considerando as estruturas e ofertas existentes em Belo Horizonte defendendo uma prática que efetivamente considere a mulher como protagonista da organização de uma oferta pública conjugada com participação ativa dos demais envolvidos. Ou seja, os profissionais participam e constroem a prática de promoção da saúde e prevenção da violência a partir do “tom” e direcionamento dado “Por Elas”, de modo que “elas, eles e nós” possamos ser beneficiados rumo a uma sociedade não violenta e mais participativa. De acordo com Melo et al, o que se agrega, *“resulta da melhor integração e aproveitamento do que existe: é o novo que surge, dialeticamente do “velho”, não por mágica e sim pela lógica da construção compartilhada e cooperativa”*. (2016, p. 287).

Considerando apontamentos conceituais e uma trajetória profissional da pesquisadora no âmbito das políticas públicas, especificamente no atendimento a famílias em situação de vulnerabilidade e violência, a perspectiva deste estudo foi abordar a temática da saúde da mulher a partir de seus contextos de vida. De modo especial a vinculação que elas estabeleceram com o Programa Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós, por meio da frequência e participação nas Oficinas Interativas do Ambulatório / Rede Para Elas.

Importante registrar que no percurso da pesquisadora como profissional do Serviço Social o envolvimento com questões relacionadas a famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e/ou social, foram ganhando forma de

intervenção através do atendimento em si conjugado ao trabalho em rede e, atender as pessoas sempre foi tido como um estímulo para o seu trabalho. Estímulo por que a cada atendimento algo novo se apresentava e, juntamente com cada cidadão atendido pensar em saídas para situações por vezes tão impossíveis se fazia possível.

Para um atendimento individualizado, a acolhida humanizada e a ética sempre caminharam juntas nas intervenções da pesquisadora. E para garantir a efetivação das ações em rede, a 'costura' intersetorial com outras políticas sempre foi algo necessário, principalmente porque, para o alcance e efetividade das políticas públicas, a intersetorialidade é fator relevante. Neste sentido, encontra-se no setor da Saúde, e na temática da "Promoção de Saúde e Prevenção da Violência", possibilidades de agregar mecanismos de cuidados e prevenção a serem viabilizados pelo encontro de dois setores que integram o mesmo patamar de Seguridade Social no nosso país: a Saúde e a Assistência Social.

E no encontro com as atividades de extensão do "Para Elas. Por elas, Por eles, Por nós," e com as disciplinas Bases Teórico-Metodológicas e práticas da Atenção à Mulher em situação de violência e Atenção Integral à Saúde da Mulher em Situação de Violência/EaD a pesquisadora se viu capturada pela temática da violência contra a mulher como perspectiva de estudo. Uma captura que a remeteu à sua própria história de vida não pelo horror em relação à violência silenciosa, mas pela possibilidade de encontrar saídas em relação ao horror e a dor.

A partir desse encontro a pesquisadora passa então a fazer parte das oficinas no território. E com a dinâmica das oficinas do "Para Elas" dá início a uma nova experiência em seu percurso profissional: a prática coletiva. Nova e enriquecedora, pois novas experiências lançam desafios, provocam inseguranças, mas, ao mesmo tempo, sendo numa dimensão coletiva, desperta o sentimento de pertencimento e fortalecimento, pois isolados somos frágeis. (UDE, 2002). A prática das oficinas trouxe a pesquisadora a possibilidade de acolhimento e troca permitindo um diálogo a respeito de quaisquer assuntos, sem julgamento. Isso em um espaço possível de promover 'cura' e novos significados de vida.

Nesta pesquisa, a intenção foi construir uma perspectiva de escuta lançando mão da narrativa das mulheres visando evidenciar os efeitos da violência em suas vidas sim, mas, principalmente, buscar elementos que pudessem iluminar saídas possíveis considerando o empoderamento e a autonomia como meios imprescindíveis para potencializá-las quanto ao enfrentamento da violência e a promoção do auto cuidado, sendo efetivamente protagonistas de suas histórias.

Tal proposta surgiu da intenção não apenas de ampliar conhecimentos, mas, principalmente, agregar elementos no cotidiano do trabalho que pudessem contribuir para a qualidade dos atendimentos às mulheres que vivenciaram e ainda vivenciam situações de violência, bem como fomentar intervenções outras, tendo como ponto de partida a análise de uma experiência prática, a luz da narrativa das mulheres atendidas pelo Programa. Mulheres que em muito se destacam como responsáveis pelos seus grupos familiares seja como provedoras ou cuidadoras, mas, mesmo em meio a avanços em termos de legislações que garantem direitos, permanecem sendo tratadas como “objeto” de intervenção em uma cultura machista brutal, opressora e tirana, o que contradiz a perspectiva do empoderamento e da autonomia. Tais considerações justificaram a relação do conteúdo aqui exposto, com a linha de pesquisa Saúde da Mulher em Situação de Violência.

No percurso deste estudo, em meio aos encontros com as mulheres nas oficinas e as leituras realizadas, perguntas foram sendo lançadas na intenção de aproximar do significado que as mulheres atribuíam ao fenômeno da violência visando, ao mesmo tempo, identificar alternativas para um não adoecimento e mudança de atitudes em relação ao histórico de risco e vulnerabilidades. Inúmeros questionamentos e reflexões permearam os encontros e se tornaram essenciais no percurso deste trabalho. Porém, algumas se destacaram: (1) Enquanto práticas interativas, as oficinas contribuíram para reflexões dialogadas acerca de temas complexos e desafiadores, como é o caso da violência contra a mulher? (2) As oficinas interativas funcionaram como uma extensão do principal mecanismo de acolhida humanizada e prática coletiva que compõe o Ambulatório de Promoção de Saúde da Mulher em Situação de Violência e Vulnerabilidade, realizada no Instituto Jenny de Andrade Faria /HC, na forma de cuidado integral: a *roda de conversa*? (3) Produziram ‘saídas’/‘tratamentos’ coletivas/os visando a promoção da saúde? (4) A

convivência nas oficinas interativas contribuiu para a promoção da saúde e prevenção da violência e conseqüentemente para o fortalecimento de vínculos e o empoderamento das mulheres?

Inferiu-se que a convivência construída ao longo dos encontros nas oficinas associada ao conjunto de atividades ofertadas, poderia estabelecer um contraponto ao isolamento e à segregação e uma espécie de 'proteção coletiva' tendo em vista que

[...] a proteção social humana não resulta apenas de uma capacidade individual em dar conta de necessidades e superar fragilidades, mas de um conjunto de relações e acessos aos bens coletivos que constroem a superação da desproteção por meio de múltiplas formas, dentre elas, a convivência social. [...]. Supõe um pacto para garantir medidas de prevenção e apoio baseado na solidariedade social e no processo de reconhecimento da dignidade do outro e da preservação da dignidade humana. (TORRES, 2016, p. 20).

No espaço da oficina, o convívio semanal, que passaria a integrar a rotina de vida das mulheres poderia estimular a construção de novos relacionamentos e uma agenda de atividades que viria a cumprir uma função de socialização e integração. O estar junto, compartilhar histórias, ouvir a história do outro, poderia fazer com que as mulheres se deparassem com uma nova forma de enxergar as situações de violência que perpassaram suas histórias de vida. Suas experiências poderiam ser ressignificadas e, por meio das atividades desenvolvidas, poderiam encontrar outras/novas formas de convívio que pudessem fazer diferença em suas vidas. Ao escutar umas as outras poderiam se potencializar para dizer do entendimento acerca da violência, e ainda se apropriar de conceitos já instituídos e relacionados a este fenômeno, publicizados nos diversos espaços de convivência que passariam a frequentar a partir da vinculação com o Para Elas.

Para a organização e construção deste estudo, que objetivou analisar a história de vida e as vivências de violência e seu enfrentamento entre mulheres em situação de violência, buscou-se conhecer o significado atribuído à violência pelas mulheres participantes das oficinas; identificar na narrativa das mulheres a definição das oficinas e o que as motivou a participar dos encontros, bem como compreender, sob a ótica das mulheres, a dimensão da convivência no contexto das oficinas.

Exercício desafiador uma vez que demandou estudos e um trabalho de observação

e análise dos encontros, bem como uma aproximação particularizada com algumas mulheres visando compreender a situação vivenciada e as saídas encontradas para o enfrentamento das situações de violência. Mas exercício necessário tendo em vista a importância desse debate em nossa sociedade uma vez que o direito, embora garantido em lei, caminha a passos lentos para sua efetiva materialidade; à medida que cada palavra é aqui registrada, um número expressivo de mulheres continua sendo e permanecendo vítimas da violência em suas mais variadas facetas. Por isso a importância de estar sempre atento e disposto para

[...] um trabalho incansável na perspectiva do resgate dessas mulheres como sujeitos de direitos, como seres sociais e como cidadãos. [...] desenvolvendo nessas mulheres seu poder pessoal e coletivo, resgatando-lhes a autoestima e a autoconfiança, trabalhando seu processo de fortalecimento e de emancipação. (LISBOA e PINHEIRO, 2005, p. 209).

Importante registrar que, embora o ambulatório tenha em sua nomeação Ambulatório de Promoção de Saúde para Mulheres em Situação de Violências e Vulnerabilidades/HC, neste trabalho, apenas a situação de violência foi tomada como perspectiva de uma aproximação conceitual, tanto na dimensão teórica quanto na narrativa das mulheres.<sup>1</sup>

Isto posto, na sequência deste escrito, o que se apresenta segue uma conjugação de contextualização histórica sobre promoção da saúde de maneira geral e em específico a promoção da saúde da mulher. Considerações acerca do fenômeno da violência, da violência contra a mulher e as oficinas interativas que integram o ambulatório/rede Para Elas seguido de uma reflexão aproximada do conceito de convivência como ação possibilitadora do fortalecimento de vínculos entre as mulheres e ‘ferramenta’ potente na batalha contra a violência, aspecto identificado ao longo da pesquisa realizada, também serão aqui retratadas. Apontamentos acerca da Teoria da Ação Comunicativa de Jurgen Habermas como recurso teórico para o desenvolvimento dessa pesquisa foram abordados tendo como base os estudos de Elza Machado de Melo, estudiosa deste autor. O caminho metodológico

<sup>1</sup> Para os interessados em um estudo acerca do termo vulnerabilidade, ver estudos de Bronzo (2009) que, no campo das políticas públicas, o articula não necessariamente à condição de pobreza, mas sim com a ideia de risco. Risco entendido como “*uma variedade de situações que englobam os riscos naturais (como terremotos e demais cataclismos), os riscos de saúde (doenças, acidentes, epidemias, deficiências), os riscos ligados ao ciclo de vida (nascimento, maternidade, velhice, morte, ruptura familiar), os riscos sociais (crime, violência doméstica, terrorismo, gangues, exclusão social), os riscos econômicos (choques de mercado, riscos financeiros), os riscos ambientais (poluição, desmatamento, desastre nuclear), os riscos políticos (discriminação, golpes de estado, revoltas), tal como sistematizados pela unidade de proteção social do Banco Mundial*”. (2009: 173).

percorrido para a realização da pesquisa será também apresentado, bem como uma análise dos principais resultados identificados, juntamente com algumas inquietações que ganham destaque pela voz dos sujeitos da pesquisa e da pesquisadora.

### **1.1 A Promoção da Saúde**

A necessidade de se estabelecer diálogos que contemplem a dimensão da saúde pública é pauta no cenário mundial e nacional faz longas datas. Em 1948, na carta de fundação da Organização Mundial de Saúde / OMS, a saúde foi considerada direito humano fundamental em consonância com a Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Fruto de reflexão sobre a necessidade de levar a atenção à saúde para o mais próximo possível das comunidades, em setembro de 1978 a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, tornou imperativo, por meio da Declaração de Alma-Ata, que a ação de governos para promover a saúde de todos os povos do mundo se fazia urgente. (OMS, 1978). Definindo saúde como estado de completo bem estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade, essa declaração firmou um compromisso de defesa da saúde enquanto um direito humano fundamental, que, para ser efetivamente garantido, não bastaria apenas os esforços do setor saúde, mas também o envolvimento de outros setores sociais e econômicos, de modo a beneficiar a todos, em especial aos povos dos países em desenvolvimento, de modo eficaz e cooperativo.

Em novembro de 1986, na realização da Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa, Canadá, a carta de intenções apresentada neste evento - nomeada como Carta de Ottawa -, fruto de um movimento advindo desde a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de 1978, cumpriu uma função de resposta às expectativas por uma nova saúde pública em todo o mundo. Nesta carta,

A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global. (OMS, 1986).

Esse mesmo documento, em consonância com a meta de Alma-Ata de que todos os povos até o ano 2000 alcançariam um nível de saúde adequado para se viver social e economicamente de forma produtiva tendo como prática o atendimento em saúde voltado para os cuidados primários, apresentou o conceito de Promoção de Saúde como

nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. (OMS, 1986).

Segundo as diretrizes estabelecidas mundialmente e a perspectiva de se garantir um sistema de saúde voltado para as necessidades dos povos em relação à saúde e, considerando que exatamente por meio da saúde o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida, possam ser cada vez mais consolidados, no Brasil, em meio a todo um processo de redemocratização, a saúde passou de modo efetivo a ser pauta dos movimentos bem como das articulações políticas. Fruto de movimentos de luta por garantia de direitos vinculou-se ao texto constitucional de 1988, compondo, juntamente com a Previdência e Assistência Social, o campo da Seguridade Social no Brasil, de modo a ofertar proteção social aos cidadãos.

No ano de 1988, sob o número 8.080, instituiu-se então a Lei do SUS – o chamando Sistema Único de Saúde, que já nasceu considerando as premissas instituídas pelas organizações internacionais de promoção e garantia do direito a saúde. Contrapondo-se ao seu entendimento como concessão de benefício, a saúde, no SUS, é tida como um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis para seu pleno exercício.

Desse modo, considerando os indicativos em relação às ações de promoção da saúde descritos na Carta de Otawa que

objetivam reduzir as diferenças no estado de saúde da população e assegurar oportunidades e recursos igualitários para capacitar todas as pessoas a realizar completamente seu potencial de saúde. Isto inclui uma base sólida: ambientes favoráveis, acesso à informação, a experiências e habilidades na vida, bem como oportunidades que permitam fazer escolhas por uma vida mais sadia. (OMS, 1986).

o SUS, fruto de uma junção de forças e atores políticos e institucionais, propôs um desenho de atenção congregando, dentre outros, princípios da universalidade, integralidade e igualdade como princípios doutrinários de sua constituição, de modo que a universalidade pudesse garantir, independente de contribuição, o direito a saúde a todo e qualquer cidadão. A integralidade se constituiu por meio da garantia dos serviços preventivos, curativos e coletivos através de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde dos cidadãos e igualdade numa perspectiva de assistência a todos sem preconceitos ou privilégios de qualquer forma. (BRASIL, 1990).

Alinhada com a concepção da Carta de Ottawa e aos princípios e diretrizes do SUS, em março de 2006, sob o número 687, instituiu-se, por meio de portaria ministerial, a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) brasileira, que definiu como promoção da saúde

[...] uma estratégia de articulação transversal na qual se confere visibilidade aos fatores que colocam a saúde da população em risco e às diferenças entre necessidades, territórios e culturas presentes no nosso País, visando à criação de mecanismos que reduzam as situações de vulnerabilidade, defendam radicalmente a equidade e incorporem a participação e o controle sociais na gestão das políticas públicas. (BRASIL, 2006, p. 12).

No ano de 2014 o Ministério da Saúde propôs a revisão da PNPS de modo a aprimorar e garantir a integralidade na atenção à saúde, contando para tanto com a participação de movimentos sociais, instituições de ensino e setores da política pública de saúde, quando reafirmou diretrizes e princípios já contidos no documento de 2006.

Em artigo que traz uma análise da Política Nacional de Promoção da Saúde / PNPS, *Who* e Buss *apud* Malta et al (2016), destacam a promoção da saúde como conjunto de estratégias que visam atender necessidades sociais de saúde e garantir qualidade de vida das pessoas, tomando como base a compreensão de saúde adotada pelo SUS. Tal compreensão abarca aspectos culturais, sociais, econômicos

no conceito de promoção da saúde, visando romper com uma lógica histórica de tratar a saúde apenas como ausência de doença.

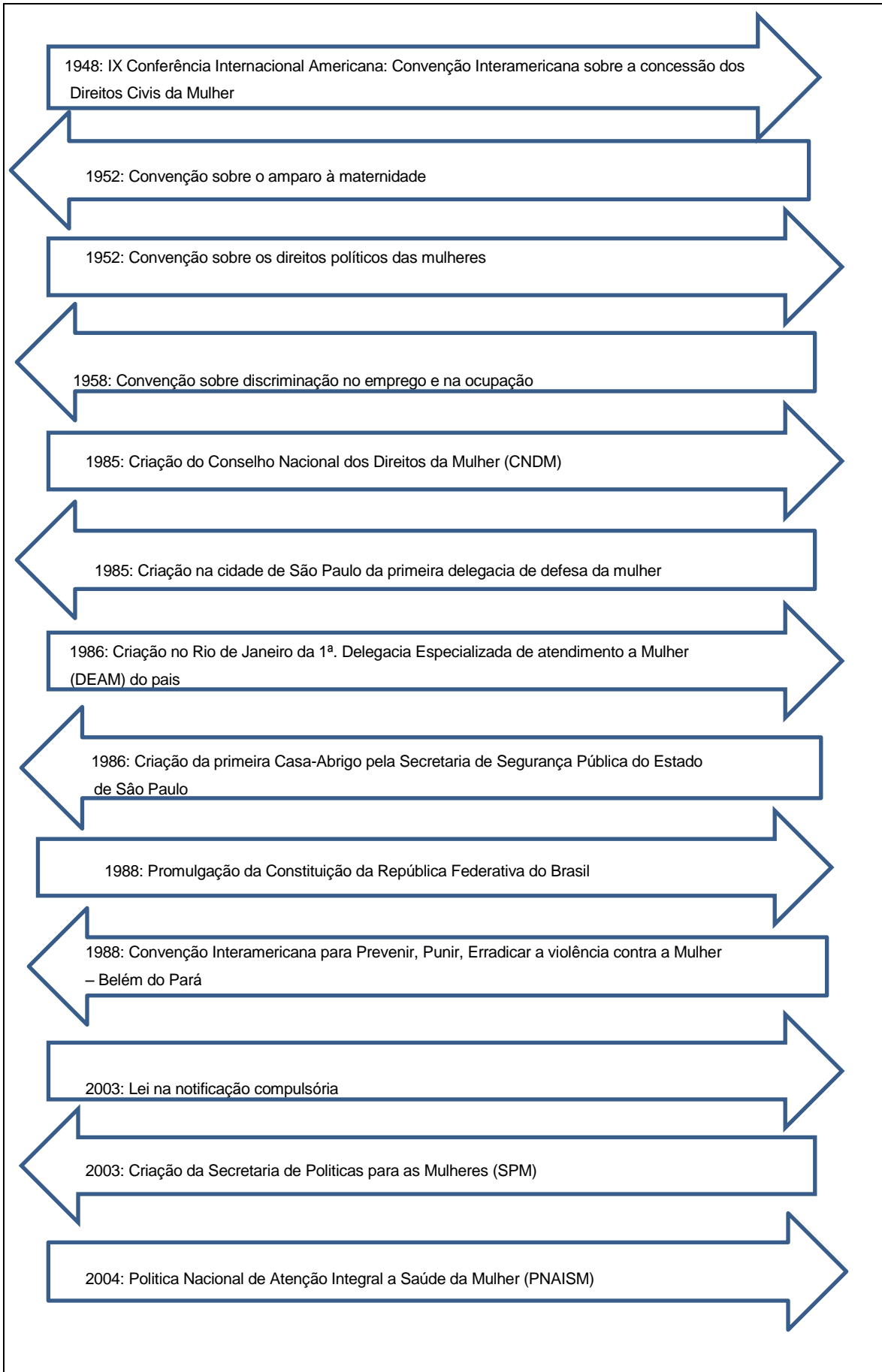
Mantida enquanto um compromisso institucional do SUS, a Política Nacional de Promoção da Saúde, é tida “*como conjunto de estratégias e formas de produzir saúde, no âmbito individual e coletivo, visando atender às necessidades sociais de saúde e garantir a melhoria da qualidade de vida da população*”. (MALTA et al, 2016, p. 1684). Ao longo de sua existência veio ganhando materialidade por meio das ações de saúde que, pautadas em uma lógica participativa, intersetorial e priorizando a atenção primária, busca oportunizar aos cidadãos escolhas mais favoráveis à saúde. Escolhas que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida e, desse modo, fazer com que o SUS de fato, não sem dificuldades, sustente o propósito de manter a saúde como direito.

## **1.2 Promoção da Saúde da Mulher**

As políticas de atenção à saúde da mulher, contam com os movimentos sociais atuando de forma participativa em conferências, acordos internacionais e convenções com temas voltados para a questão feminina, na construção de políticas públicas. Com base em Melo (2016) tem-se o traçado de uma linha do tempo com os principais marcos na história de luta pela efetivação dos direitos das mulheres em uma dimensão nacional e internacional.

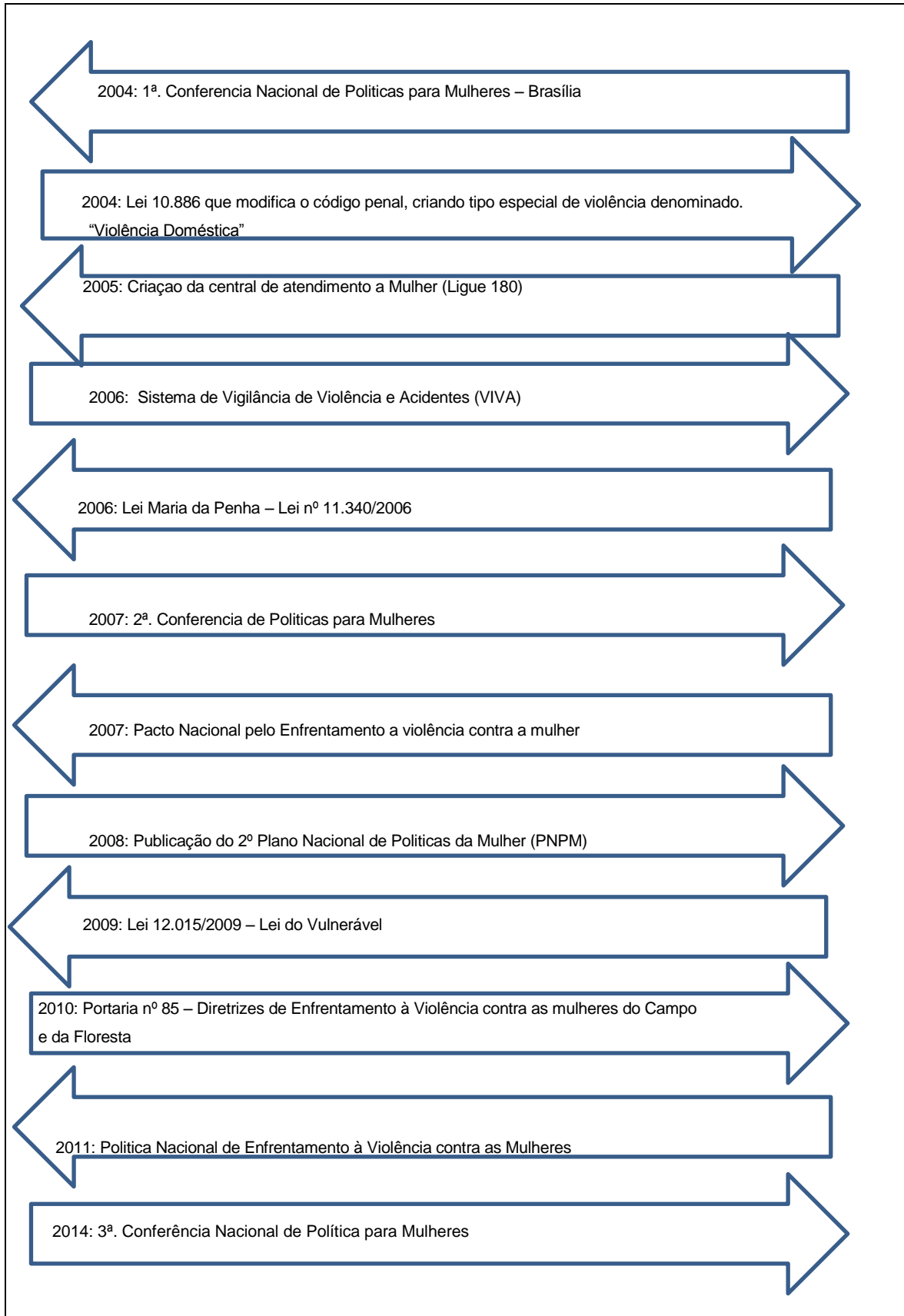
### **LINHA DO TEMPO**

A linha do tempo traça numa dimensão temporal e histórica, todo um percurso de luta e intervenções que foram dando sustentação a um desenho político afeto à garantia de direitos das mulheres, principalmente no que tange às situações que envolvem violência de gênero, retratando um movimento mundial com rebatimentos em cada nação. O traçado aqui apresentado retrata mais especificamente algumas das conquistas relacionadas à garantia de direitos das mulheres no cenário brasileiro, tendo como referencia marcos internacionais.



Fonte: Adaptado a partir da elaboração de Melo (2016, p. 128-138).

### QUADRO 1: LINHA DO TEMPO - Continuação



Fonte: Adaptado a partir da elaboração de Melo (2016, p. 128-138).

Desde a carta das Nações Unidas de 1945 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, documentos dos quais o Brasil é signatário, a luta pela garantia de direitos das mulheres ganha proporção de evidência e crescimento. Seguindo uma lógica de conferências e convenções mundiais, no Brasil, tais organizações também foram ganhando visibilidade. E estes acontecimentos foram se desdobrando em práticas de trabalho não apenas por meio de dimensões prescritivas, mas pela organização de conselhos e execução de serviços. (MELO e MELO, 2016).

Na sequência dos escritos que contextualizam todo um processo de luta pela garantia de direitos das mulheres desenvolvidos por Melo e Melo (2016), no ano de 1985, antes mesmo da promulgação da nossa Constituição da República, foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNDM, por meio da Lei nº 7353/1985, que trazia como objetivo a promoção de políticas contrárias à discriminação da mulher, bem como a garantia de sua participação em atividades políticas, econômicas e culturais no país. A partir da criação do CNDM, foram criadas no país, mais especificamente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, as Delegacias de Mulheres, consideradas como a principal política pública de combate à violência contra a mulher em nosso país. Em 1986, criou-se a primeira casa-abrigo no Estado de São Paulo, denominada Centro de Convivência para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica (CONVIDA), com a finalidade de atender mulheres em situação de risco de morte. Foi o primeiro abrigo deste tipo no país e tinha vinculação com a Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo.

Em 2003, com a criação da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, o CNDM integra-se a esta secretaria e as políticas públicas para as mulheres passam então a serem construídas com envolvimento dos atores governamentais e também da sociedade civil. Importante destacar que a criação da Secretaria de Políticas para Mulheres teve como objetivo possibilitar a definição de políticas para as mulheres considerando o diálogo entre os movimentos de mulheres e feministas. Desde então, uma série de ações foram tomando proporção de crescimento, tendo em vista a prevenção, o combate e o enfrentamento da violência contra as mulheres, já em uma perspectiva ampliada e de convergência entre as políticas de saúde,

segurança, assistência social, direitos humanos, cultura, dentre outras. (MELO e MELO, 2016).

Importante também destacar que toda essa organização trouxe um alinhamento conceitual no que tange à questão da violência contra a mulher. No mesmo ano de criação da secretaria de políticas para Mulheres, criou-se também a lei de Notificação compulsória dos casos de violência contra mulheres que fossem atendidas em serviços de saúde, públicos ou privados. A notificação implica na obrigatoriedade dos profissionais de saúde a darem conhecimento de todos os atendimentos às vítimas de violência.

No ano de 2004, por meio da articulação do Ministério da Saúde com vários setores e também com os movimentos sociais, em especial os movimentos de mulheres e feministas, foi criada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher - PNAISM. A PNAISM traz como destaque a necessidade de redução da morbiletalidade feminina no Brasil, de modo especial aquelas decorrentes de causas evitáveis. (MELO, 2016).

Em 2005, criou-se a central de atendimento à mulher – o Ligue 180, e em 2006 a Lei de nº 11.340, foi sancionada. Conhecida como a Lei Maria da Penha, foi criada com a intenção de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, bem como para estabelecer medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar, sendo atualmente ferramenta legal imprescindível para o enfrentamento à violência contra as mulheres no Brasil. (MELO e MELO, 2016).

A Lei Maria da Penha se tornou um marco legal e institucional, a partir da história vivida e sofrida por uma mulher. Maria da Penha Maia Fernandes foi vítima de violência doméstica crônica praticada pelo seu marido durante quase duas décadas. Ela se tornou símbolo da luta contra a violência doméstica e familiar, pois conseguiu sobreviver após duas tentativas de homicídio por parte do ex-marido e suportar todo um processo de injustiça e impunidade, pois, mesmo tendo sido denunciado ao Ministério Público e condenado, o agressor, devido a uma série de medidas

protelatórias, permaneceu em liberdade por quase vinte anos. (CAIXETA et al, 2016).

A Lei de Nº 11.340/2006 destaca em seu sétimo artigo cinco formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, a saber: Violência Física, Violência Psicológica, Violência Sexual, Violência Patrimonial e Violência Moral, e prevê punições para o agressor e medidas protetivas para vítima, de modo que, em caso de descumprimento por parte do agressor em relação à punição, tal comportamento passa a ser considerado crime. (BRASIL, 2006). No entanto, embora tal legislação possa ser considerada um avanço no que se referem às intervenções protetivas em relação à mulher/vítima, no que se refere ao agressor e sua devida responsabilização criminal, deixa a desejar.

Ressalta-se que no ano de 2016, exatamente dez anos após a promulgação da Lei Maria da Penha, 4.645 mulheres foram assassinadas no país, o que representa uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. (IPEA, 2018). Em 2018 e já em 2019, inúmeros casos de feminicídio vem ganhando destaque na sociedade em geral, gerando sentimentos de indignação e revolta, principalmente em relação aos casos em que as vítimas já haviam registrado denuncia nas delegacias específicas e, de certa forma, podiam se considerar amparadas pelas ditas medidas protetivas. No entanto, em muitos casos, tais medidas não tem se mostrado efetivas, o que nos faz pensar que mesmo com o instituto da lei nos deparamos com muitas lacunas no tocante a efetiva proteção às vítimas e a devida responsabilização do opressor.

Em consonância com a Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), com convenções e tratados internacionais ratificados pelo Brasil, que visam prevenir e combater a violência contra as mulheres, em 2011 foi criada a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres que traça eixos estruturantes no que se refere ao enfrentamento à violência contra a mulher, bem como a sustentação de toda uma rede de apoio e proteção.

Neste sentido, é importante ressaltar que permanecer no enfrentamento de todas as formas de violência de gênero é um caminho sem volta. (IPEA, 2018). Mas é necessário dar materialidade aos desenhos institucionais de redes de proteção já

propostos. Ações que venham fortalecer as mulheres e dar a elas condições de empoderamento, de rompimento com o ciclo da violência são urgentes, uma vez que, leis e políticas públicas, mesmo sendo relevantes, ainda não estão sendo suficientes para impedir que vidas de mulheres sejam tiradas de formas tão brutais.

Isto posto, é possível considerar que no Brasil, embora ainda predomine uma cultura machista e opressora, ao longo dos anos, importantes conquistas foram se tornando realidade no que tange a garantia de direitos das mulheres. Permanecer dando visibilidade ao tema violência contra a mulher é de extrema importância por trazer esclarecimentos em relação a este fenômeno e poder contribuir para que as mulheres que são acometidas pela violência possam buscar auxílio, proteção.

### **1.3 Prevenção da Violência e Promoção da Saúde “Para Elas”**

O conteúdo apresentado a seguir tem a finalidade de tecer considerações acerca do fenômeno da violência, violência contra a mulher e, na sequência, desenvolver algumas reflexões teóricas que fazem contraponto a este fenômeno. Teoria da Ação Comunicativa, algumas definições acerca de oficina e oficinas interativas acrescidas de apontamentos sobre a convivência como forma de contribuir com a promoção da saúde e prevenção da violência, são apresentadas enquanto perspectivas de enfrentamento à violência. Registra-se que diversos estudos relacionados à temática da violência e alternativas para seu enfrentamento vem sendo desenvolvidos a partir da vinculação de estudantes/pesquisadores ao Mestrado Profissional de Promoção da Saúde e Prevenção da Violência que integra o Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG – MPS/FM/UFMG. Este estudo especificamente, como já dito, teve como *lócus* de atuação da pesquisadora nas oficinas interativas do Ambulatório / Rede “Para Elas”, interligado ao Programa Para Elas, Por Elas, Por Eles, Por Nós, que faz parte das atividades de extensão da UFMG/FM.

#### **1.3.1 A(s) violência(s)**

A violência se apresenta de várias formas e caracteriza-se como um grave problema social, econômico e de saúde pública, tanto por sua magnitude e abrangência quanto por seus impactos na área social, econômica e de saúde, afetando indivíduos, famílias, a sociedade como um todo. Pode ser considerada como toda forma de manifestação de força bruta – para além da dimensão física – que oprime e tem a capacidade de anular/silenciar vítimas e ‘empoderar’ o opressor. A violência é todo ato que causa dor seja ela praticada por meio da força física, seja por gestos, palavras; implica em poder e dominação entre os seres humanos, em disputa.

A filósofa Marilena Chauí aborda em seus estudos a temática da violência, e a descreve considerando a etimologia da palavra:

vem do latim *vis*, força e significa: 1. tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2. todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3. todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4. todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade definem como justas e como um direito (é espoliar ou a injustiça deliberada); 5. conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e pela intimidação, pelo medo e pelo terror. A violência é a presença da ferocidade nas relações com o outro enquanto outro ou por ser um outro, sua manifestação mais evidente se encontra na prática do genocídio e na do *apartheid*. É o oposto da coragem e da valentia porque é o exercício da crueldade. (2017, p. 35-36).

Considerada uma das principais filósofas do século XX, a pensadora política Hannah Arendt, ao longo de sua carreira, contribuiu com reflexões acerca da temática da violência numa perspectiva que envolve poder e política. Arendt, de família judia residente na Alemanha da segunda guerra mundial, vivenciou a violência da guerra, acompanhando de perto a perda dos direitos de cidadania dos judeus, o que de certa forma teve impacto em sua própria história.

Arendt (2010) descreve que *“a forma extrema de poder é Todos contra Um; a forma extrema da violência é Um contra Todos. E essa última nunca é possível sem instrumentos”*. (p. 58). Na busca pela distinção entre poder e violência, ela busca trabalhar com as definições de vigor, força e autoridade de modo que vigor quer dizer algo no singular, inequívoco, uma propriedade de alguém; já a força é definida como sinônimo de violência pelo fato de servir como coerção em seu exercício; e a

autoridade é investida em pessoas. Diz do reconhecimento àqueles a quem se pede que obedeça, sem persuasão. (ARENDET, 2010).

E tendo como referencia uma linha de raciocínio que traz a dimensão da politica como objeto de estudo, ela discorre sobre violência e poder, considerando poder como a capacidade de agir em 'concerto', e a violência o agir sem argumento.

Politicamente falando, é insuficiente dizer que poder e violência não são o mesmo. Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder esta em risco, mas deixada a seu próprio curso, conduz à desapareção do poder. Isso implica ser incorreto pensar o oposto da violência com a não violência; falar de um poder não violento é de fato redundante. A violência pode destruir o poder; ela é absolutamente capaz de cria-lo. (Arendt, 2010, p. 73-74).

E prossegue dizendo que a violência caracteriza-se como sendo um recurso para alcançar um objetivo, distinguindo-se do poder. A política constitui-se como o campo de interpretação da violência, que não é nem natural, nem irracional. A autora afirma que:

[...] nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, isto é, uma manifestação do processo vital, eles pertencem ao âmbito político dos negócios humanos, cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem para agir, a habilidade para começar algo novo. (Arendt, 2010, p. 103).

Hannah Arendt (2010) considera que a violência advém das relações humanas marcadas pela ausência de diálogo e pela instrumentalização do sujeito. Instrumentalização que faz parte da natureza da violência de modo que, onde há violência o poder do consenso já foi quebrado, pois, reafirmando, a violência destrói o poder, não o cria. A afirmação absoluta de um significa ausência do outro.

Hannah Arendt *apud* Minayo (2006), ao dissertar sobre a temática em discussão sinaliza que

a violência serve para dramatizar causas e trazê-las à consideração pública. Ou seja, a violência incomoda, é uma pedra no sapato e por isso obriga a todos os que estão acomodados em seu bem-estar a pensar que tudo o que ocorre pode estar relacionado com eles e ninguém escapa de seu raio de influência. (p.37).

Quando tomamos a perspectiva do senso comum é possível que um sujeito faça uso da violência em determinadas circunstâncias de vida, objetivando a própria sobrevivência. Dai a questão: existem praticas de violência que podem ser aceitáveis? Justificáveis? O pensamento de Arendt contribui para a reflexão de que

a violência pode até ser pensada como uma estratégia em determinadas situações, mas não poder ser um fim em si mesmo. E neste sentido, tendo como *lócus* o campo da saúde, abordar a questão da violência numa dimensão prática e também teórica implica em buscar elementos para uma reflexão que auxilie na compreensão desse fenômeno mas que vise, também, a possibilidade de ser pensar em estratégias de enfrentamento e cuidado às vítimas.

Tendo como preceitos referencias que tratam da questão da violência relacionada ao campo da saúde, numa perspectiva mundial, violência é considerada fenômeno social e grave problema de saúde pública, e definida pela Organização Mundial de Saúde/OMS como

uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (KRUG et al., 2002, p. 5).

Embora essa definição, de dimensão internacional, tenha sido muito importante tanto para o aprofundamento dos estudos em relação ao fenômeno da violência quanto para a constituição de políticas públicas e estratégias para seu enfrentamento, conceitos mais ampliados se agregam ao debate, visto que a intencionalidade não é suficiente para explicar tal fenômeno. A violência está incorporada em processos de socialização de homens e mulheres, não sendo apenas provocada por intenção e/ou vontade uma vez que se ancora também na perspectiva da socialização, da cultura, da formação patriarcalista ainda presente em nosso país. Conforme Minayo a violência *“é parte intrínseca da vida social e resultante das relações, da comunicação e dos conflitos de poder.”* (2006, p. 15).

Nesse sentido, temos uma violência caracterizada por sua complexidade e que apresenta elementos multifacetados. As causas de sua existência podem estar associadas a fatores diversos que se dão no ambiente social público e privado.

Em estudos acerca da violência, Melo (2010) a conceitua como qualquer situação na qual há perda de reconhecimento mútuo por parte dos sujeitos de forma que estes são suplantados à condição de objeto por intermédio de qualquer mecanismo de coerção como uso de poder e força física. Para essa mesma autora, a violência será definida como *“qualquer situação em que um ator social perde a sua condição*

*de sujeito frente a outro, sendo então rebaixado à condição de objeto*". (MELO, 2007 p. 91-92). Definição que se aproxima da concepção de Chauí, que, na lógica dominação e dominado, considera a violência como ação *"que trata o ser humano não como sujeito, mas como uma coisa (...)"*, violência que *"se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio, de modo que quando a atividade e a fala de outrem são impedidas, há violência."* (1985, p. 35).

Minayo (2006) por sua vez considera impossível estudar a violência de forma compartimentalizada e com foco em apenas uma disciplina. De acordo com o pensamento dessa autora, pesquisadora deste tema há mais de duas décadas, a violência se constitui como um fenômeno complexo e multicausal que nos atinge emocionalmente e fisicamente, pois *"consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e coletividades."* (2013, p. 23).

Em estudo desenvolvido acerca da relação do fenômeno violência com a adolescência, Minayo (1990) classificou a violência brasileira como estrutural, revolucionária ou de resistência e da delinquência. Embora se trate de um estudo elaborado na década de 90, seu conteúdo é atual e expressa em muito o que vivenciamos em nossa sociedade ainda hoje. Destaca-se:

a) a violência estrutural, como aquela que nasce no próprio sistema social, criando as desigualdades e suas consequências, como a fome, o desemprego, e todos os problemas sociais com que convive a classe trabalhadora. Estão aí incluídas as discriminações de raça, sexo e idade. Cuidadosamente velada, a violência estrutural não costuma ser nomeada, mas é vista antes como algo natural, a-histórico, como a própria ordem das coisas e disposições das pessoas na sociedade. b) a violência revolucionária ou de resistência, como aquela que expressa o grito das classes e grupos discriminados, geralmente de forma organizada, criando a consciência da transformação. Do ponto de vista dos dominantes, as formas de resistência e denúncia são vistas como insubordinação, desordem, irracionalidade e disfunção. O debate sobre a legitimidade ou não da violência revolucionária tem atravessado a filosofia da história. c) a delinquência seria uma terceira forma de violência presente em nossa sociedade. Compreende roubos, furtos, sadismos, seqüestros, pilhagens, tiroteios entre gangs, delitos sob o efeito do álcool, drogas etc. Essa é a forma mais comentada pelo senso comum como violência. É importante entender que a delinquência não é um fenômeno natural e muito menos pode ser explicada pela conduta patológica dos indivíduos e muito menos ainda como atributo dos pobres e negros. O aumento da criminalidade se alimenta das desigualdades sociais, da alienação dos indivíduos, da desvalorização das normas e valores morais, do culto à força e ao machismo, do desejo do lucro fácil e da perda das referências culturais. (MINAYO, 1990, p.290).

Fazendo uma releitura da classificação feita na década de 90 em relação a violência em nossa sociedade, encontramos na mesma autora as seguintes formas de violência: criminal, estrutural, institucional, que por sua vez pode contemplar formas de violência que passam pela violência interpessoal à violência racial. (MINAYO, 2013). Em um estudo que trata sobre conceitos, teorias e tipologias da violência, ela descreve violência criminal como aquela praticada através de agressão grave às pessoas e constitui objeto de prevenção e repressão por parte das forças de segurança pública: polícia, ministério público e poder judiciário. Situações consideradas gravíssimas como a exploração sexual, exploração do trabalho infantil, tráfico de seres humanos, dentre outros são exemplos de violência criminal. Já em relação à violência estrutural, essa

Diz respeito às mais diferentes formas de manutenção das desigualdades sociais, culturais, de gênero, etárias e étnicas que produzem a miséria, a fome, e as várias formas de submissão e exploração de umas pessoas pelas outras. Mais cruel é a violência que mantém a miséria de grande parte da população do país. Todos os autores que estudam o fenômeno da miséria e da desigualdade social mostram que sua naturalização o torna o chão de onde brotam várias outras formas de relação violenta. (MINAYO, 2013, p.22).

Considerando que permanecemos em uma sociedade injusta e desigual é possível mencionar uma série de situações que retratam a violência estrutural em nosso meio: a violência da fome, do desemprego, das diversas formas de exploração, do crime organizado, da corrupção, intolerância, do racismo, dentre outras. Violências produzidas e reproduzidas a todo tempo pela lógica da punição, repressão, preconceito. Uma violência avassaladora já na década de 90, e que permanece nos dias de hoje, neste cenário de desmonte de garantias de direitos, direitos humanos inclusive, duramente conquistados e reconhecidos pela nossa constituição de 1988.

Aquela que acontece dentro das instituições e, não raro, nos equipamentos públicos que integram as políticas de saúde, educação, assistência social, dentre outras, é identificada por Minayo (2013) como violência institucional, e é caracterizada por suas regras e normas de funcionamento, e quando se nega ou negligencia um serviço. A violência pode também ser intrafamiliar, autoinflingida ou cultural. No tocante a violência intrafamiliar, ela *“diz respeito aos conflitos familiares transformados em intolerância, abusos e opressão”* (p.34) e suas manifestações mais comuns *“são as que submetem a mulher, as crianças e os idosos ao pai, ao*

*marido e ao provedor.*” (p. 35). Os suicídios, as tentativas, as ideações de se matar e as automutilações são consideradas formas de violência auto-infligida.

Por violência cultural entende-se

aquela que se expressa por meio de valores, crenças e práticas, de tal modo repetidos e reproduzidos que se tornam naturalizados. Nessa categoria podem ser classificadas todas as formas de violência que são naturalizadas na cultura de um povo, de um grupo ou de uma sociedade. A cultura reúne as formas de pensar, sentir e agir de uma sociedade, por meio da comunicação, da cooperação e da repetição dessas ações. Toda cultura tende a adotar como certos alguns comportamentos e práticas, e a rechaçar outros. A violência cultural se apresenta inicialmente sob a forma de discriminações e preconceitos que se transformam em verdadeiros mitos, prejudicando, oprimindo ou às vezes até eliminando os diferentes. Nesse sentido se fala de grupos vulneráveis que na nossa sociedade são, principalmente: crianças e adolescentes, idosos, mulheres nas relações de gênero, homossexuais, deficientes físicos e mentais, moradores de favelas, dentre outros. (MINAYO, 2013, p.36).

Para Minayo, a violência de gênero, que faz parte da violência que se manifesta culturalmente,

Constitui-se em formas de opressão e de crueldade nas relações entre homens e mulheres, estruturalmente construídas, reproduzidas na cotidianidade e geralmente sofridas pelas mulheres. Esse tipo de violência se apresenta como forma de dominação e existe em qualquer classe social, entre todas as raças, etnias e faixas etárias. Sua expressão maior é o machismo naturalizado na socialização que é feita por homens e mulheres. A violência de gênero que vitima sobretudo as mulheres é uma questão de saúde pública e uma violação explícita aos direitos humanos. [...]. Os perpetradores costumam ser parceiros, familiares, conhecidos, estranhos ou agentes do Estado. (GOMES et al., 2005). Fazer da mulher a vítima no espaço conjugal é uma das maiores expressões de violência de gênero e tem sido um dos principais alvos da atuação do movimento feminista e das políticas do Ministério da Saúde que, nos últimos 50 anos, vem buscando desnaturalizar os abusos, os maus-tratos e as expressões de opressão. (2013, p.36-37).

E esse fenômeno chamado violência, já tão naturalizado em nossa sociedade embrutecida e sustentada pelas relações de poder, traz, na prática da violência de gênero, sobretudo para com as mulheres, a demarcação de força bruta com um grau elevado de aceitação, dominação, machismo. Assim sendo,

A violência contra a mulher constitui uma questão de saúde pública, além de ser uma violação explícita dos direitos humanos. Estima-se que esse problema cause mais mortes às mulheres de 15 a 44 anos que o câncer, a malária, os acidentes de trânsito e as guerras. Suas várias formas de opressão, de dominação e de crueldade incluem assassinatos, estupros, abusos físicos, sexuais e emocionais, prostituição forçada, mutilação genital, violência racial e outras. (GOMES, MINAYO e SILVA, 2005: p.119).

Em documento institucional intitulado Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, documento que vem para compor o traçado institucional no tocante a política que visa garantir às mulheres assistência e direitos, a violência contra a mulher é:

entendida no contexto das relações desiguais de gênero, como forma de reprodução do controle do corpo feminino e das mulheres numa sociedade sexista e patriarcal. As desigualdades de gênero têm, assim, na violência contra as mulheres, sua expressão máxima que, por sua vez, deve ser compreendida como uma violação dos direitos humanos das mulheres. (BRASIL, 2011, p. 21).

São inúmeras formas de inferiorização, subordinação, abusos, num ciclo que parece não ter fim. Por isso tais apontamentos conceituais associados a produção de documentos institucionais que se propõe a traçar princípios e diretrizes para uma política que garanta direitos a mulher em situação de violência, se tornam relevantes nos processos formativos de profissionais que atuam ou pretendem atuar com esta temática, seja na dimensão do enfrentamento, proteção, promoção, cuidado. Por isso se faz necessário permanecer buscando meios de romper com as práticas machistas e de subalternização, culturalmente tão enraizadas no nosso sistema.

De acordo com Saffioti, *“calcula-se que o homem haja estabelecido seu domínio sobre a mulher há cerca de seis milênios”* (1987, p.47) o que somente confirma e reforça a cultura patriarcal em nossa sociedade. Ou seja, estamos nos referindo a uma prática milenar que contribui cada vez mais para o acometimento da violência de gênero em mulheres e crianças e adolescentes de ambos os sexos.

A violência, a luz dos conceitos descritos, conjugados com o cotidiano de sujeitos em riscos, pode produzir sensações/sentimentos de fragilidades, incertezas e desproteção. Situações que, vivenciadas pelos sujeitos de forma isolada ocasionarão danos físicos, mentais e emocionais, quem sabe, irreversíveis.

No campo das políticas públicas de proteção, campo inclusive que contempla a saúde e assistência social como setores responsáveis por acolher cidadãos em situação de violência objetivando a garantia de cuidado integral e mínimos sociais que possibilitem uma vivência/sobrevivência digna, a lida com situações que envolvem o risco, seja para o cidadão/usuário, ou para o cidadão/trabalhador deste

campo/setor, se torna um desafio diário, no tocante ao enfrentamento ou prevenção desse fenômeno.

Neste sentido se faz necessário pensar em estratégias de prevenção associadas ao enfrentamento e intervenções de proteção e promoção das pessoas que se tornam vítimas das múltiplas formas de violências. E pensar em prevenção, em antídotos, em viabilizar formas de interromper a natureza mutante da violência, se torna responsabilidade dos setores governamentais, não governamentais, da sociedade de maneira geral.

Especificamente nos setores públicos seja no campo da oferta de serviços de saúde ou no meio acadêmico por meio das práticas de extensão, experiências de trabalho são realizadas seja através de intervenções mais particularizadas ou coletivas. O importante é que as pessoas que vivenciam situações de violência possam contar com formas de tratamento humanizadas que visem, se não romper, ao menos minimizar, os efeitos que a violência, não apenas na sua dimensão física mas também psíquica e simbólica, gera naqueles que a ela são submetidos.

### **1.3.2 Teoria da Ação Comunicativa e a Promoção de Saúde**

Jurgen Habermas é sociólogo e filósofo alemão, importante intelectual contemporâneo defensor de uma teoria social crítica que tem como base a linguagem e o seu uso na prática comunicativa cotidiana. Em seus estudos, Habermas toma como princípio a razão comunicativa que se revela na capacidade de ação dos sujeitos sociais estabelecerem interlocuções com os seus pares de modo a atingir entendimentos linguísticos.

Trata-se de um pensador que concebe a sociedade como mundo da vida e como sistema a partir do conjunto de uma obra erudita e de riqueza intelectual que não será neste estudo considerada em sua totalidade, mas sim, especificamente, no tocante a sua Teoria do Agir Comunicativo, tida como teoria da reflexividade da ação social, fundamento da práxis de autonomia dos cidadãos. Ação capaz de

transformar atores sociais em autores, capazes de influenciar e/ou contribuir para tomadas de decisão na vida, o que justifica a escolha por essa abordagem teórica que terá como base os trabalhos de Melo (2016, 2010, 2007, 2005), pesquisadora das obras de Habermas.

Melo (2010), em conformidade com Habermas, destaca que a fala, expressada por meio da linguagem é a ação que possibilita o processo de obtenção do acordo racional entre sujeitos, de modo que

O que está em jogo nesse acordo é exclusivamente a força das razões apresentadas, portanto, o argumento, e, exatamente por isso, por não envolver nenhuma outra coerção, a relação que se estabelece é de intersubjetividade – todos os atores envolvidos se reconhecem reciprocamente como sujeitos. Quando uma interação, isto é, uma ação que envolve mais de um sujeito tem como mecanismo coordenador da ação o entendimento linguístico, então, “*neste caso e apenas nele, tem-se a ação comunicativa*”. (MELO, 2010, p. 5).

Neste sentido, entendimento linguístico é considerado um processo estabelecido na relação

sujeito-sujeito, mediada pela linguagem no seu uso comunicativo cotidiano - a fala. É, pois, um acordo racionalmente alcançado ou o processo pelo qual se alcança esse acordo sem que qualquer tipo de coerção seja utilizado - esse acordo é produzido exclusivamente pelas energias vinculantes da linguagem. (MELO, 2007, p.92).

Se o entendimento linguístico, ao funcionar como elemento de coordenação de uma ação coletiva, terá como consequência a ação comunicativa é importante apontar que tal ação assume funções relacionadas à cultura, à sociedade e personalidade.

Em relação à cultura irá

realizar a reprodução cultural, isto é, a *reprodução e renovação do saber válido*; no que diz respeito à sociedade, *garantir integração social e produzir solidariedade*, logo, estabilidade das ordens sociais, e, no que diz respeito à personalidade, promover os processos de *socialização*, que formam sujeitos capazes de fala e ação. Dessa forma, ação comunicativa e mundo na vida se relacionam de forma circular: os sujeitos que interagem "uns com os outros" utilizando a linguagem são ao mesmo tempo produto e produtores do contexto onde estão inseridos. (MELO, 2007, 92).

Temos assim a ação comunicativa fundamentada no conceito de interação, a ação que envolve mais de um sujeito, tida como a capacidade dos sujeitos se relacionarem de forma coesa. Envolve o aspecto do entendimento pelo qual os participantes interpretam consensualmente a situação da ação e realizam seus planos “*cooperativamente*” e o aspecto teleológico relativo aos planos de cada um

destes participantes (MELO, 2005), vai ocorrer sempre dentro do mundo da vida. Mundo da vida aqui considerado como

conjunto de saberes pré-teóricos, implícitos e que, compartilhados pelos participantes da interação e colocados às suas “costas”, formam o horizonte da situação que vivenciam e garantem os recursos utilizados por eles para que se entendam uns com os outros numa dada situação. Assim, ao estabelecer relações intersubjetivas mediadas pela linguagem, podem coordenar as suas ações coletiva e cooperativamente. Ação comunicativa e mundo da vida se relacionam de forma circular: o mundo da vida forma o contexto e provê os recursos para que os atores possam se entender uns com os outros e agir de forma cooperativa e concertada; a ação comunicativa é o meio pelo qual o mundo da vida se reproduz. (MELO, 2010, p.11).

Na Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, a sociedade será então concebida segundo dois âmbitos: mundo da vida, representado pela esfera privada e pela esfera pública, e sistema, representado pela economia e pelo poder administrativo, onde se constroem relações pautadas pelo controle, poder e dinheiro. O que é retratado em nossa sociedade capitalista, que produz cotidianamente terreno fértil para violência e mais violência. Pensando a sociedade na dimensão de sistema, Melo et al. (2016, p. 30) aponta que

Cada ator procura atingir seu interesse, tomando os demais como variáveis a serem consideradas nos respectivos cálculos – reproduzem, portanto, entre si, a relação que se dá entre sujeito e objeto, o que já constitui um ingrediente da violência. [...].

O sistema, que também integra a sociedade, será o responsável pela reprodução material e será sustentado pelas ações de cada ator isoladamente. Diferente do mundo da vida que traz para a dinâmica de funcionamento da sociedade a perspectiva da coesão social e relações de vínculos. (MELO, 2010).

E complementando a reflexão acerca do mundo da vida, Habermas, *apud* Melo et al (2016) destaca a ação comunicativa ou interação, no qual os envolvidos *“harmonizam seus planos de ação por meio da linguagem, estabelecendo assim relações entre sujeitos e agindo dessa forma de maneira coletiva, concertada e cooperativa, no mundo.”* (p. 30).

Se por um lado temos na ação comunicativa o “meio pelo qual o mundo da vida se reproduz” (MELO, 2010, p. 11) e se compõe de ações cujos atores sociais se reconhecem como sujeitos e estabelecem relações mediadas pela linguagem, por outro teremos relações mediadas pelo poder e pelo dinheiro gerando aos atores

perda generalizada da condição de sujeito e uma situação que Habermas *apud* Melo (2010) denomina de colonização do mundo da vida, ou seja, “violência por si própria, que gera mais violência, que por sua vez, substitui mais ainda processos comunicativos de coordenação da ação”. (p. 13).

Considerando todo o exposto, a pergunta que se lança é: existe alternativa para a descolonização do mundo da vida? A alternativa proposta, seguindo o pensamento de Habermas seria a “*descompressão da ação comunicativa*” de modo a retomar os encontros entre as pessoas e as ações coletivas mediadas pela linguagem (Melo, 2016), resgatando e potencializando os processos interativos, sempre considerando a relação dialógica.

### **1.3.3 Oficinas Interativas: prática de ação comunicativa e convivência**

A palavra oficina provém do latim "*opificium*", derivada de "*opificis*", e conjuga formação e fazer em um local definido. Segundo o dicionário oficina é um lugar onde se exerce um ofício, um espaço onde trabalham operários, artesãos, elaborando, consertando ou fabricando algo. (LARROUSE, 2007). Pode ser também uma “*atividade que envolve observação ou a prática de certa arte ou habilidade*”. (LARROUSE, 2007, p. 732). Afonso, numa dimensão conceitual, traz o termo oficinas, aplicado a situações diversas e que resulta em trabalho de grupo

um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir. (AFONSO, 2006, p.9).

Essa mesma autora, ao longo de sua experiência, vem desenvolvendo produção bibliográfica relacionada a temática de oficinas em dinâmicas de grupo com foco inclusive na dimensão psicossocial, e atuação em áreas diversas como saúde, educação, assistência social. Experiências essas que não serão aqui percorridas, mas, em função da grande contribuição da prática e dos escritos de Lúcia Afonso em diversos trabalhos realizados na cidade de Belo Horizonte, trazer aqui seu recorte conceitual, reforça o interesse, neste estudo, em construir uma elaboração

da oficina, tomando-a como uma das frentes de trabalho que se realiza no Ambulatório/Rede “Para Elas” com as mulheres em situação de violência e vulnerabilidade. Trabalho entendido aqui como atividade necessária para humanização dos sujeitos e que se faz presente cotidianamente em nossas vidas. Trabalho enquanto prática criadora.

Incluídas na proposta do ambulatório/Rede Para Elas as oficinas interativas tiveram sua marca inicial na região norte da cidade de Belo Horizonte, no final do ano de 2016, já com o propósito de um funcionamento semanal. Hoje, as oficinas acontecem em quase todas as regionais da cidade e o empenho dos envolvidos é fazer com que elas ganhem robustez e se consolidem como estratégia prática de atuação junto a mulheres, em uma dimensão territorial.

Essa prática de trabalho denominada oficina, vem sendo muito utilizada em ações realizadas por diversos setores que integram o campo das políticas públicas. Especificamente na política de Assistência Social, a partir de um desenho institucional que define equipamentos públicos nomeados como Centros de Referência de Assistência Social - CRAS<sup>2</sup>, oficinas recebem a definição de encontros *“previamente organizados, com objetivos de curto prazo a serem atingidos com um conjunto de famílias, por meio de seus responsáveis ou outros representantes, sob a condução de técnicos de nível superior do CRAS.”* (BRASIL, 2012, p. 23).

Em documento que trata das orientações do Serviço de Proteção e Atendimento Integral a Família - PAIF, ofertado nos CRAS, ressalta-se que por meio das oficinas os participantes podem se perceber como sujeitos e construir relações dialógicas sobre questões de interesse coletivo, formas de cooperação na família e buscar o fortalecimento de vínculos. (BRASIL, 2012).

Retomando Afonso, mais especificamente Afonso e Fadul (2015), observa-se que ao discorrerem sobre a dimensão da oficina enquanto um trabalho estruturado com grupos e a importância da organização metodológica para a prática deste trabalho, e

---

<sup>2</sup> Os Centros de Referência de Assistência Social são equipamentos públicos destinados à oferta de serviços, benefícios, programas e projetos no âmbito da Política Pública de Assistência Social. Maiores informações ver documento que trata da política de Assistência Social e também caderno de Orientações do PAIF – Programa de Proteção e Atendimento Integral a Família.

considerando a importância do fazer interdisciplinar, sinalizam que a Oficina de Intervenção Psicossocial utilizada no campo das políticas públicas, fazendo menção ao termo oficina em si

expressa o seu caráter operativo, onde é desenvolvido um trabalho com as demandas, as identidades sociais as relações e processos do grupo. [...]. A oficina diferencia-se dos grupos estritamente terapêuticos ou educativos, porque articula essas três dimensões: psicossocial, clínica e educativo-reflexiva, enfatizando-se que todas elas estão sempre presentes nos diferentes grupos sociais. (Afonso, 2000; Afonso, Vieira-Silva & Abade, 2009). [...]. Essas dimensões recobrem, de maneira dialética, interconectadas e transversalizadas, a capacidade de sentir, pensar e agir. Ou seja, a capacidade de subjetivar, objetivar e transformar-se a si mesmo e ao mundo. (AFONSO e FADUL, 2015, p. 147).

Buscando o conceito de oficina em uma perspectiva pedagógica, encontramos em Paviani e Fontana, ao desenvolverem um texto a partir do relato de experiências com professores em um processo de formação que contou com a prática de oficinas em sua metodologia, a seguinte definição:

uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, [...]. Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir [...]. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva. (2009, p. 78).

Para Pey que trabalha com oficina sob a ótica da modalidade educativa, a definição é apresentada enquanto

projetos vivenciais, onde a dialogicidade é essencial na relação entre as pessoas. É desse tipo de relação dialógica que se obtém uma força coletiva de produção de saber superior que a soma das forças individuais; [...]. Na produção da Oficina não se parte da reprodução do conhecimento, mas da produção de um saber de resistência aos saberes disciplinares, transmitidos nas instituições formais de ensino. [...] permite às pessoas desenvolver trabalho de investigação de saberes, ao invés de tarefas rotineiras; que se articulam no âmbito dos saberes práticos, tecnológicos, científicos, artísticos, artesanais, intuitivos, literários e outros, sem colocar qualquer ordem hierárquica no trato deles. (1997, p. 47-48).

Ainda seguindo a linha da pedagogia e tendo como base a perspectiva freireana, Candau compartilha que

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas [...], a análise de acontecimentos, [...], o trabalho com diferentes expressões da cultura popular, etc., são elementos presentes na dinâmica das oficinas. (CANDAU, 1999).

As definições advindas do campo pedagógico permitem uma associação entre elas no que se refere a oficina como uma prática que passa pela construção de conhecimento, conhecimento que se transforma em ação, em vivência, sempre

numa relação dialógica. Envolve troca e complementação de saberes, em um movimento de ensinar e aprender lembrando que “*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção.*” (FREIRE, 2013, p.24).

Ao tomarmos a perspectiva dialógica apontada pelo campo da pedagogia no que concerne a definição de oficina, podemos considerar que tal prática não se dá a partir de relações hierarquizadas, ao contrário, considera diversos saberes. Mas pensando especificamente nas oficinas que integram o Ambulatório / Rede “Para Elas”, que adota uma prática de encontros semanais bem como toda organização de atividades que vão surgindo a partir do direcionamento dado pelas mulheres atendidas, sem necessariamente um roteiro prévio, qual o conceito possível de se introduzir então para Oficina Interativa? Importante destacar que a palavra ‘interativa’ complementa a nomeação oficina. Ou seja, trabalhamos com Oficinas Interativas, e podemos construir uma definição a partir do que nos aponta Melo (2010), *apud* Habermas, ou seja, considera-se oficina interativa como “*qualquer encontro de atores que se atribuem... reciprocamente liberdade comunicativa*” (p. 16).

Avançando um pouco mais teríamos a Oficina Interativa como uma ação cooperativa, de modo que essa ação se inicia a partir do momento que pelo menos dois sujeitos se encontram, e esses encontros

geram, inspiram, estimulam e multiplicam novos encontros, sucessivamente, ininterruptamente, em cadeia, formando redes interativas, que podem ser cada vez mais amplas e abrangentes, até permear os mais tênues capilares do tecido social [...]. (Melo, 2010, p. 16).

As oficinas interativas podem apresentar uma dimensão que envolve pactos de

normas de convívio e desenvolvimento de atitudes cooperativas e solidárias nos mais diferentes espaços sociais; e outros ainda voltados para o indivíduo e para o investimento no seu crescimento e desenvolvimento, mas sempre referenciados pelas suas relações e vínculos. (MELO, 2010, p. 16-17).

Trata-se assim de uma prática coletiva que considera os sujeitos envolvidos como livres e capazes de criação, de transformação, uma vez que ninguém possui o poder, pois as relações são horizontais e mediadas pela linguagem. (MELO et al, 2016).

Fazendo menção ao projeto Frutos do Morro/Programa Meninos do Rio<sup>3</sup>. Melo (2007) diz que as oficinas possibilitam um aprendizado da solidariedade e recriam laços de sociabilidade, pois

são encontros, planejados é verdade, mas onde todos participam, desenvolvem projetos, constroem novas práticas. [...] cada qual tendo papel na formação do outro, cada qual sendo autor de tudo que se produz num encontro que gera um novo jeito de viver e conviver, que gera liderança e por isso, possibilidade de transformação. (p. 96).

Pode-se ainda considerar que os encontros por meio da realização das oficinas, acabam resgatando e desencadeando processos de interação, podendo funcionar como possibilidade de enfrentamento e superação de situações de violência. (MELO, 2007). É uma prática coletiva que agrega e aponta caminhos a partir de uma construção, ou

reconstrução dessas relações para superar a violência. Assim é que, para nós, combater a violência é recuperar em cada espaço, no cotidiano, essa competência de falar e agir que nos dá a todos a condição de sujeitos - é explorar ao máximo as potencialidades interativas e criadoras da fala. (MELO, 2007, p 96).

E essa prática coletiva, nas oficinas interativas é geradora de convivência. Convivência social que, conforme Torres (2016) é tida como “*processo sociorelacional que contém a possibilidade de ampliar a proteção social de sujeitos, famílias, grupos e segmentos populacionais*” (p. 19) e pode ser objeto de diferentes políticas sociais como, educação, saúde, assistência social, dentre outras. Especificamente na política de Assistência Social a convivência é tida como direito de cidadania e como segurança a ser afiançada pelo Estado.<sup>4</sup>

A convivência social, por sua vez, supõe relações entre sujeitos (individuais e coletivos), tempos (cotidiano e eventual), espaços (contíguos e virtuais), nos quais se expressam concretamente para cada pessoa ‘com quem e com o que pode contar’ em situações de fragilidades e desproteções sociais.” (2016, p.20).

Tendo a violência como uma situação social coletiva na qual os sujeitos se encontram desprotegidos, a prática da convivência contradiz a prática da

<sup>3</sup> O Frutos do Morro é um projeto de Pesquisa e Extensão vinculado a Faculdade de Medicina da UFMG e realiza intervenções no Aglomerado do Morro das Pedras considerado um território de vulnerabilidade social e com alto índice de violência na região oeste de Belo Horizonte. O Projeto oferece aos adolescentes que moram no local oficinas diversas.

<sup>4</sup> Para maiores informações acerca das seguranças afiançadas pela Assistência Social Pública ver documento que trata da Política Nacional de Assistência Social do ano de 2004.

segregação, pois amplia a sociabilidade e o reconhecimento social e possibilita a vivência de relações sociais que protegem. (TORRES, 2016). E *“promover bons encontros, que fortaleçam a potencia de agir, pode impulsionar a ação para enfrentar situações conflituosas, alterar condições de subordinação, estabelecer diálogos, desejar um mundo mais digno e mais justo.”* (TORRES e GOUVEIA, 2012, p. 27). E quando se viabiliza oficinas interativas, relações protetivas vão ganhando potencia sob a forma de convivência onde

se processam movimentos de aprendizagem e trocas que vão compondo os sujeitos e estabelecendo novas leituras da realidade e das formas de viver. Pressupõe também pensar que, se as relações constituem a identidade do sujeito e produzem nele mudanças ao longo da vida, então novas e diferentes relações interferem em suas escolhas, de modo que a capacidade de mudança está associada as conexões que a pessoa vai fazendo. (TORRES, 2016, p.59).

Dai toda a importância da participação e a potência da linguagem. De acordo com Torres, *“a participação (...) pressupõe o ato de compartilhar, pôr-se em movimento, o que exige a motivação voltada para um objetivo e promove o sentimento de pertencimento”* (2016, p. 89), e a aposta é que nas oficinas interativas construções que fortaleçam os sujeitos sejam possíveis; construções que os reconheça como

seres desejantes capazes de fazer escolhas e conhecedores da sua própria vida. Conhecimentos precisam ser ouvidos e considerados [...]. Acredita-se ainda que é possível desenvolver práticas de convivência que considerem as subjetividades e as emoções que mobilizam os sujeitos, o que pressupõe reconhecer pessoas na sua dimensão humana e valorizá-la para produzir auto-reconhecimento, autoconfiança e estima social e para combater o desrespeito, as violências, os abandonos, isolamentos, as humilhações e a desvalorização. (TORRES, 2016, p. 168).

Isto posto, numa relação entre oficina interativa e convivência, em espaços de atenção voltados para mulheres em situação de violência, vislumbra-se na oficina interativa a produção da convivência e o reconhecimento entre seus participantes enquanto sujeitos exatamente por adotarem uma abordagem que supera hierarquias. Isto porque a proposta é de que as relações se estabelecem através da troca, do diálogo, jamais por intermediações compulsórias ou coercitivas, que não reconhecem a historia e o desejo dos participantes. É uma pratica horizontal; mas *“não é possível desenvolver práticas horizontais sem escuta, como também é pouco provável desenvolver experiências de convívio sem estimular o diálogo.”* (TORRES, p.153). Diálogo que é possível por sermos sujeitos dotados da capacidade de fala e interação. E se a violência é uma ação que anula o sujeito e pode destruir laços, a convivência nos espaços das oficinas interativas se torna uma ação que permite

novas construções objetivando uma cultura de paz.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar a história de vida e as vivências de violência e seu enfrentamento entre mulheres em situação de violência nas oficinas interativas realizadas na regional leste de Belo Horizonte no período de maio do ano de 2017 a dezembro de 2018.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- ▶ Conhecer o significado atribuído a violência pelas mulheres participantes das oficinas interativas;
- ▶ Identificar na narrativa das mulheres como elas definem as oficinas;
- ▶ Compreender o que motiva as mulheres a participar das oficinas;
- ▶ Compreender, sob a ótica das mulheres, a dimensão da convivência no contexto das oficinas.

### 3 PERCURSO METODOLOGICO

A pesquisa é uma atividade que integra o campo da ciência e busca a ampliação de conhecimento em um movimento de aproximação da realidade combinando teoria e dados, informações. Para tanto demanda uma metodologia que conjuga concepção teórica, um conjunto de técnicas e a criatividade do pesquisador. (MINAYO, 1999).

Considerando o propósito deste estudo que foi analisar a vivência de mulheres em situação de vulnerabilidade e violência nas oficinas interativas do Ambulatório da rede de práticas de promoção de saúde da mulher em situação de vulnerabilidades - O Ambulatório/Rede “Para Elas”, trabalhou-se essencialmente com a pesquisa qualitativa que

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994; p. 21-22).

Seguindo o pensamento de Minayo a pesquisa, enquanto produção de conhecimento, considerando a abordagem qualitativa, *“aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”*. (1994; p.22). Ou seja, para entender o fenômeno social se faz necessário considerar os aspectos subjetivos e suas repostas não serão traduzidas em números, mas poderão ser traduzidas pela vivencia tida como produto da reflexão pessoal sobre a experiência. (MINAYO, 2012).

Em uma pesquisa qualitativa os dizeres dos sujeitos pesquisados ofertam contribuições para que o pesquisador compreenda a natureza dos fenômenos sociais estudados em um movimento de aproximação e conhecimento dos

significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos dos sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa. (POPE & MAYS, 2005, p.13).

A importância de um trabalho de reflexão sobre fenômenos sociais complexos como a violência contra a mulher, traz a tona o desafio de construir uma práxis intelectual

que abarque a relação do sujeito com o mundo e não apenas a relação do sujeito com ele mesmo. Por isso conhecer a experiência de vida de mulheres que em algum momento foram vítimas de violência exige um exercício de compreensão. Até porque, de acordo com Minayo, “o verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento”. (2012, p.623).

Nesse universo da pesquisa qualitativa, tomou-se como abordagem teórica a proposta do método hermenêutico-dialético onde “a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida” (MINAYO, 1994, p. 77), de modo que essa compreensão tem como ponto de partida o interior da fala do sujeito com seus consensos e dissensos, e, como ponto de chegada o campo histórico no qual a fala, com todo o seu sentido, foi produzida. Esse método tem como pressupostos a ideia de que não há consenso nem ponto de chegada no percurso de produção do conhecimento, bem como o fato de que ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão do pesquisador e a própria realidade. (MINAYO, 1994).

Em seus estudos e escritos, Minayo traz Jurgen Habermas inserido na matriz da hermenêutica-dialética. Ela vai dizer que este autor, em sua obra Conhecimento e Interesse (1980) “nos adverte que a hermenêutica dialética não determina técnicas de tratamento de dados e sim sua auto compreensão”. (1999, p. 219).

A opção por essa abordagem teórica se justifica pelo fato da hermenêutica propor a compreensão pela linguagem e a dialética trazer na relação dialógica o exercício da contradição e a junção das duas, hermenêutica-dialética, a possibilidade de seguir um caminho de pensamento reflexivo. A hermenêutica e a dialética possibilitam uma “reflexão que se funda na práxis, o casamento das duas abordagens é fecundo na condução do processo ao mesmo tempo compreensivo e crítico de análise da realidade social”. (MINAYO, 2002, p. 97).

A pesquisa teve como cenário as oficinas interativas do Ambulatório/Rede “Para Elas” realizadas semanalmente na região leste de Belo Horizonte e como sujeitos da pesquisa as mulheres frequentadoras destas. No período de realização da pesquisa contabilizou-se um número de 71 (setenta e uma) oficinas por onde passaram 58

(cinquenta e oito) mulheres advindas principalmente dos bairros Alto Vera Cruz, Floresta, Granja de Freitas, Paraiso, Santa Efigênia, São Geraldo, Saudade e Taquaril, com destaque para ampla participação daquelas residentes nos bairros Granja de Freitas, Paraiso e Taquaril.

Para um exercício de aproximação aos objetivos propostos, trabalhou-se com a combinação das técnicas de história de vida (que teve nas entrevistas em profundidade o recurso para sua viabilidade) e observação participante que foi utilizada enquanto técnica complementar à história de vida. Roteiro de trabalho foi organizado e aplicado no momento das entrevistas em profundidade visando conhecer as histórias de vida das mulheres. Registros dos encontros considerando, também, manifestações gestuais, expressivas, e, principalmente a narrativa dos sujeitos da pesquisa, foram fundamentais para subsidiar a observação participante. Importante salientar que, embora roteiro para as entrevistas e para as oficinas tenham sido construídos com objetivo de contribuir para a organização do trabalho da pesquisadora, o fator imprevisibilidade foi sempre considerado nesse percurso, principalmente no trabalho de observação durante as oficinas, uma vez que a condução dos encontros sempre considerou o posicionamento e o desejo das integrantes do grupo.

Em relação à história de vida, esta é tida como

Um instrumento privilegiado para se interpretar o processo social a partir das pessoas envolvidas, na medida em que se consideram as experiências subjetivas como dados importantes que falam além e através delas [...]. Na medida em que acrescenta dados pessoais e visões subjetivas a partir de determinado lugar social, permite abrir caminhos de investigação em áreas que pareciam resolvidas, tanto no campo das rotinas institucionais como dos processos e relações sociais. (MINAYO, 1999, p. 126-127).

Neste trabalho, a escolha por essa técnica se justifica por permitir a análise de fenômenos a partir do que é dito e vivido pelos sujeitos envolvidos no processo da pesquisa, considerando sua singularidade e subjetividade. Além de ser apropriada para se obter dados qualitativos e melhor compreender a realidade vivida,

A história de vida (tópica ou mais completa) verbalizada pelos participantes dos acontecimentos que fazem parte da experiência de determinado grupo social, visa a descobrir o ponto de vista e as motivações dos participantes voluntários ou involuntários da História, portanto, protagonistas dos fatos sociais. (MINAYO, 1999, p. 127).

Para a realização da técnica de história de vida 12 mulheres foram selecionadas e

convidadas para a participação de entrevistas prolongadas, também considerada uma técnica em pesquisa qualitativa que combinam observação e relatos introspectivos de lembranças. (MINAYO, 1999). Considerando que, no período pesquisado, 71 oficinas foram realizadas contando com a participação/presença de 58 mulheres, o critério utilizado para a seleção das 12 mulheres entrevistadas neste trabalho foi o tempo de frequência às oficinas de modo que:

- a) quatro entrevistadas frequentaram por todo o período;
- b) três frequentaram desde o início e, por razões pessoais, foram se desligando das atividades;
- c) três se vincularam ao grupo já com as oficinas em desenvolvimento;
- d) uma participou desde o início, afastou por problemas de saúde, e retornou após período de recuperação, e
- e) uma participou desde o início, afastou por motivo de viagem com familiares, de modo que, ao retornar para Belo Horizonte retomou sua participação nas oficinas.

As entrevistas prolongadas, realizadas na residência das mulheres, foram gravadas, transcritas e mantidas em sigilo com a pesquisadora preservando a identidade das entrevistadas. As seis histórias aqui compartilhadas foram selecionadas após ocorrência de saturação nas análises e representam o conjunto das doze entrevistadas, sem prejuízos para as reflexões aqui desenvolvidas. Mulheres cujos recortes de fala apresentados durante as oficinas, e que neste trabalho serão compartilhados, terão também suas identidades mantidas em sigilo. Portanto, todos os nomes adotados são fictícios.

Importante dizer que a decisão de utilizar a história de vida como instrumento metodológico, teve o objetivo de buscar uma maior aproximação/acesso à percepção dos sujeitos envolvidos com a temática da violência, neste caso, as mulheres atendidas no Ambulatório / Rede “Para Elas” *“considerando que toda vivência tem como suporte os ingredientes do coletivo em que o sujeito vive e as condições em que ela ocorre”* (MINAYO 2012, p. 622), mas considerar as singularidades em muito agrega construções de pesquisa de natureza qualitativa.

Para as autoras POPE e MAYS (2005) as técnicas observacionais contribuem para que o pesquisador acompanhe pessoas e eventos com o objetivo de observar

comportamento, fala e as interações no dia a dia, sendo uma técnica que possibilita captar a experiência vivida. Dentre as técnicas observacionais tidas como momento de apreensão do fenômeno, Minayo (1994) traz a chamada observação participante que, no contexto da pesquisa desenvolvida contou com a pesquisadora assumindo um papel de participante observadora.

Na observação participante realiza-se então um contato direto do pesquisador com o fenômeno observado visando *“obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados”*. (MINAYO, 1994, p. 59). Melo (2005) descreve a técnica da observação participante como aquela em que

o pesquisador se mantém dentro de uma situação social e, à medida que participa da vida dos atores aí envolvidos, colhe dados; na verdade, trata-se de uma relação recíproca observação/participação, dentro de um fino equilíbrio, em que se precisa evitar tanto o risco da absorção definitiva do observador pela realidade observada quanto o risco da perda do elemento participativo, essencial para a pesquisa qualitativa. (p. 41).

No período trabalhado construiu-se uma relação de empatia e aceitação por parte do grupo em relação à pesquisadora que foram fundamentais para a construção do trabalho que ora se apresenta. As observações foram registradas em diário de campo e, no caso específico deste estudo, a observação participante foi utilizada por parte da pesquisadora em aproximadamente sessenta das setenta e uma oficinas realizadas na região leste de Belo Horizonte, por onde passaram um total de 58 mulheres, conforme já descrito.

A organização do material da pesquisa foi separado de modo que, para realização da análise considerou-se em um primeiro momento a leitura do diário de campo que, por meio dos registros, possibilitou à pesquisadora captar desde o preparo do espaço físico no qual a oficina era realizada, bem como a apresentação e comportamento de cada uma das mulheres presentes em cada encontro. Para análise das entrevistas prolongadas feitas com intuito de conhecer a história de vida das mulheres, após transcrição, procedeu-se a leitura atenta e cuidadosa e posterior organização das narrativas em formato de texto que serão apresentados em uma das categorias de análise nomeada de *“Histórias de vida delas”*: uma releitura.

Nessa categoria, a partir da organização das histórias, buscou-se uma associação com o objetivo geral desse estudo.

As demais categorias, geradas a partir da orientação dos objetivos específicos, foram organizadas com base no material coletado por meio da observação participante e das entrevistas em profundidade, conjugando e integrando as informações empíricas propiciadas por esses procedimentos metodológicos. São elas: “O significado da violência ‘para elas’”, e, por fim, “Oficinas Para Elas: significado, motivação e convivência”.

Importante ressaltar que os aspectos éticos da pesquisa foram considerados e seguiu as recomendações da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS), nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2013) que regulamenta pesquisas realizadas com seres humanos, de modo que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, aprovado - CAEE - 14187513.0.0000.5149, e os sujeitos da pesquisa que participaram da entrevista prolongada para efeitos da aplicação da técnica de história de vida, assinaram Termos de consentimento livre e esclarecido – TCLE.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DO TRABALHO DE CAMPO**

O percurso desta pesquisa considerou a vivência das mulheres vítimas de violência que chegaram para atendimento no Ambulatório / Rede “Para Elas” e foram convidadas a participar das oficinas no território. No dia 11 de maio do ano de 2017, aconteceu a primeira oficina interativa na região leste de Belo Horizonte; na verdade a primeira ação no território e que foi responsável pelo planejamento das demais. (MELO et al, 2016). Tendo como referencia o período demarcado para a pesquisa, contabilizou-se, por meio de lista de frequência, um total de 58 (cinquenta e oito) mulheres que passaram pelas 71 (setenta e uma) oficinas realizadas entre maio de 2017 a dezembro de 2018.

Observações em relação a comportamentos mais expressivos bem como depoimentos significativos foram sendo registrados em diário de campo, ferramenta que acompanhou a pesquisadora nas oficinas. Para as entrevistas prolongadas objetivando conhecer as histórias de vida, utilizou-se da manifestação de fala livre acerca da própria história conjugado a roteiro prévio que relacionou questões que pudessem contribuir com a reflexão proposta. Roteiro este que compõe o apêndice A deste trabalho e foi apresentado às 12 (doze) mulheres selecionadas mediante critério já descrito no percurso metodológico.

Neste universo de 12 (doze) mulheres entrevistadas, algumas informações na intenção de se traçar um perfil foram organizadas e seguem abaixo:

**Tabela 1 – Faixa Etária**

Faixa Etária	Total de Mulheres	
	N	%
30 – 40	3	25
41 – 49	1	8
50 – 59	5	42
60 – 69	1	8
Acima de 70	2	17
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2019.

A Tabela 1, se refere a idade e apresenta três mulheres na faixa etária de 30 a 40 anos. Contempla também mulheres já idosas considerando a legislação vigente em nosso país, que considera idosa pessoa com mais de sessenta anos<sup>5</sup>; neste estudo identificamos duas mulheres acima dos 70 anos e uma entre 60-69. A faixa etária de maior expressividade encontra-se entre 50 a 59 anos. Apenas uma delas se encontra na faixa etária de 40 – 49 anos. Desse modo tivemos, no que se refere a aplicação da técnica de historia de vida, nesta pesquisa, a predominância de mulheres adultas.

<sup>5</sup> Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2002, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, Título I – Das Disposições Preliminares Art. 1º.

**Tabela 2 – Naturalidade**

Naturalidade	Total	
	N	%
Belo Horizonte - MG	4	33,34
Interior de Minas Gerais	4	33,00
Outros Estados	4	33,00
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2019.

Em relação a naturalidade, temos um equilíbrio ao observamos que, de acordo com a Tabela 2 do total de doze mulheres, quatro são de Belo Horizonte, quatro d interior de Minas e quatro de outros estados, sendo dois estados do nordeste e um do sudeste brasileiro. Registra-se ainda que das doze mulheres entrevistadas, considerando o período de realização da pesquisa, apenas uma delas residia na regional leste a menos de vinte e cinco anos, o que demonstra uma vinculação já duradoura em termos de moradia na região. Ressalta-se que em relação às mulheres idosas, uma delas reside na região leste há mais de setenta anos e as outras duas há mais de quarenta anos.

**Tabela 3 – Estado Civil**

Estado Civil	Total de Mulheres	
	N	%
Casada	3	25
União Estável	3	25
Solteira	4	33
Divorciada	1	8,35
Viúva	1	8,35
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2019.

A Tabela 3 compreende a informação no que diz respeito ao estado civil das mulheres entrevistadas de modo que, das doze, quatro são solteiras. Das quatro solteiras temos uma sem filhos, uma com filhos e duas já idosas com filhos e netos. Uma das mulheres é divorciada, porém, mantém uma união estável e tem dois filhos do primeiro relacionamento. Para efeitos de apresentação quanto ao seu estado civil adota a informação constante em seus documentos que é divorciada. Temos uma viúva com filhos e netos, três casadas sendo uma com filhos e netos e duas apenas com filhos. E ainda, das três que vivem em união estável, todas possuem filhos e apenas uma filhos e netos. Ressalta-se que não foi organizada uma tabela específica para informação relacionada a filhos e netos, mas, por se tratar de informação significativa e integra a dimensão familiar das mulheres, considerou-se importante agregar essa informação.

**Tabela 4 – Escolaridade**

Escolaridade	Total de Mulheres	
	N	%
Sem Escolaridade	1	8,33
Ensino Fundamental Incompleto	4	33,38
Ensino Fundamental Completo	2	16,65
Ensino Médio Incompleto	1	8,33
Ensino Médio Completo	2	16,65
Ensino Superior Incompleto	1	8,33
Ensino Superior Completo	1	8,33
Total	12	100

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2019.

**Tabela 5 – Ocupação**

Ocupação	Total de Mulheres	
	N	%
Aposentada por tempo de contribuição	1	8
Aposentada por invalidez	2	17
Afastada / INSS por doença	2	17
Trabalhadora com Carteira Assinada	1	8
Autônoma	1	8
Trabalhadora Informal	2	17
Desempregada	2	17
Do Lar	1	8
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, 2019.

As tabelas 4 e 5 apresentam informações relacionadas à escolaridade e ocupação, respectivamente. Em relação à escolaridade temos uma idosa que declarou nunca ter sido alfabetizada. Inclusive chegou a dizer que seu '*maior sonho*' é aprender a ler; trabalhou em restaurantes e aposentou-se por invalidez quando desempenhava o ofício de costureira. Uma das mulheres, embora já tenha concluído o ensino superior, até o momento não conseguiu uma colocação no mercado de trabalho, estando na condição de desempregada. A única mulher que está atualmente trabalhando com carteira assinada tem ensino superior incompleto. Das quatro mulheres que não completaram o ensino fundamental (antiga 1<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. série), uma é dona de casa, a outra atualmente cuida de um pequeno comércio e se considera trabalhadora informal, e duas, já idosas, se aposentaram sendo uma por tempo de contribuição e outra por invalidez. Duas mulheres concluíram o ensino médio sendo que uma trabalha como autônoma e a outra está afastada pelo Instituto Nacional do

Seguro Social - INSS por motivo de doença; porém atua como artesã. Das duas mulheres que concluíram o ensino fundamental (antiga 1ª. a 8ª. Série), uma trabalha informalmente como costureira e a outra se encontra desempregada. A única mulher que está estudando atualmente, fazendo o ensino médio, encontra-se também afastada pelo INSS por motivo de acidente de trabalho.

Após apresentar de forma sintetizada o perfil das doze mulheres entrevistadas, segue mostra das seis histórias de vida selecionadas mediante critérios já descritos nos procedimentos metodológicos. Importante registrar que o pesquisador busca, em seu trabalho de campo, indagar para, em momento posterior, a partir de um olhar crítico, analisar, interpretar, mas acima de tudo buscar compreender os dados/informações coletados. Nesse sentido, o que segue é uma tentativa de estabelecer uma conexão entre os objetivos propostos com a vivência adquirida, de onde emergiram três categorias que serão apresentadas, a começar pelas histórias de vida cuja escuta e posterior elaboração só foram possíveis de construção em função da convivência estabelecida ao longo desses dezoito meses.

#### **4.1 Histórias de Vida ‘delas’: uma releitura**

##### **4.1.1 A história de Agatha**

Ágatha nasceu na cidade de Aiuaba Ceará, nordeste do Brasil. Ainda criança, a mãe faleceu, o pai se casou novamente e ela e os irmãos foram expulsos de casa pela madrasta. Expulsos de casa pela madrasta com o consentimento do pai que, na ocasião disse que estava “*casando de novo e não podia largar a mulher*”.

Ainda no Ceará, os irmãos foram morar juntos, mas Ágatha ficou “*cambaleando*” entre a casa “*dos outros*” e a casa dos irmãos. Mas era uma criança que ficava na casa “*dos outros*” trabalhando, “*trabalhando e morando*”. Quando ficou com “*mais idade, com doze anos*”, e ainda trabalhando em casa de família, conta que não aceitou que as pessoas gritassem com ela e em um dos trabalhos a “*dona*”, que

falou que ia lhe dar estudo, ia lhe dar tudo: *“mas só que não”*, começou a gritar com ela. Ela não aceitou esses gritos. Respondeu. E a reação da *“patroa”* foi então dizer que lhe bateria. E apanhar daquela que prometeu lhe *“dar tudo”* fez com que Ágatha partisse. Partisse de uma casa para ir para outra; esse foi o ciclo de sua infância e parte da adolescência. Em outra casa de família que trabalhou, *“fazia de tudo”*, mas era *“bem tratada (...) não recebia salário, trabalhava só pela comida e pela moradia”*, relato que conta com os olhos marejados.

Quando fez quinze anos saiu do Ceará em direção ao Espírito Santo pra casa de um irmão. Já morando em Vitória conheceu o esposo, e na ocasião, então com 18 anos, se casou, ou melhor, nas suas palavras *“casei não fui morar com ele e tamo junto ate hoje”*. E esse ‘ajuntamento’ já completou 33 anos. Ainda em Vitória teve suas três filhas e quando elas estavam em idade de sete, cinco e quatro anos Agatha começou a trabalhar fazendo bicos. Deixava as meninas *“uma tomando conta da outra”*. Somente por dois anos e meio trabalhou *“fichada”*, a maior parte foi *“trabalho de bico mesmo; quando eu pensei em voltar a trabalhar fichada já não dava mais tempo por causa do meu problema de saúde”*. E foi exatamente em função do problema de saúde que veio para Belo Horizonte, segundo ela porque o marido achava que tratamento de saúde aqui era melhor que em Vitoria. Mas não veio de vez. Passou um período em Brasília na casa de uma irmã, depois Belo Horizonte, de Belo Horizonte voltou pra Vitória e depois pra Belo Horizonte de novo.

E foi em Belo Horizonte que ficou grávida mais uma vez. Mas perdeu a criança: *“perdi o menino aqui nesse posto de saúde. Tinha um medico aqui que eu acho que ele não era médico porque ele fez o pre natal e nos fomos descobrir depois que não tinha o nome dele no posto.”* Mas não foi só isso, e prossegue dizendo:

Ele que me atendia e eu tava com seis meses e achando estranho que o menino não mexia, e ele falou que era normal a criança não mexer ate seis meses. Normal pra ele porque eu pedi o ultrassom e ai quando ele me deu o pedido que eu fui fazer o ultrassom e eu voltei com o ultrassom pra mostrar pra ele, ele já não tava mais no posto (...). Porque ele já sabia que a criança tava morta.

Ágatha conta que a gravidez *“durou seis meses”*, mas a criança estava morta dentro dela desde o *“terceiro mês”* de gestação. Com o resultado do ultrassom em mãos, e ao procurar o médico no posto para lhe mostrar as imagens do exame e se deparar

com a informação de que este já não estava mais por lá, conta que o esposo *“endoidou a cabeça e foi lá pra pegar o medico”*. Do centro de saúde foi encaminhada para o Sofia Feldman<sup>6</sup> para *“retirada do bebe, mas só saiu pedaços pretos, não dava pra reconhecer nada”*.

No Sofia Feldman disseram a ela que caberia um processo. Mas ela disse

processar como? Não tenho nem o nome todo do medico, só o primeiro nome que ta escrito no cartão do pre natal (...). Eu ainda tenho o cartão guardado ate hoje (...), no posto eles nunca mais deram noticia desse medico e eu quase morri (...). Foi depois disso que eu descobri o câncer (...) eu acho que pode ate ser por causa disso ne (...) eu tenho uma ligeira impressão que foi por causa disso, deu infecção, eu podia ter morrido.

Mas não foi aqui em Belo Horizonte que Ágatha descobriu o câncer, foi em Brasília, quando esteve por lá *“por uns tempos”* na casa da irmã. E afirma *“eu tava lá em Brasília na casa da minha irmã e fui fazer um exame de rotina no posto de saúde e descobriram que eu tava com câncer, câncer de útero”*. Após saber do câncer voltou pra Vitória e lá uma cirurgia foi programada.

Só que lá em Vitória, no dia marcado pra operar não tinha cirurgião, tava tudo de greve (...). Ai meu esposo ficou com medo porque ele já tinha perdido a mãe com câncer e a minha mãe também já tinha morrido com câncer (...). Ai ele ficou com medo e me trouxe pra cá. Cheguei aqui com os exames tudo pronto ai rapidinho fizeram, fez ate lá no Odete mesmo.

Após a cirurgia, não saíram mais de Belo Horizonte. Mas os problemas de saúde de Ágatha não pararam por ai:

fiquei boa do útero e ai comecei a sentir problema na coluna. Fazia muito tempo eu tava tratando dos rins. Passava mal só de ficar em pé aqui, travava tudo. Ai eles me levavam pro Joao XXIII. Chegava lá eles davam remédio pro rins, falava que eu tava com problema de rins (...). Só que eu já tinha feito um exame e eu sabia que era coluna porque já tinha me dado o desvio. Ai eu comecei a fazer o tratamento e só que agora depois que eu fiz a ressonância foi que eu descobri que era coluna mesmo. Ai comecei a fazer aqui no posto o tratamento de novo, pra poder tratar da coluna. Ai eles marcaram a cirurgia pra mim. Mas marcaram e perderam a cirurgia depois de marcada. Eu ia lá e eles falava assim que tava na fila de espera ai depois que tinha passado uns quatro meses que eu fui lá eles falaram que eu tinha perdido a cirurgia (...). Eu falei não, todo dia eu to aqui procurando como é que eu perdi? (...). Ai foi mais outro tempo grande pra poder marcar de novo (...). Ai foi que eu entrei lá pro Hospital das Clinicas, pedi ajuda pra professora Elza e ai ela deu a força toda e foi que eu consegui, eu consegui a fazer a cirurgia agora ne? Depois de muito tempo.

---

<sup>6</sup> Hospital materno-infantil sem fins lucrativos, com sede na região norte da cidade de Belo Horizonte. É referencia de atendimento em partos humanizados.

Ágatha também relata que, além do câncer, do seu problema de coluna, ainda não consegue se “*livrar de um vazio*” que não sabe ao certo de onde vem, mas que costuma fazer com que ela, por dias, amanheça “*chorando sem saber por que (...) mas é por causa desse vazio mesmo*”. Vazio que segundo ela “*se agravou mais depois do problema que eu passei de não poder fazer as coisas (...). Ai eu via as coisas sem fazer e num podia fazer ai o vazio aumentou mais ainda*”. Mas mesmo com todos esses “*problemas*” Ágatha diz que busca “*força não sabe onde pra ter saúde, saúde física, mas como que eu posso te falar, saúde que dê bem estar também*”.

Embora Ágatha deixe transparecer uma tristeza quando fala que não tem lembranças da mãe, que desde que deixou o Ceará nunca mais teve contato com o pai (hoje já falecido), que embora seus irmãos morem “*tudo perto aqui, (...) mas é como se num fosse irmão*”, hoje, Ágatha, já com seus 51 anos de idade, vive em sua casa própria, continua “*juntada*” com o companheiro com quem construiu a família e como mulher, se vê “*realizada*”. Diz que mudou: “*eu passei a não aceitar mais que os outros me pisassem, então hoje eu tenho minha casa, minha família, amigos, hoje eu me sinto realizada porque antes nada disso eu tinha ne (...). E hoje, o que eu mais desejo é ser feliz*”.

#### 4.1.2 A história de Agraciada

“*Minha história da um livro mas vou tentar resumir*”. É com essa frase que nossa conversa com Agraciada se inicia. Nascida em Belo Horizonte, mas criada entre a capital e o interior, hoje, com 40 anos e há quatro contemplada com seu apartamento pelo Minha Casa Minha Vida, Agraciada, no “*aconchego*” do seu “*apê*”, prossegue contando sua história:

Meus pais são do interior mas moravam aqui em Belo Horizonte porque meus avos maternos eram daqui e quando eles ficaram doentes minha mae veio pra tomar conta deles. (...) mas meu pai não se adaptou por aqui. Trabalhou como carpinteiro e como carpinteiro, ao transportar uma carroceria feita por ele, sofreu um acidente. Então a minha mãe cuidou dos meus avos, do meu pai e de mim que era recém-nascida. Minha mãe foi uma guerreira. Os meus avos vieram a falecer e meu pai ficou ainda uns cinco anos dependente da minha mãe, principalmente pra levar pra fisioterapia. Nesse período ela não

pode trabalhar. Ela estudou mas não concluiu o segundo grau, e não teve condições de trabalhar devido a essa questão de cuidado que tinha com todo mundo da família. Não trabalhou assim de carteira assinada mas ela fez um curso de manicure e se mantinha com essa habilidade de mexer com unha.

E é possível observar a emoção que vem na expressão de Agraciada ao falar da mãe: *“eu me espelho muito nela porque ela assim é uma guerreira (...)”*. E é a história da mãe que ganha a cena:

a minha mãe foi abandonada pelos pais legítimos e foi adotada. Essa casa que a gente morava antes era dos meus avos adotivos e quando eles morreram já deixaram em testamento essa casa a favor da minha mãe. Ela, porque na infância ficava jogada, ficava no molhado, sem cuidado, ela teve paralisia infantil. Então com toda dificuldade que teve, de arrastar a perna inclusive, mesmo assim arrastando perna ela cuidou dos meus avos, do meu pai, teve eu e meu irmão (...). Bom esse é o princípio da historia.

Princípio da história que ganha continuidade. Ao prosseguir, Agraciada diz que conheceu um rapaz e começou a namorar

Foi meu primeiro namorado e meu marido. Casei com 22 anos. Eu engravidei e nos casamos no civil, na igreja. Meu filho nasceu no ano de 2000 e ele estava com uns quatro anos, alias com seis anos eu engravidei de novo mas engravidei usando DIU (...). Não era uma gravidez programada.

A expressão facial foi de susto e preocupação, como se Agraciada estivesse vivendo novamente a história. História que não parou:

no casamento (...), o que que eu posso falar do casamento: pra mim que só tinha conhecido um homem na vida eu tinha um casamento perfeito porque ele não me deixava faltar nada, era uma pessoa atenciosa dentro de casa (...). Ele tinha total domínio sobre a minha pessoa porque eu era muito imatura com relação a sentimento.

Agraciada faz uma pausa, respira e me olha pronta pra compartilhar o que foi sua primeira decepção amorosa:

Ele teve um caso com uma outra mulher e essa outra mulher veio a engravidar e quando eu estava grávida da menor que ta hoje com 12 anos ele veio falar pra mim desse relacionamento que ele teve (...). Mas falou por ameaça porque ele não dava um suporte a outra criança e a outra mulher ao saber que eu estava grávida falou que se ele não assumisse a sua filha como deve, que não era só dando o dinheiro, tinha que participar da vida dela, que ela então iria me falar tudo (...). Sem saída ele contou a verdade e eu perdoei, eu aceitei. A menina dele até morou um tempo comigo. (...). E quando a minha filha mais nova tava mais ou menos com uns oito meses ai veio um outro caso de traição que eu descobri assim por acaso. (...). Eu pedia muito a Deus que não me deixasse ser enganada novamente pelo fato d'eu ter perdoado e o aceitado, aceitado a filha dele (...) eu acho que eu não merecia. Mas ele me traiu.

E Agraciada teve sua segunda decepção amorosa. Aquela que tinha aceitado e perdoado foi novamente traída. Mas dessa vez não aceitou, não perdoou, e o

deixou: *“sai de casa, levei só roupa e meus meninos. Fui pra casa do meu pai no interior, eu e os meninos. Quando voltei pra Belo Horizonte ele me procurou já com o papel do divorcio pra assinar. Ele ia casar com outra pessoa”*. O ex-marido, aquele que até então havia sido o primeiro e único amor de Agraciada havia se tornado pastor na igreja e para poder oficializar sua união com outra pessoa precisava do divorcio. Divorcio que Agraciada assinou tranquilamente, pois pra ela a *“traição do passado”* já estava superada. E dessa experiência conjugal marcada por romance e decepções, Agraciada volta à sua adolescência pra lembrar seus quinze anos. Não com festa, celebração, mas com uma pneumonia que

na época evoluiu pra uma embolia pulmonar que não foi diagnosticada e evoluiu pra uma trombose na perna. Então desde os quinze anos que eu vinha lidando com esse problema de saúde, que na época não teve um diagnostico preciso. Foi uma pneumonia fria que evoluiu pra uma embolia (...). E no dia que eu recebi alta do hospital porque era a minha formatura do segundo grau, no dia que tive alta, ao sair do hospital pra comprar uma roupa pra formatura, minha perna inchou no meio do caminho (...), a calça jeans rasgou porque a perna inchou toda de ficar imensa mesmo (...). Então tive que voltar pro hospital e fiquei por mais um bom tempo la.

Assustada e preocupada com o que estava acontecendo, Agraciada conta que nessa época já namorava mas *“nunca tinha fumado, nunca tinha usado anticoncepcional, bebida ... nada que justificasse o problema”*. Ao receber alta hospitalar foi se esforçando pra prosseguir com a vida e retomar a rotina. Conseguiu seu primeiro emprego e na consulta médica admissional revelou ao médico o que havia passado. Acolhida pelo profissional ouviu o seguinte: *“vou te dar como apta a trabalhar mas seu caso é muito interessante e ce vai ter plano pela empresa (...) vou te dar o nome de um medico e você vai procurar pra gente investigar esse problema que você teve”*. E ai começou uma jornada de consultas e exames na vida de Agraciada: pneumonologista, hematologista, exames, até chegar o diagnostico de trombofilia. Desde então passou a tomar vários medicamentos mas, conta que nunca deixou de trabalhar:

Trabalhei por dois anos na Vide Bula, depois passei numa provinha fui trabalhar na Prosegur e na Prosegur tive que me afastar por doença. E ai uma nova batalha se fez porque a empresa, quando foi pra voltar a trabalhar, não me aceitava de volta e o INSS não me pagava (...). Então eu tive que entrar na justiça pra poder o INSS me pagar porque a empresa não podia me mandar embora. Era como se tivesse laudos contraditórios: o medico do INSS me dava como apta, o do SUS dava como não podia exercer aquela função que tava la na empresa e a empresa também por si, o medico não aprovava por causa dessas incompatibilidades de laudos ne? E ai eu entrei na justiça (...) consegui me desvincular da Prosegur e consegui também fazer com que o INSS reconhecesse o período que eu estive afastada porque realmente não estava apta pra trabalhar. (...). O INSS perdeu essa causa

(...). Mas dai fiquei desempregada e fui dar os meus pulos, fazer faxina, mandar currículo pra vários lugares, trabalhei com meu irmão numa banda de pagode e foi nessa época que eu conheci o meu atual companheiro (...).

Agraciada demonstra, com um brilho no olhar o que foi o nascimento de um novo romance, uma nova aposta amorosa: “*a pessoa que atualmente eu convivo com ela é uma excelente pessoa*”. Brilho que rapidamente se ofusca porque como estamos aqui contando uma história que como a própria autora já disse “*dá um livro*”, novos capítulos são apresentados. Prossegue contando as novas experiências de trabalho que surgiram:

contudo ainda trabalhei depois disso no Hermes Pardini, trabalhei, no centro de comercio popular das Arabias, (...), depois passei numa prova pra trabalhar pro estado na APAE. Então eu trabalhei na APAE e eu fui mandada embora da APAE no mês de abril, isso no ano de 2015, e em maio eu tive uma trombose no cérebro. (...). Fui parar no hospital e constataram que eu tinha um coágulo no cérebro e esse coágulo me fez ficar um bom tempo paralisada do lado direito. Mas como Deus é bondoso, piedoso, porque então foram varias etapas da minha vida, (...) eu passei por muitas atribuições. Mas em 2015 foi onde eu dei uma recaída mesmo, uma recaída. Recaída mas ao mesmo tempo uma reerguida vamos dizer assim porque foi um ano em que eu tava desempregada, eu tava recebendo o seguro desemprego e não podia entrar com outro beneficio que era o auxilio doença, eu estava internada e a Caixa ligou pra falar que era pra eu ir lá assinar um contrato porque eu tinha sido contemplada com o Minha Casa Minha Vida. (...). Quando sai do hospital eu assinei o termo e a moça da Caixa marcou a data de receber a chave, foi desse jeito (...). Eu fui e sou mesmo muito Agraciada!

E novas frases vão se formando na sequencia da fala de Agraciada. Frases que chegam para contar uma parte de sua história que foi de um extremo ao outro. Da celebração natalina à fatalidade da morte e da ameaça que se tornou um risco.

Mas como nem tudo são flores, eu não cheguei a falar dessa parte ainda, mas quando foi no mês de dezembro de 2015 (...) minha mãe tem uma casa na região ali da Pedreira Prado Lopes, a casa que os meus avos deixaram de herança pra ela, a casa onde a gente cresceu ali naquele meio (...). Era boca de fumo mesmo na porta de casa, enfim, mas eu e meu irmão nós não nos envolvemos com as coisas que estavam ao nosso redor (...). Mas o que quero contar mesmo é que na noite do natal de dezembro de 2014 a minha mãe sempre fazia ceia de natal e os amigos, os vizinhos antigos, sempre reuniam na casa da minha mãe e ali a gente comemorou o natal (...). Eu já tinha meu apartamento mas fui pra poder dormir lá (...). E quando foi umas quatro horas da manha, todo mundo já tinha ido dormir um rapaz que parecia que tava drogado pulou o muro da casa da minha mãe e entrou quebrando tudo, tava transtornado, tava alucinado falando que tinha alguém correndo atrás dele (...). Ai levantou meu pai, levantou meu irmão, levantou meu filho e a gente levantou preocupado, confuso, o rapaz quebrando as coisas e brigando e ninguém conseguia domina-lo (...). Não sei de onde surgiu tanta força. E meu irmão conhecia a família dele e nisso meu irmão saiu atrás de socorro atrás da família. E eu liguei milhares de vezes pro SAMU, liguei milhares de vezes pra policia e ninguém atendia. Meu filho, meu marido e meu pai é que ficaram tentando segurar ele pra ele não quebrar a casa toda até que ele caiu no chão e começou a ter uma convulsão e nessa convulsão ele veio a falecer dentro da casa da minha mãe na sala da casa da minha

mãe (...). E quando o SAMU chegou já era muito tarde, quando a polícia chegou já era muito tarde e quando a família chegou já era muito tarde. E foi um dia 25 de luto pra gente.

Agraciada fez uma pausa, porque passado o luto vivido no dia de natal o Novo Ano chegou trazendo o perigo, o risco: *“meu irmão tava voltando pra casa e três pessoas começaram a atirar nele”*. Com uma expressão de indignação, conta que aos gritos acusavam seu irmão de ter matado o rapaz dentro da casa da sua mãe: *“como assim? Meu irmão nem em casa tava (...) Ele que foi pra rua procurar ajuda da família!”* E a narrativa de Agraciada ganha um tom de revolta:

A gente tava na casa da minha mãe e saímos no portão com os gritos dele: *‘pai, mãe me ajuda me ajuda’*. E nisso eu entrei na frente dos caras com revolver mesmo, eu, meu marido, meu menino barramos os três que estavam com armas porque a gente não entendia porque estavam atirando. Ficamos ali de peito aberto mesmo pra receber a bala, mas pra defender meu irmão e eles falando que tava atirando pra vingar a morte do rapaz (...). E meu irmão continuou descendo a rua, descendo e correndo. Então a gente não entendeu nada porque queriam vingar a morte do menino através de uma pessoa e essa pessoa escolhida foi o meu irmão (...), o meu irmão que nem estava na sala de casa quando o rapaz morreu exatamente porque tinha ido buscar socorro.

E naquele ano novo de 2016 os pais de Agraciada foram morar no interior, o irmão “ameaçado” foi pra mais longe e ela apenas disse: *“Deus escreve certo por linhas tortas (...) Eu fui contemplada com esse apartamento não sei por qual motivo. Mas pelo motivo da ameaça ao meu irmão, na casa da minha mãe não ia poder morar”*. Após a situação de ameaça endereçada ao irmão, mas que afetou toda a família, após internação devido à trombose no cérebro, Agraciada fala que precisou se *“situar de novo”*. Em meio a uma rotina de consultas e acompanhamento médico que passava pela nefrologia, reumatologia, hematologia, neurologia e oftalmologia, *“médico quase que a semana inteira, e exame assim quase que a cada 15 dias”* para ela *“era impossível conseguir um emprego com esse ritmo”*.

Mas filha de mãe/mulher guerreira não pode se entregar, ficar a mercê dos problemas. Agraciada precisava se movimentar, dar seus *“pulos”*. E assim fez: foi curso de empreendedorismo, participação no Projeto Vidas com Arte no Taquaril, assiduidade no centro de saúde onde fazia um acompanhamento com a Assistente Social que sugeriu *“uma terapia ocupacional”*. Mas, mesmo com esse movimento, ainda não se sentia bem:

Também não te falei isso mas a minha mãe chegou a separar do meu pai foi por causa de bebida. Meu pai bebia, quebrava a casa inteira. Os dois são

amigos ele é uma ótima pessoa, um excelente pai mas só que quando bebe é outra pessoa e isso tudo mexia muito comigo. Eu ficava pensando na minha mãe, no meu pai que não parou de beber (...). Já teve meses atrás de ter que sair daqui e ir pra lá pra poder tirar ele de dentro de boteco, fazer tomar banho (...). e isso, nossa me deixava assim enlouquecida. E ainda meu irmão lá longe mas querendo voltar e a gente com medo dele voltar e ter algo, essas pessoas irem atrás dele de novo. A gente quer manter ele longe, porque homem eles gosta de afrontar, ne (...), a gente fica com medo e com isso tudo acontecendo foi onde eu comecei a frequentar os projetos primeiro o Vidas com arte, depois o Para Elas.

E a história de Agraciada foi então chegando a um desfecho:

E assim de tudo isso que eu contei pra você hoje eu me vejo com uma força que eu acho que vem de Deus mesmo sabe? Porque já enfrentei tantos problemas, tantas decepções e com tudo isso eu sempre tenho um restinho de força pra ajudar as pessoas, pra poder acolher as pessoas, (...). Então eu me vejo como uma pessoa iluminada porque com tudo eu ainda consigo achar disposição pra ajudar as pessoas, pra acolher os problemas da minha mãe, pra levantar daqui num dia e ir lá e pegar meu pai num boteco e enfiar ele debaixo da torneira e dar banho (...). Sei que tem ainda muita coisa pra acontecer, mas hoje assim, eu como mulher eu só queria ter tido oportunidade de estudar mais. Eu me sinto realizada, mas (Silêncio e lágrimas). Eu só queria assim a oportunidade de estudar. de ter uma profissão de ajudar meus filhos, minha família, minha mãe, só isso que eu queria. Mas eu to conformada com o que eu tenho, como mulher eu me sinto realizada e queria ter saúde pra mim poder me dedicar mais porque sem ela eu já consigo fazer tanto imagina se eu não tivesse esses problemas. Eu, como se diz, eu poderia alcançar o céu!<sup>7</sup>

#### 4.1.3 A história de Bela Flor

Bela Flor tem 55 anos, nasceu no Rio de Janeiro e veio ainda bebê para Belo Horizonte, juntamente com sua família. Relata que sua história “*não é muito boa, muito agradável*”. Quando criança lembra de ter escutado a mãe dizer o quanto passou fome quando estava grávida de Bela. E transforma em palavras as lembranças do que a mãe a contava:

Tinha dia que era um pãozinho pra dividir pra minha irmã comer um pedacinho de manha e outro pra dormir. Minha mãe sentia fome porque era minha irmã que tinha que comer. Nessa época a gente morava no Rio de Janeiro, do lado de uma mercearia (...) e minha mãe via cheiro de coisas gostosas, mas não tinha dinheiro pra comprar”.

Bela Flor diz que onde moravam era um misto de cheiro bom de coisas gostosas com o mau cheiro

---

<sup>7</sup> Agraciada durante o mês de junho foi submetida novamente a uma internação devido ao quadro de trombose. Até a conclusão deste trabalho permanecia hospitalizada.

daqueles esgotos com fezes, passando, flutuando na porta de casa (...) então não foi assim uma coisa muito boa né (...). Mas logo que eu nasci com oito meses viemos pra Belo Horizonte arriscar a vida aqui. Aqui sempre moramos em vilas porque quando chegamos na cidade não tinha dinheiro pra comprar um barraco né? Então morava em vilas, de favor (...) com pessoas que deixavam morar de favor. O meu pai sempre trabalhando, trabalhava de pedreiro, sapateiro. Meu pai já foi de tudo menos ladrão (...) foi trabalhando e criando a família.

Bela Flor já no período escolar traz a lembrança de algumas cenas quem marcaram sua infância:

tive problema de ouvido cedo, vivia mais no hospital do que em casa e tem até uma coisa assim comigo do clube do SESC (...) meu sonho era conhecer o clube do SESC porque no dia que ia pra lá, que a escola ia fazer o especial pra lá, eu fui internada pra fazer a cirurgia do ouvido. Então isso ficou muito marcado na minha vida, uma coisa que pra muitos é bobagem, mas pra mim é muito assim marcante né?

E completa suas lembranças, já com lágrimas nos olhos, dizendo da irmã:

Tinha também a minha irmã que teve paralisia infantil. Eu era as pernas dela. Levava ela pra escola, subia a escada com ela no braço. Ela era dois anos mais nova que eu. E se ela quisesse ir no banheiro eu que levava pro banheiro, hora do lanche eu que levava pra lancha (...) até que meu pai criou uma carrocinha pra colocar ela e então eu era o burrinho da carrocinha. E era isso (...) minha vida misturada com a dela.

Após um período de silêncio, prosseguiu contando sua história, agora já não tão “misturada” com a da irmã.

(...) Então fui crescendo, arrumei emprego, comecei a trabalhar e dai pra cá sempre trabalhando porque eu nunca gostei de ficar parada, sempre quis ter meu dinheirinho sabe? Contudo foi bom, eu estudei até a sétima série mas na época ou você estudava ou você trabalhava, e com o pai sozinho pra sustentar seis filhos eu preferi trabalhar (...) receber meu dinheirinho e ajudar dentro de casa. Lá em casa eramos seis irmãos. Ai depois, com vinte e três anos eu namorei, com vinte e quatro anos eu casei e continuei trabalhando e vivendo minha vida. Sempre trabalhei mesmo depois de casada.

Bela Flor conta que sempre trabalhou de carteira assinada mas desde que sofreu um acidente está afastada do trabalho, nas suas palavras: *“tô naquele dilema, mais pendurada do que afastada pelo INSS! Sem receber nada ainda (...). Mas agora também eu voltei a estudar pra ter mais uma expectativa de vida porque até então pra mim já tava bom”*. E nesse momento Bela Flor diz que seu retorno aos estudos se deu pelo incentivo das filhas e declara:

pelos filhos, por elas, a gente muda a cabeça (...). Criar filhos, gerar outra vida, isso é muito forte na vida da gente (...) hoje as duas estão criadas. Tenho duas moças, uma de 29 e outra de 22 anos ambas já casadas (...) não tenho netos, ainda. E agora aqui em casa só eu e o ‘veio’. Então é estudar e ver no que eu vou formar, o que que eu vou fazer. Porque já me fizeram essa pergunta você vai estudar e formar pra ser o que? A pergunta ficou com a

resposta no ar porque eu ainda não tenho essa resposta. Na verdade eu tô pensando mesmo é só estudar no momento, e, resolver o negócio do INSS e tentar emprego de novo (...). Mas pra conseguir arrumar outro serviço tem que ter ao menos o segundo grau. Então a intenção é essa! Tô lá no CESEC tentando, fazendo as provas.

Na sequência de sua narrativa, Bela Flor compartilha alguns fragmentos de sua história que lhe trazem preocupação e desconforto. Conta que vive com a saúde frágil

(...) tô tomando essas porcaria desses remédios contra essa depressão, que cai na cabeça (...). Cai na cabeça também essa preocupação que eu tenho com todo mundo, querendo ser Jesus Cristo, arrumar o mundo. Só que meu nome não é Raimundo então não conserto o mundo né?

Expressa tristeza e preocupação, mas prossegue dizendo:

Isso tudo me adocece (...), às vezes me faz até pensar em besteira, em desistir de tudo. Mas vou levando (...). Eu já soube o que que é ter saúde, hoje eu vivo atrás de remédio então já não é a saúde, porque saúde é você viver bem sem depender de medicamento, sem depender de tá atrás de médico todo mês. É ter uma boa alimentação, que isso te ajuda na saúde (...) e se o governo te desse uma condição assim, porque se a gente tiver um lugar onde fazer uma academia, uma caminhada, sem ter que desembolsar porque hoje tudo é muito caro e o salário tá lá embaixo, então ia ajudar muito na saúde... você manter a saúde sem precisar de tomar remédio e poder fazer o exercício físico, sem ter que ficar desembolsando dinheiro.

E, na sequência do nosso encontro, Bela Flor, em meio à indignação em relação ao dilema junto ao INSS, à preocupação e desconforto em função dos problemas com saúde, relembra e compartilha do sofrimento vivido por já ter sido agredida pelo marido:

Ele diz que foi sem querer, foi na hora do nervo, foi sem querer (...). Ele me atingiu com um tapa no ombro. Mas em outras ocasiões sem ser essa de violência de tapa, eu tive como abandono! Me lembro que nós fomos num casamento e na hora de ir embora o carro que a gente tava morreu e eu fui empurrar o carro e no que o carro pegou ele foi embora com o carro e me deixou na rua sozinha (...). Me deixou na rua sozinha. E eu estava descalça, debaixo de chuva, numa rua que eu não conhecia, totalmente perdida. E ele foi embora! Me deixou pra trás.

De novo as lágrimas descem e Bela Flor continua seu relato:

Ai meu cunhado veio passando, o carro dele era um Monza, já estava com oito passageiros na época que num era tão vigiado né? Passando minha irmã viu falou assim: olha lá Bela Flor, que que Bela Flor tá fazendo ali? Ai parou e me levou. Ai inteirou mais um, foram nove passageiros dentro desse carro. (...) Ai chegando na casa da mamãe ele tava lá e eu falei assim 'é desse jeito né não pode me buscar não'... e ele disse: '*ah se eu parasse o carro morria*'. Ah! Eu falei então tá o carro não podia morrer, mas eu podia né? Eu na rua sozinha eu podia morrer né (...) ele não falou nada.

Um longo silêncio se fez até que Bela Flor retomou a palavra: "*Então isto é uma*

*violência, e muito grande, foi maior que o tapa, o murro que ele me deu no ombro, muito maior... por que isto eu falo e meu olho brilha porque me dói, me dói muito". E teve outra, e mais outra, e mais outra vez. E sobre a violência, Bela Flor conclui: "Então assim, tem várias formas da violência (...). Quando falei que ele me deu um tapa não chorei, mas dele ter me abandonado na rua, na casa da minha irmã me dói tanto que a lagrima vem aos olhos, mesmo depois de muitos anos, a lágrima vem."*

E diante dessa reflexão que ela faz sobre a violência voltamos lá na sua origem quando a mãe, ainda na gravidez de Bela passou fome para que uma filha já nascida tivesse o que comer, quando a mãe se privava das delicias da padaria por não ter dinheiro para comprar nada, pelo local de moradia insalubre em que viviam e por situações outras que a memória de Bela não ousou resgatar. Bela acredita que *"nada disso foi violência"*, não foi de responsabilidade dos seus pais não! O pai

trabalhava muito, mas depois ficou desempregado, foi logo na época que teve aquela revolução 1964 no Rio de Janeiro, então assim lá onde a gente morava não tinha água, meu pai como se diz ganhava dinheiro pra carregar lata d'água pros vizinhos, vendia água, vendia verdura, nossa dificuldade foi condições financeiras mesmo. Se for achar que era violência seria violência dos governantes, violência dos governantes de assim não dar condições da pessoa viver, ter uma vivencia digna, então a violência assim considerada dos governantes.

E Bela Flor, após se dar conta das próprias palavras se surpreende com a análise feita: uma análise de que a violência estrutural afeta em muito a vida das pessoas. E mais ainda, que a violência não é só aquela que se *"ouve muito dizer que é só de bater e bater dentro de casa, é a violência que o governante também comete (...)* violência com o povo."

Mas quando se trata especificamente da violência contra a mulher e o que poderia ser feito para resolver essa questão, Bela Flor é enfática:

A mulher tem que passar a agir (...). Infelizmente dizem que violência gera violência, mas se ela mostrar pro homem que ela também sabe gritar ele passa a ter medo. Se ele fala A ela fala A B C. Ai ele fala Opa! Ai ele passa a respeita-la, porque enquanto a mulher abaixar a cabeça ela só vai levando (...). Já ouvi muitas mulheres falando que a mulher apanha porque ela deixa, mas a partir do momento que ela passa a reagir, o homem vê que ela tem força e corre dela! Mas como a violência gera violência ela tem que impor pra ele mas é com o dialogo mesmo, impor pra ele: se fizer isso eu não fico mais; então se você me ama, você me respeita. Por que não é assim que a dança roda não. Então vamos respeitar. E se impor, conversar, porque as vezes eu fico olhando acho que falta muito dialogo, e a falta do dialogo é que leva a isso, essa violência.

Mas como para violência já existe alguns antídotos, Bela Flor compartilha como foi

sua chegada ao Para Elas:

Ah isso ai foi bonito! Foi bonito demais! Primeiro eu cheguei no posto e vi um grupo de mulheres lá e ai eu fiquei muito curiosa (...). O medico já havia me recomendado que eu participasse de uma roda de conversa até mesmo pra me ajudar com esses problemas de saúde que eu já falei. Ai vi a roda de conversa lá, olhei, mas não tive animo de entrar não. Ai uma colega minha que trabalha no posto falou assim: *'o gente oh ela tá querendo ver a roda mas ta com vergonha de entrar e me jogou pra dentro'*. Ai já foram logo me acolhendo: *'vem cá, seja bem vinda'* e já foram me dando um abraço, me carregando no colo, ai dali a Assistente Social me encaminhou pra roda lá do Hospital das Clínicas. E lá fui eu! Nossa! Cheguei arrastando, arrastando mesmo com minha bengala por causa do acidente. E de lá já me mandaram pra leste né (...), que tinha o encontro também todas as quintas, e eu fui e cheguei lá meio acanhada, meio com medo, o que que tem aqui, o que que não tem (...). E hoje eu faço parte dessa roda tanto das clínicas quanto da roda da leste e todas duas me ajudam muito.

E já contando com *"quase dois anos"* de *"Para Elas"*, Bela Flor faz uma reflexão sobre a mulher. Mulher ela define como *"Linda, maravilhosa, a maior criatura que Deus fez porque ela tem o dom de carregar uma criança no ventre. E é lindo uma mulher barriguda, dando a luz a um filho, pondo uma vida no mundo. Mulher é a flor mais bela do jardim!"* E novamente veio o silêncio, que foi rompido em meio a lágrimas e suspiros:

eu queria ser essa flor bela que eu vejo em outras mulheres! Mas em mim hoje, eu não me vejo essa flor! Eu acho que pelos problemas de saúde (...). A saúde te põe pra cima. Você estando sem saúde você tá pra baixo, você se entrega, num vai pra frente. Então eu me sinto uma mulher feia, sem graça (...) muito repetitiva. É como se meus amigos já olhassem e falassem assim: já vem ela falar a mesma coisa de novo (...), num muda de assunto. Ai isso pra mim não é bom não. Eu tento mudar, querendo ser uma pessoa pra passar alegria, pra pessoa olhar pra mim sentir uma luz, mas eu mesmo não sinto isso! Eu sinto que eu sou uma vela apagada!

Mas Bela Flor, mesmo se dizendo uma *"vela apagada"*, ainda que sem perceber, consegue acender o seu brilho próprio ao dizer que como mulher deseja

Liberdade. Você ter liberdade pra poder vestir, pra poder sair sem que você chegue na rua e seja julgada por alguém. Sem que ninguém fique te comendo com o olho, te desrespeitando (...). Liberdade pra não ter que ficar pensando na roupa que vai vestir porque ao sair lá fora quando um homem bater o olho já vai te olhar. E dependendo da roupa, pelo olhar ele te condena, te acha uma prostituta, uma vagabunda e não uma senhora, só pela sua roupa (...). Então eu desejo liberdade pra poder sair vestida do jeito que eu quiser, sem ser julgada.

E para conseguir essa liberdade Bela Flor acredita

que não deveria dar ouvido pros outros (...). Fale o que quiser, bem ou mal mas lembre que eu existo (risos). Vou vestir minha roupa, olhar no espelho e perguntar: tô linda? Tô. Então é com ela que eu vou sem importar com eles lá fora (...). Isso é eu mesma me aceitar. Eu me aceitar naquela roupa que eu tô e não como eu falei agora que eu me sinto tão pra baixo. É isso que falta pra mim: me aceitar. Mas ainda falta também muita lição pros homens, uma história assim de ensinamento pra eles, pra saberem respeitar a mulher.

Então a mulher saiu com um short não é porque ela tá se oferecendo não. Agora o homem pode andar sem camisa e de bermuda mostrando a cueca que não tem nada? Então isso chateia. Deixa pra baixo. Por isso que quero ser livre!

E com esse sentimento de liberdade no peito, brilho nos olhos e com um sorriso nos lábios Bela Flor diz que estar no Para Elas a faz se sentir mais valorizada: *“Me fez me valorizar, me fez ver que eu não sou esse bichinho que fica pastando não, ao contrário, eu sou o pastor”! Eu posso conduzir. Posso aprender. Aprender e também conduzir.”*

#### 4.1.4 A historia de Luz Própria

Luz Própria de 59 anos conta que nasceu na “roça”, perto de Ponte Nova interior de Minas Gerais e foi trazida para Belo Horizonte pelos tios com a promessa de ter trabalho e estudo.

Eu nasci lá roça né, eu cresci lá, eu trabalhava lá, na lavoura plantando milho, café, arroz, batendo pasto. Depois eu optei por ser doméstica e fiquei trabalhando nas casas, lá mesmo. Meu pai me punha pra trabalhar nas casas dos fazendeiros. Ai um dia meu tio chegou me chamou pra vir pra aqui pra Belo Horizonte, eu vim e eu fui camelô por muito tempo (...) Vendia coisas que vinha do Paraguai, “bugigangas” né? (...) Viajava pra Sete Lagoas, pra Lagoa Santa, onde que o meu tio e minha tia ia eu ia atrás pra poder ajudar eles. Só que trabalhava pra eles mas sem nada, não tinha salário nem nada. Eles me tapearam lá. Ai depois eu vi que era furada fui pra casa de uma dona, e fiquei lá trabalhando por anos.

Frustrada por ter sido “tapeada” pelos tios mas ainda tendo que permanecer morando com eles aqui na capital, Luz Própria que na época tinha conhecido um rapaz, acabou se “optando por casar” pra sair da casa deles. E assim que casou ficou grávida da sua primeira filha. Trabalhou até o oitavo mês de gravidez e decidiu voltar pra “roça”, pois “resolveu pedir ajuda da família”. Mas quando a filha já estava com dois anos voltou para Belo Horizonte.

Voltei pra cá e engravidei de novo da segunda, mas depois que ela nasceu voltei pra roça dessa vez com duas meninas. Ai em 88, quando Sérgio Ferrara deu as moradias aqui no Taquaril eu voltei da roça com as meninas e sosseguei (...). Aqui eu fiquei quieta. (...) Ai depois nasceu meu menino mais novo. Com ele não fui pra roça não, mas depois que ele nasceu eu tive muita complicação de saúde e ai não consegui trabalhar mais. (...). Não consegui trabalhar mais fora de casa porque dentro de casa (...) só de ficar dentro de casa mexendo aqui e ali é uma trabalhadeira só.

E após relatar de forma breve sua vinda para Belo Horizonte, com um misto de tristeza e euforia no olhar, Luz Própria tomou novamente a palavra para dizer sobre seus problemas de saúde e como se sentia naquele exato momento.

Hoje eu to muito triste porque to tomando insulina. Eu ainda não aceitei que tô doente, to até fazendo um tratamento com a psicóloga (...). Toda vez que vai aplicar insulina eu ainda choro demais. Pra mim é um transtorno ter que tomar essa insulina todo dia. Era a única coisa que eu não queria ter. Já pedi a Deus pra tirar essa doença de mim. (...). Eu fiz o possível e o impossível com a dieta pra ver se num chegava nesse ponto mas eu ainda num acredito que é necessário tomar insulina não (...). Sempre que eu vou medir lá no posto, mesmo dando 180 o medico fala que ta muito alta. Ai eu perguntei pra ele qual é o aceitável ele falou comigo que é 100. Acho que num caiu minha ficha ainda não (...) Ve uma coisa ce querer comer e não poder (...), isso pra mim é uma coisa muito triste. Eu acho que isso não é saúde né? Ce vê as coisas de comer e não poder comer E meu marido toma insulina mas come de tudo e a glicose dele fica 100. Ai eu falei ele come de tudo e a dele fica baixa e a minha so aumenta mesmo fazendo regime? Como que tem cabimento isso.

E não é somente a diabetes, a aversão à insulina, o sofrimento em não poder comer o que sentir vontade que Luz Própria considera como fatores que afetam a sua saúde, a “*depressão profunda*” tem feito com que ela tenha “*pensamentos*” que jamais acreditou que teria:

Eu não sei se foi em 90, ou não? Nem lembro mais a data. Acho que tomei tanto remédio que essas datas fogem da minha cabeça. Mas ate hoje eu me pergunto o que que foi que aconteceu. Eu falei que era por conta de ter perdido meu pai, mas essa resposta eu ainda não tenho, tem hora que ainda me pergunto. Porque que eu? Eu lembro que minha mãe falou comigo que minha irmã tava com depressão e ficava so deitada e chorando. Ai eu lembro que falei assim: ela ta é precisando de um tanque de roupa pra lavar porque depressão é coisa de gente ‘sem vergonha’ (...). Ai quando eu senti na pele que eu vi que quase me acabei, que eu num lembrava nem que eu tinha meus filhos, que era só fica ali completamente drogada com aqueles remédios que eu consegui entender o que minha irmã passava (...). Eu sei que fiquei por muito tempo no remédio ai um dia minha mãe chegou aqui e falou comigo ‘oh minha filha vamos pra missa’. Eu arrumei e sai (...). Eu tava muito gorda também e tava com vergonha de sair na rua. Ai cheguei lá dentro da Igreja e comecei a chorar, parecia que todo mundo, até o padre tava rindo de mim. Ai eu não me senti bem. Mas depois de uma semana a gente arrumou foi pra cidade ai eu entrei na igreja São Jose e lá eu me senti bem e depois disso voltei a me arrumar, comecei já a levantar a fazer minhas coisas (...). Até voltei a ligar o som pra ouvir musica (...). Ai quando minha mãe foi embora ela falou que eu já tava bem e mandou jogar os remédios fora. Ai eu fiz de conta que joguei mas continuei tomando. (...). Mas ai um dia eu fui num outro medico e ele falou pra mim que eu não precisava tomar esses remédios mais. Mas só que o daqui do posto só aumentava o remédio ao invés de parar. Só de fluoxetina era seis por dia.

E não era só “*fluoxetina*” que Luz Própria fazia uso. Tinha também o “*diazepam*”, o “*clonazepam*”, e ainda “*remédio pra pressão*”, “*remédio pra tratar do glaucoma*” que surgiu, segundo ela, em função do excesso de uso de produtos de limpeza que era

“obrigada” a usar quando trabalhava com faxinas. E faz um desabafo: *“Mas eu peguei e um dia falei com o medico lá do posto que eu não ia tomar mais remédio não e falei com ele que eu queria morrer”*. Nesse momento, Luz Própria expressa um certo constrangimento, põe as mãos sobre a face e chora.

Ele foi me levou pro grupo que é o grupo que eu frequento ate hoje: Mulheres Unidas da Fé. Eu lembro que uma das que já estava no grupo chegou, me abraçou e ficou lá com aquele carinho comigo e eu ficava lá só chorando. Ai depois passado assim uns quinze dias e dava aquela hora eu já arrumava as coisas, eu largava o que tivesse fazendo e ia pra lá pro grupo. Ai o medico foi me colocando nos grupos e fui frequentar tudo que era da terceira idade mesmo eu não sendo da terceira idade ainda. E fui muito bem recebida nos grupos.

Mas foi possível perceber, que mesmo após dizer da boa recepção que teve “nos grupos”, mesmo se dizendo satisfeita pelo médico estar lhe apresentando alternativas que não os medicamentos, Luz Própria novamente faz um desabafo: *“Eu tentei suicídio. Foi recente. Eu tomei um tanto de comprimido de pressão e os da depressão. Misturei tudo e bebi um copo de vinho por cima”*. E após um tempo de choro silencioso, “desabafar” parecia algo que ela estava precisando muito: *Quando eu vi que tava passando mal eu tomei leite e liguei pra duas amigas e falei que se acontecesse alguma coisa comigo elas já tavam sabendo (...)*, momento em que as lágrimas dão lugar a um largo sorriso pra dizer: *“mas Deus provou pra mim que ele existe e eu não morri.”* E na sequencia do “desabafo”, uma pergunta se fez: *“a pessoa que ignora a outra dentro da própria casa, isso é violência?”* Mas algo levava a crer que a resposta para essa pergunta ela já tinha. E nesse momento, é o marido que entra como personagem vivo na história de Luz Própria.

Acho que muitos dos meus problemas é confusão minha e de meu marido mesmo (...) porque ele me ignora. Me ignora muito. Porque tem vez que fica nós dois ali naquela sala é a mesma coisa de ser uma mesa que ta ali, um móvel. Pra ele tem hora que eu sou um móvel e isso me chateia sabe? Ele fica calado o tempo todo e se ele chegar aqui também e se eu tiver sozinha é a mesma coisa dele ter chegado e ter encontrado só a mesa, num fala uma palavra. Isso também esta doendo sabe? Não é só as doenças que dói. Doi porque nós dois tinha uma convivência que já não tem mais. É só ficar me ignorando. E isso ta doendo demais ne mim sabe? Porque eu não conheci outro homem na minha vida, só conheci ele. Ele foi o primeiro homem na minha vida e só Deus sabe como eu to por dentro porque nem tudo a gente que expor lá nos grupos né. Ai eu fico mais calada, e tem hora que eu fico rindo, mas rindo é de nervoso porque eu acho que eu to querendo desabafar e não consigo desabafar. (...) eu queria assim que a gente pudesse sair igual a gente fazia (...). E eu sinto falta de um carinho. As vezes vejo as pessoas lá na rua andando de mãos dadas e eu chego aqui dentro de casa e num tem nenhum carinho dele, então eu sinto falta disso. (...). Eu já perguntei ele o que que aconteceu se é porque eu to gorda, se eu to feia? Mas ele não responde. Minha nora até falou que se fosse eu dava uma lição nele. Eu falei que lição? Seguir ele pra ver se tem outra? Eu num tenho essa coragem de fazer isso.

E Luz Própria dispara perguntas que se diz sem respostas: “*será que ele tem outra? Será que eu devo seguir ele? Será que eu devo ignorar igual ele faz comigo? Será que devo trair? Será que faço um quartinho só pra mim? Será que devo me arrumar e ficar bonita pra ele?*” Mas foi exatamente a partir desse “*será que devo me arrumar e ficar bonita pra ele*” que ela apresentou uma expressão de surpresa e foi como se tivesse conseguido escutar a si mesma. E relatou

eu queria ser bonita, poder me arrumar, ter uma roupa mais bonita, poder arrumar meu cabelo pelo menos de quinze em quinze dias. Eu queria sair na rua e me sentir bem (...), eu saio na rua eu não me sinto bem comigo mesma. Na minha cabeça eu acho que o povo fica me olhando e fica rindo de mim. Mas isso eu acho que é coisa da minha cabeça. Uma vez escutei uma pessoa falar que tinha luz própria. E eu tinha uma vontade de ter essa luz própria também. (...). Eu até acho assim que ser mulher é uma coisa divina de Deus né? Porque a mulher é que passa por tudo. Que carrega um filho por nove meses, que cuida de casa, de uma coisa, de outra. Mas eu comigo mesma não estou bem. Esse tal de emagrece, engorda, emagrece, engorda me deixa doida. (...). Então como mulher eu num gosto de mim, eu pensando no meu corpo né? Mas eu acho bonito quando vejo uma mulher bem arrumada, com aquele cabelo arrumado, que usa batom, eu acho bonito, mas eu num consigo fazer nada disso. Eu lembro que eu arrumei foi só no dia que eu casei e no dia que a minha irmã casou. Eu lembro que eu usei pinturas mas foi só duas vezes na minha vida. (...). Mas agora a única pessoa que me dá uma força mesmo é a minha filha, parece até que ela que é minha mãe. Se eu vou sair na rua, se meu cabelo tá mal penteado ela vai e conserta, se eu tô com a roupa que ela tá vendo que não tá bem ela fala: num vai com essa, vai com outra. Ela me arruma, faz colocar um brinco, uma roupa melhor, faz minha unha. (...). E aí eu gosto quando tô com uma roupa bonita, principalmente esses dias que as meninas tava falando que eu tava emagrecendo eu tava me sentindo nas nuvens, tão feliz! Tão bem sabe comigo mesma.

E a história, como num passe de mágica parece que ganhou novo enredo e Luz própria aproveita pra dizer do quanto sua vida mudou depois que conheceu o “Para Elas.”

Nossa! Lá eu fiz muita amizade e hoje eu tenho uma lista completa de amigas no meu celular. E sei que é amizade mesmo porque me liga. Me procura, me manda mensagem. É aquele carinho, aquele amor que todo mundo lá tem com a gente (...). Eu num vou mais porque tem hora que a passagem tá muito pesada, mas se eu pudesse eu ia era todo dia porque vai dando hora de sair parece que tem uma coisa que puxa a gente pra poder ir. Então é uma coisa muito boa pra mim

#### 4.1.5 A história de Paraíso

Paraíso saiu com a família de Bocaiuva e veio ainda pequena para Belo Horizonte.

Conta que *“faz muitos anos, mas muitos anos mesmo, quase uns setenta anos que moro aqui, ou mais, eu já tenho 74! (...) E “aqui” já morou em vários lugares: “morei na Saudade, São Lucas, Santa Efigênia, em Venda Nova, depois voltei pro São Lucas, depois do São Lucas eu vim aqui pra essa casa. Paguei aluguel muito tempo até chegar no Paraíso”.* E o Paraíso agora é o seu lugar. E nessa história, é também o seu nome. E é na sua casinha *“própria”* e aconchegante que Paraíso, com um sorriso nos lábios, conta um pouco do que viveu:

Bom, como já te expliquei sou mãe solteira, mas tive uma vida de família como todo mundo tem. Tive pai, mãe, irmãos, e minha vida foi muito assim (...) sempre trabalhei. (...) Mas já sofri muito também. Sofri por ter ficado mãe solteira, ter filho sem casar, por isso a gente passa muita necessidade (...) mas, graças a Deus, hoje eu sou feliz.

E ela prossegue dizendo que na vida teve momentos de sofrimento e alegria

(...) comecei a trabalhar com uns doze pra treze anos, já comecei olhando menino. E apanhava de menino que ce nem imagina! Apanhava (...) mas são coisas de criança, coisas do passado, coisas da vida. Mas não era tranquilo não porque assim criança de doze anos igual eu era tinha que tá estudando né? Realizando algum sonho! Mas a família da gente é pobre né? A gente tem que começar a trabalhar cedo.

Paraíso revela ainda que quando começou a trabalhar na casa de família tinha muito problema e sofrimento

é igual assim olhar menino, o menino vem e te chuta, dá tapa na cara (...). As vezes nem sempre o que o patrão come é o que ce come (...). Era muito isso, ce comer comida diferente da do patrão. Tinha muita humilhação (...), mas nas últimas casas que eu trabalhei eu agradeço muito a Deus porque eles me ajudaram muito (...). Mas no começo assim que tinha problema, muita dificuldade né? Mas hoje eu sou aposentada. Trabalhei em casa de família, trabalhei em lavanderia, trabalhei em hospital, trabalhei varrendo rua. Meu ultimo emprego foi varrendo rua. E agora posso contar com meu dinheirinho da aposentadoria ali pra não ficar devendo ninguém. Acho que a pior coisa do mundo é depender dos outros (...). Eu dependi da minha mãe, mas ai, depois minha mãe morreu né (...). Quando ela morreu já tinha a minha filha mais velha e minha mãe que me ajudava a cuidar dela (...). Mas depois que minha mãe morreu, fiquei um tempo na casa que era dela. Fiquei com meus irmãos mas meus irmãos usavam droga e quebravam tudo e punha todo mundo pra rua (...) por isso com ela já passei fome, já dormi na rua (...) Eu não podia levar pra casas que eu trabalhava. (...) ai minha menina passou uns tempos na casa do meu outro irmão porque eu não tinha lugar pra mim e pra ela né? Ai depois que passei a viver de aluguel que ela veio pra minha companhia.

Paraíso e a filha mais velha chegaram a dormir na rua porque segundo ela, os irmãos já não a aceitavam mais *“dentro de casa”* por ter sido *“mãe solteira”*. E ela foi mãe solteira outras vezes, ainda passou dificuldade muitas vezes até que

muitos anos depois fiquei com todas elas, que a diferença delas são grande, né? A mais nova fez trinta agora, a do meio, vai fazer 34 e a mais velha fez 50 (...). Mas já perdi ne criança. (...) num foi aborto, nunca fiz aborto, já perdi né! Um nasceu morto, o outro num pegava peso, tive problema na gravidez ai

nasceu com problema, viveu poucos meses (...). Mas se tivesse ai era mais de cinco né? Mas não foi aborto não! Nunca fiz aborto mas perdi né .... Da minha vida é só isso... porque agora o resto tudo é flor pra mim.

E Paraiso diz que depois de anos, venceu:

Venci, sofri muito. (...). Num falo que já fui né prostituta não mas tinha vez que a gente levava uma vida assim desregulada né, querendo aproveitar muito (...), ia pro bar, ficava a noite toda bebendo, dançando, ai a gente tinha relações com quem a gente não conhecia (...) mas isso foi uma época que passou (...) mas sempre coloquei minha família em primeiro lugar, principalmente depois que eu adquirei as três filhas né? Que ai eu fui mãe e pai.

Mesmo destacando que venceu as dificuldades, ela prossegue narrando ainda alguns sabores que vivenciou e ainda vivencia.

Ah! Assim, eu acho que toda vida eu fui independente, já tive muitas pessoas que eu gostei já, né? Tive muita decepção, já amei muito né? E eu me sinto uma mulher feliz, apesar de num ser sadia né? Não sou muito sadia porque como eu sou viciada, eu tenho vício de fumar, eu procurei uma ajuda pra mim parar de fumar. Eu fui pro posto de saúde, fui buscar uma ajuda pra mim curar meu vício (...) eu num curei o vício mas eu encontrei uma família imensa lá no posto (...) porque que a gente sente falta entende? Sente falta de companhia. E tem muito profissional bom, profissional que cativa, tem aqueles que a gente sente que gosta da gente. Eu acho ótimo e eu sinto falta quando eu não posso ir. Quando num dá, eu sinto falta. Mas tem o Para Elas ne também! Que outra família que eu tenho (...) É porque eu tenho graças a Deus minhas filhas. E minhas filhas né (...) assim num formou porque num quis, né? Porque pus pra estudar, eu coloquei desde a mais velha até a mais nova. Mas só a mais nova que fez a faculdade agora né? De ciências contábeis.

Mesmo com todas as dificuldades que enfrentou, o orgulho em ver as filhas já 'encaminhadas', trabalhando, construindo suas famílias, é perceptível e isso faz Paraiso abrir um sorriso e dizer que a vida vai bem

porque eu tenho minha casinha, eu não vivo de favor de ninguém né? Sou independente em todos os pontos, todos os sentidos. Tenho meu salário que eu acho que é muito importante. Toda vez que eu deito na minha cama eu agradeço a Deus por que eu sei que a gente pagou pra ter esse direito, e graças a Deus eu tenho. A gente num passa bem mas também a fome que eu passei antigamente eu não passo mais (...) e tenho lugar pra morar eu e minhas filhas, né? É tranquilo agora, graças a Deus. Eu podia falar com você assim que eu desejava fazer uma operação plástica né, pra encher a pele (...) mas não. Como mulher eu desejo ser feliz, ter o resto da vida tranquila, com minhas filhas, com minhas netas, que eu quero mais netos né? Eu sou realizada como mulher.

#### 4.1.6 A história de Rosa dos Ventos

Eu acho assim que minha história de vida é uma historia que deveria ir pra um livro. Ela tem muitas informações que poderiam ajudar outras pessoas. Eu tenho vontade de escrever um livro da minha historia! Afinal, eu desafiei a lei da vida! Num era pra mim ta viva não! Eu sou um mito, esse vai ser o meu livro: Rosa dos Ventos a *'mini mito'*. Mas quem sabe eu escrevo um dia ne?<sup>8</sup>

Rosa dos Ventos tem 30 anos, é solteira, nasceu em Belo Horizonte, não tem filhos, e no momento trabalha com a mãe, *“como autônoma”*. Declara que tem duas mães e que nasceu com alguns problemas de saúde. Mas antes de dizer dos *“problemas de saúde”*, Rosa dos Ventos conta que o pai conheceu a mãe em uma roda de amigos: *“eles namoraram muito tempo. Mas antes da minha mãe, ele teve uma companheira uruguaia. Com ela teve duas filhas e hoje eu sou tia de quatro sobrinhos lindos, filhos das minhas irmãs por parte de pai.”*

Rosa dos Ventos, demonstrando uma satisfação por compartilhar um pouco de sua história prossegue:

Eu peguei a época dos anos 80 com bastante musica legal. Eu gostava de lambada, Xuxa; eu era doida com a Xuxa e ai no dia do meu aniversário de um ano eu ganhei um aniversário das Paquitas. Meu pai chamou todas as meninas de cabelo grande do bairro; fizeram as roupas delas igual das Paquitas e eu achei que a Xuxa ia no meu aniversário. Mas não teve Xuxa, teve só as Pakitas.

Mas são os problemas de saúde de Rosa dos Ventos que ganham destaque:

Mas como já falei, eu nasci com muitos problemas de saúde. E assim na época que eu nasci minha mãe já tinha tentado engravidar varias vezes. A primeira não vingou, a segunda ela chegou a entrar no terceiro mês e ai teve um aborto. E a terceira tentativa fui eu; só que ela trabalhava numa fabrica e ela inalava muita cola. Devido a isso ela teve complicação no parto e isso trouxe algumas complicações pra mim. E quando a minha mãe ia me ter ela sofreu violência obstétrica. Na hora do meu nascimento eles sentaram em cima da minha mãe pra me empurrar porque eu virei na hora do parto. E a minha mãe não queria fazer cesaria de jeito nenhum e ai eles tentaram fazer o máximo de força para que eu pudesse nascer. (...). E quando eu nasci eu não tinha pele, tinha uma camada muito fininha que dava pra ver todas as minhas veias e ai eu fiquei na incubadora uma semana pra criar mais resistência. Não pude mamar, eu sai da barriga da minha mãe já direto pra incubadora. Minha mãe nem me viu. Ela achou que eu tinha morrido e todo mundo queria me ver e ninguém deixou e ai minha mãe ficou sem saber o que tinha acontecido. Ai eu fui fazer os exames e viram que eu tinha ictiose e problema no quadril. Mas eu nasci. E devido a ictiose sou como uma cobra. A cobra ela troca de pele sempre, eu também sou assim, to sempre trocando de pele.

---

<sup>8</sup> O trecho acima traz as palavras finais da entrevista com Rosa dos Ventos. O sentido da inversão da ordem, ou seja, apresentar o final já no inicio se deu pelo fato do trecho em si ser uma espécie de síntese antecipada dos fragmentos da história a ser compartilhada na integra.

Rosa dos Ventos não se expressa apenas por palavras. Gesticula, faz diversos movimentos faciais e seu tom de voz transmite um misto de fragilidade e firmeza. Faz uma pausa e ganha um folego para prosseguir.

Eu tive que fazer uma radiografia porque eu chorava muito quando abriam as minhas perninhas pra trocar fralda. Ai na radiografia deu que eu tinha luxação costumural dos dois lados e a minha primeira cirurgia no quadril foi com oito meses. (...) na minha vida eu já fiz cinco cirurgias: a primeira eu tinha oito meses, depois um ano e sete meses, depois eu fiz uma outra com dois anos, com onze anos eu fiz outra que foi um enxerto no quadril direito, e em 2014 eu fiz a do quadril esquerdo. Eu tive uma artrose precoce e tive que colocar parafusos. Eu tenho três parafusos do lado esquerdo e no momento estou com rejeição a eles e vou ter que tirar. O que vai ser a minha sexta cirurgia.

E esse quadro de saúde frágil de Rosa dos Ventos, e alguns problemas de convívio familiar e social que ela passaria então a vivenciar foram se apresentando como se não tivessem um fim.

Quando eu tava com 11 anos fiz a cirurgia do enxerto do lado direito e ai mexeram no quadril e eu tive problema na coluna no qual eu tive que usar colete ortopédico pra correção da escoliose. Eu tava na escola e eu sofria muito bullying pelo problema da pele, pelo problema do óculos, que eu herdei a miopia e o astigmatismo por parte de pai (...) ai eu tava na fase de crescimento, na adolescência, eu sofria muito bullying, não achava graça em ninguém, eu era uma criança muito diferente, eu era muito calada, não gostava de conversar. Eu também tenho deficiência auditiva que eu perdi aos quatro anos porque eu gostava muito de ficar na piscina, na minha casa tinha piscina e eu gostava muito de ficar na água. Nisso todas as vezes que eu queimava minha mãe fazia uma bacia de vaselina e iodo pra mim ficar lá fora ate a pele cicatrizar porque dava bolha e ai, eu perdi a audição com quatro anos por causa de uma infecção de ouvido. Então eu tenho perda auditiva moderada a severa e uso o aparelho pra auxiliar minha audição. (...) Ai consegui os aparelhos de audição. Na época eu fiz tratamento com fonoaudiólogo. Aprendi a fazer leitura labial pra ajudar a compreender as coisas e na escola eu sempre sentava na frente e a professora não podia ficar de costa, ela tinha que ficar na frente pra eu conseguir fazer a leitura labial pra me ajudar a estudar. Eu lembro que eu aprendi a ler bem lá na Bahia, eu tava com seis anos. Eu lembro que uma professora minha me ensinou a ler através de leitura labial, ela lia e eu repetia, ela lia e eu repetia ai eu consegui aprender a ler. Ai passou essa fase entrei na adolescência sofrendo muito preconceito pelo fato de usar um aparelho na coluna e eu mancava um pouquinho, eu tinha problema na pele eu tinha que usar sombrinha, as pessoas quebravam as minhas sombrinhas, eu tinha vários apelidos: tampinha, peixe fora do aquário, robôcop, quatro olho por causa do óculos, pequinez porque eu era a menorzinha de todas, e ai quando eu entrei no ginásio, no ensino médio, ai tomei muitas bombas.

E com as bombas surgem também o primeiro trauma, que, segundo Rosa dos Ventos se deu em função do contexto de violência doméstica da qual foi vítima juntamente com sua mãe e irmãs.

Minha primeira bomba na escola foi na terceira serie. Eu tava aqui em Belo Horizonte, ai eu tive que mudar pra Bahia e fazer de novo a terceira serie. Eu fiquei lá na Bahia ate a quinta serie, tomei bomba de novo, voltei pra cá

porque foi na mesma época da cirurgia do quadril. Quando eu tava com 15 anos meus pais iam se separar eles brigavam muito. Minha mãe sofria violência domestica grave. Meu pai era muito doido, muito hippie, queria ser livre pra viver as maluquices dele e todo artista tem um parafuso a menos. E eu sempre fui criada num mundo artístico muito forte. Minha casa era um ateliê, minha mãe era artista, meu pai era artista, e, então a gente sempre teve uma vida aberta pra vários tipos de diálogos. Eu fui criada ouvindo rock, ouvindo reagge, a minha mãe na minha gestação ouvia muito Beatles, Rolling Stones. Eu já nasci conhecendo o que eu tava escutando então eu tenho uma influencia musical e artística muito grande. Ai, voltando na separação dos meus pais, eu estava com 15 anos e voltei pra Belo Horizonte porque eu estava com uma depressão muito grave. Foi nessa época que eu comecei a ter depressão porque meu pai me traumatizou. Ele colocou uma forca na sala da nossa casa e falou que se a minha mãe se separasse dele ele ia se matar na nossa frente.

Rosa dos Ventos acredita que em consequência desse “*primeiro trauma*” tenha desencadeado um quadro de depressão que a acompanha até os dias de hoje. Mas voltando a separação dos pais e já fazendo menção às dificuldades vividas na adolescência, ela prossegue:

meu pai era louco com minha mãe, ate hoje ele não aceita que minha mãe ta bem, que ela conseguiu seguir a vida dela (...) e ele colocou uma forca na sala e falou que ia se matar na nossa frente porque ele sabia que os tesouros da minha mãe eram a gente. Nos somos três irmãs. Eu sou a mais velha de 30 anos, tem a de 28 anos e a mais nova de 27 anos. Todas nós sofremos muito com as ameaças do meu pai. Nós somos muito companheiras tudo que a gente precisa de ajuda uma fala pra outra, e a minha mãe é amiga da gente também. Somos muito unidas. Nós quatro. (...) e ai passada a época da separação, o meu pai ele disse que a minha mãe não ia ter direito a nada. Ou seja, eles trabalharam juntos a vida inteira e eles tinham tudo. Mas ele disse que minha mãe não teria direito a nada.

Mas a ameaça do pai em relação à partilha de bens não surtiu efeito, não foi impedimento para a separação acontecer. E de volta a Belo Horizonte, Rosa dos Ventos, as irmãs e a mãe foram acolhidas pelos familiares tanto por parte de mãe quanto de pai e, juntas, aos poucos foram recompondo a vida.

Como já disse, desde o inicio da minha adolescência eu sofria muito bullying na escola, e de volta a Belo Horizonte eu tive problema pra fazer amizade porque eu tava muito assustada, eu era uma menina muito ingênua, eu não tinha muitos contatos com outras pessoas porque eu sempre fiquei muito com minha mãe, com minhas irmãs. Tinha minhas amiguinhas lá de Itacaré, mas lá é uma cidade de interior então o avanço da inteligência, o avanço da cultura, é diferente da cidade grande. Então eu cheguei aqui com 15 anos o povo era muito pra frente, tinha menina que bebia, tinha menina que usava maquiagem, tinha menina que depilava e eu não era assim. Eu era toda natural. Meu cabelo era cacheado, eu nunca tinha depilado a perna, nunca tinha usado calcinha sexy, minhas calcinhas eram todas de algodão igual de criança, nunca tinha beijado na boca. Eu fui dar o meu primeiro beijo na escola com 15 anos. E minha mãe sempre teve um dialogo com a gente: vocês só vão beijar na boca com 15 anos, quando vocês estiverem mocinhas. Minha menstruação foi com 14, ai com 15 anos eu dei meu primeiro beijo. Mas eu tinha que focar na escola. Minha mãe falou oh! vocês não vão namorar enquanto não terminar o ensino médio; e eu demorei pra

formar porque eu tomei bomba, então atrasou. E ai quando eu tava com 18 anos eu tive a minha primeira vez. E eu já era mocinha, minha mãe já tinha conversado com a gente sobre camisinha, que não podia fazer isso, não podia fazer aquilo (...). Eu entendia tudo que minha mãe dizia e não deixava ninguém pegar em mim, eu beijava mas ninguém podia pegar no meu peito nem na minha bunda porque minha mãe me ensinou assim. Ai minha primeira vez não foi uma primeira vez boa não. Eu cheguei a falar com minha psicóloga: eu tive um pequeno estupro, eu não sabia o que tava acontecendo e aconteceu. E ai machucou e eu achei que eu tava menstruada. Ai depois eu tive o meu primeiro namorado e foi um rapaz mais novo, ele tava com 17 e eu com 19. E ai nós namoramos por seis meses e foi quando eu aprendi a fazer sexo, o que é carinho, o que é atenção. E eu apresentei ele pra minha família e ninguém gostava dele porque ele era muito estranho, ele falava esquisito e o povo falava que ele tava drogado o tempo todo, que ele falava meio manso sabe....

Nascimento já com problemas de saúde, infância e adolescência difícil em função das inúmeras intervenções que passaria com tratamentos de saúde, vida escolar frágil com limitações e dificuldades de socialização, bullying, separação dos pais. O que mais compõe essa história? A separação dos pais realmente parece ter sido algo sofrido para Rosa dos Ventos, que segue contando

eu cresci no mundo da droga. Maconha era sempre na minha casa e eu achava o cheiro uma delicia porque eu achava que era incenso. Todo mundo fumava maconha perto da gente. Então eu não sabia que aquilo era uma droga eu achava que era incenso. E ai quando o meu pai se separou ele tava viciado em cocaína e a minha mãe achou uma falta de respeito ele, com mocinhas dentro de casa, convidar pessoas aleatórias, estranhas, pra cheirar pó e ai um dos motivos da separação foi a droga; por isso que nós viemos embora.

E o tempo passou. Um bom tempo passou e com vinte e cinco anos Rosa dos Ventos conheceu aquele que viria a ser seu “*marido*” e experiência mais “*frustrante e decepcionante*” de sua vida

ele era machista, controlador, amava fazer chantagem emocional, um malandro de mão cheia. Segundo meu pai ele era um gigolô barato, porque ele não precisava de nada só queria um lugar pra comer um lugar pra dormir e uma mulher pra transar. Só, mais nada. Ele não queria estudar, ele não pensava no futuro dele, ele tinha uma vida mansa, ele queria jogar, ele parecia um adolescente que vivia por conta dos pais ricos. Mas ele era pobre e não tinha nada. Eu conheci ele pela internet, foi minha primeira experiência de namoro virtual. (...) Ele morava com um senhor de idade que era traficante de cocaína e ele mentiu pra mim falando que ele ajudava esse senhor a fazer reforma de sofá. Eles usavam o lugar de reforma de sofá pra encobrir a venda de droga e o meu ex era o aviãozinho. Ele que vendia. O povo ia lá buscar e o cara pagava ele (...) e além disso ele fazia bico de peão de pedreiro. Quando eu conheci ele, ele fazia essas duas coisas e a coisa mais horrível que eu descobri no inicio do meu relacionamento foi que ele se prostituia pra esse velho pra ter lugar pra dormir. E ai foi um choque muito grande pra mim, eu chorei muito, eu entrei numa depressão horrorosa. Foi quando vim morar aqui com minha tia, minha tia que é minha segunda mãe. Ela me ajudou. Eu tive gastrite nervosa por que eu vomitava de nojo dele (...).

E na narrativa da sua história, Rosa dos Ventos cede espaço pra dizer um pouco da história do seu “ex”. “Ex” que, de certa forma entrou na sua vida pra lhe trazer amor e horror.

Ele foi criado pelo pai da seguinte maneira: se tu é virgem ce vai aprender a transar na zona. Ai o pai levou ele pra zona. Mas ele não sabia transar, não aprendeu a transar. Eu ensinei ele a fazer sexo, ele não sabia. Então o que que aconteceu? Ele ficou doido comigo, apaixonou, porque eu tive que ensinar tudo pra ele. Ensinar a como se comportar na mesa, como se vestir bem, cuidar do cabelo, modos de higiene, ele não tinha higiene nenhuma, parecia um porco (...) tinha dia que ele não tomava banho, não gostava de escovar o dente; eu tive que ensinar tudo pra ele. Tipo assim ao invés de ter arrumado um namorado eu tinha arrumado um filho porque eu sentia que eu criava ele ao invés de ter um companheiro que me ajudava. E ai o que que aconteceu? Nós ficamos três anos namorando. Mas a gente sempre batia boca em relação a religião, em relação a politica, em relação a varias coisas. E ele nunca respeitou a família dele, e eu tenho um amor incondicional pela minha família. Eu amo a minha família, e ele não entendia; e ai chegou num certo ponto que ele começou a me fazer ficar contra a minha família. Ai eu comecei a afastar da minha tia, comecei a afastar da minha mãe, eu ajudava a minha mãe na loja, eu tinha o meu emprego, eu fazia muitas coisas pra preencher o meu tempo e ele tinha inveja de mim porque eu ganhava quase dois mil reais por mês. Mas mesmo assim, fomos morar juntos. Mas morei na frente da casa da minha tia? Por quê? Porque eu não queria ficar longe da minha família porque eu não confiava nele, depois que ele me contou que ele se prostituía pra um senhor de idade pra ele ficar na casa dele, eu falei assim: eu num sou louca de morar longe da minha família. Ele ficava o tempo todo: vamos morar mais longe, (...), ai eu falava: não!

Rosa dos Ventos, mesmo sem ‘confiar’, faz uma aposta no ‘casamento’. Uma aposta que a levou para um caminho sombrio, pois, segundo conta, foi ai que “*meu inferno começou*”.

(...) as mascaras caíram: ciúme, folga, ele era extremamente folgado, viciado em jogo *on line*, comia igual a um sei lá o que, eu gastava cinco, dez quilos de arroz por mês porque eu tinha que fazer arroz todo dia. Ai ele arrumou emprego numa obra então comia igual leão, e eu descobri que ele tava fumando maconha pra ir pro trabalho. E ele foi mandado embora por causa de droga, porque ele tava indo trabalhar doido e fazia garrafas e garrafas de café porque ele ficava com sono. E ai as ameaças, a violência domestica começaram a surgir do quarto ano para o quinto ano. Foi quando eu descobri traição, sofria violência psicológica porque ele falava que era para mim ficar de mal da minha irmã, de mal da minha mãe, de mal da minha tia, de mal do meu pai (...) e eu não podia contar nada do que acontecia na minha casa pra ninguém porque ele me batia. E ai nós separamos, eu expulsei ele de casa.

Rosa dos Ventos, que na narrativa de sua história consegue demonstrar com veemência sentimentos ambivalentes em relação ao ex-marido, um misto de intimidade com estranheza, prossegue

Mas depois voltamos. Ele pediu desculpas, e ai eu aceitei ele de volta, e saímos da nossa casa e fomos morar numa pensão. Aí moramos lá uns seis meses e eu descobri outra traição. Ele tinha voltado a estudar e como

eu sabia que ele não era vaidoso, não gostava de tomar banho, não gostava de passar perfume, vi que começou a ir pra aula muito arrumado. Ai um dia que ele tava dormindo eu peguei o telefone dele e vi que ele tava trocando umas mensagens com uma menina do curso. Ele tava me traindo. E nos estávamos morando na pensão acho que já tinha uns quatro meses por ai e ele começou a aprontar. Ai um dia eu cheguei do trabalho e a desgraça da mulher tava na nossa cama. Ah eu briguei muito com ele, eu quebrei meu celular pra num socar a cara dele, eu nunca fui a favor de briga mas xingar, bater o pé, quebrar prato, eu fazia tudo isso, mas eu nunca encostei a mão nele.

Mas o que parecia já estar se instituindo nesse ‘casamento’ era mesmo um ciclo de violência que somente agravava ainda mais a saúde já frágil de Rosa dos Ventos. Para ela que definiu a saúde como um *“cuidado que se tem com seu corpo físico pra você se sentir bem”*, nem o cuidado e nem o ‘sentir bem’ estavam fazendo parte da sua rotina. E ela ainda tinha muito o que compartilhar:

(...) teve uma vez que eu tava dormindo, ele tava jogando e ele parou de jogar porque queria transar. Eu tava seca, eu não tava com tesão e ai o que que ele fez? Me estuprou, eu tava dormindo, ai começou a me estuprar. Ah! e sem falar que como ele foi criado em zona ele tinha HPV e ai eu não sabia. E ele passou o HPV pra mim. E ai o que aconteceu fazendo os tratamentos do HPV eu tinha que fazer varias cauterizações e eu perdi total sensibilidade na região intima. Então todas as vezes que a gente tinha relação eu sangrava. E ai tive que fazer uma cirurgia de reconstituição e um ponto rasgou e ficou na carne viva. Eu tive que refazer o ponto, e quando os pontos estavam quase sarando, ele me estuprou. Rasgou tudo de novo. E ele só parou porque eu tava sangrando. E quando ele viu que tava sangrando ele foi enfiou no meu cu. E ai nesse dia eu chorei. Muito. No outro dia eu nem fui trabalhar porque eu tava morrendo de dor. E ai eu fui na minha mãe contei o que tinha acontecido, chamei minha tia e minha irmã e elas me ajudaram a ir na delegacia da mulher fazer a denuncia. Eu chorei muito. Eu chorava de soluçar, parecia que eu tava me livrando de um problema. E quando eu cheguei lá tive que fazer o exame de corpo delito e tava toda rasgada. Ai a moça tirou foto, fui no IML fazer o exame (...) eu chorei muito. Eu comecei a fazer terapia mais intensa, eu esvaziei minha casa e botei ele na rua. E a minha mãe ficou com dó e deixou dormir lá na loja no andar de cima. Mas ai acabou espalhando o estupro pelo bairro. Ai um amigo da minha tia deu uma surra nele e falou que se ele ficasse na área ia morrer. Ele fugiu. Eu não consegui entregar minha medida protetiva e nem o papel da audiência que ele ia ter (...) tive que bloquear ele de todas as redes sociais pra ele não entrar em contato comigo. Ai passou um tempo eu tive a noticia de que ele tinha sido preso. Preso por trafico de drogas. Ele tava com plantação de maconha no fundo do quintal da casa da mãe dele. Ele foi denunciado e preso. Preso por trafico. Mas eu fiquei com tanto peso na consciência achando que eu tinha estragado a vida dele que eu retirei a queixa. Mas ta na ficha dele, eu retirei a queixa mas a denuncia ficou lá . E no meu caso foram duas situações ne? Violência contra a mulher e violência contra a pessoa com deficiência. E ele sabia de todas as minhas limitações mas mesmo assim fazia chantagem emocional: me humilhava falando que ninguém ia me querer porque eu sou aleijada, que ninguém ia me querer porque eu sou surda e muito mais. Mas ai passou. Passei esse inferno, tentei retomar minha vida. Perdi meu emprego da escola, porque eu tava com depressão. (...) perdi meu emprego e ai voltei pra loja da minha mãe foquei na loja da minha mãe. Só que eu tava com depressão porque tinha separado, perdido e emprego que eu amava. Sofri muito porque eu não aceitei o fato de ta toda destruída aqui embaixo. Eu falei pronto não

tenho mais autoestima, num posso mais transar, que que eu vou fazer agora? Mas passou. Fiz meu tratamento todinho com a ginecologia pra tentar diminuir o problema, tentar reconstituir minha vagina direito.

E será que Rosa dos Ventos, enfim conseguiu entrar em um ciclo de calma? Será que a 'destruição' deu espaço para a 'reconstituição'? É ela quem diz:

(...) quando foi dois anos atrás fui estuprada de novo. Foi assim eu tava num bar e uma amiga minha me deu um bolo. Eu tinha tomado duas cervejas e ai eu fui no banheiro e deixei a garrafa lá e como eu tava sozinha um dos caras que fez a sacanagem comigo tava me vigiando. Ai ele botou boa noite cinderela no meu copo e na hora de ir embora ele me ofereceu ajuda. Ele me ajudou a pedir um taxi porque eu não tava enxergando nada porque a droga começou a agir e eu comecei a me sentir esquisita. Não tava enxergando quase nada e ai ele chamou o taxi e foi comigo. E eu apaguei. Ele me levou pro motel mais ralento de BH que não tinha câmara, que não precisava dar identificação nem nada. E ai cheguei no motel vomitei horrores. Eu tinha desmaiado mas eu me lembro mais ou menos o que que tava acontecendo porque eu acordava meio assim e coisa e tal (...) e eu vomitei o quarto inteiro, e ele me pegou pelo braço a força e me pos dentro do chuveiro tirou minha roupa e eu tava preocupada porque eu tava de aparelho então eu comecei a reagir. Dai que eu reagi ele me deu um soco na cara e eu cai. Ai ele esperou um tempinho e não sei se ele me lavou sei lá ou fez alguma coisa e me jogou em cima da cama, dai depois eu apaguei. Ai de madrugada eu acordei e ai ele fez na frente, fez atrás, e eu apaguei de novo. E quando eu acordei ele não estava no quarto, o quarto tava todo sujo a cama estava toda suja de sangue e eu tava morrendo de dor. Eu comecei a chorar liguei pra moça do lugar e falei moça vem aqui agora. Ela foi e eu expliquei o que tinha acontecido e eu tava em prantos. Não conseguia parar de chorar porque eu tava muito assustada eu estava mais assustada com o sangue do que com o que tinha acontecido se eu tinha sido estuprada e tudo (...). O sangue não parava porque rompeu um vaso, e a moça chegou e eu falei assim chama a policia ai ela falou assim 'num é melhor ce ir pra um hospital primeiro porque seu sangue não para?' Só que eu não fui pro hospital, eu fui pra casa. Cheguei em casa muito mal, o sangue já tinha parado um pouquinho. E eu esperei três dias pra contar pra minha mãe o que que tinha acontecido. Eu contei pra minha mãe e ela me levou lá no IPSEMG. Depois eu fui pras Clinicas. Quando cheguei nas clinicas fiz o exame de corpo delito, fiz a denuncia anônima, fiquei no soro porque eu tava com infecção urinária, tomei vacina dos ciclos, tomei pílula do dia seguinte mesmo já não precisando mais, tomei o coquetel da AIDS que é o pior remédio do universo, parece que ele ta limpando o seu corpo e a sua alma. Ce bota tudo pra fora, fica vomitando uma semana, e eu não conseguia ficar em pé, e evacuava muito também. E lá nas clinicas eles me mandaram pra fazer exames, e eu fui também pra psicologia e psiquiatria. E ai já me indicaram pra terapia, aquela meditação e a roda. Ai eu conheci o Para Elas. e nas primeiras semanas que eu tava indo eu tava travada porque eu tava assustada porque eu não sabia onde que eu tava, mas eu sabia que já fazia parte do tratamento e ai naquela época eu tava indo em dois psiquiatras que era o psiquiatra das clinicas e o psiquiatra particular que é o medico que trata do meu remédio hoje. E ai eu comecei a fazer os negócios direitinho fiquei mais traumatizada ainda, não consegui trabalhar mais, fiquei com medo porque violência no trabalho, violência no relacionamento, tudo isso me travou. Eu não queria mais saber de nada, eu não queria fazer nada, eu só queria ficar em casa, só dormir. Eu não comia direito eu dormia, por exemplo, eu pegava no sono dez horas acordava no outro dia três horas da tarde. Tinha dia que eu dormia direto, não tinha gosto mais pela vida. Eu queria me matar. Eu tentei me suicidar quando eu tava lá nas clinicas. Eu falei com a doutora assim eu não quero

mais viver, eu to nojenta, eu fui estuprada duas vezes, ninguém vai me querer suja desse jeito. Eu não posso fazer sexo, minha vagina num aguenta (...). Ai passou essa parte, conheci o Para Elas, consegui desabafar, contei minha historia pessoal, fiquei lá um tempo ai passou e tal fiquei já tem o que, dois anos, tem três anos que eu frequento o Para Elas, e é um projeto maravilhoso me ajudou muito.

Depois dessa narrativa, Rosa dos Ventos, já com uma expressão de leveza e alegria no rosto disse se sentir uma mulher muito especial, que ainda está aprendendo muito, adquirindo maturidade e acredita que os trinta anos inaugura uma fase muito importante na vida da mulher. Mulher que ela considera um ser *“incrível, não tem nem o que descrever. Nós somos seres iluminadíssimas, pessoas incríveis. A gente da a vida, a gente da carinho a gente educa, a gente da amor.”* E prossegue

Eu ainda to aprendendo muito. Aprendendo sobre o empoderamento, sobre vaidade, conhecer o próprio corpo, de ter uma vida financeira com mais responsabilidade, acho que essa fase dos trinta é uma fase muito importante e ajuda nessa compreensão. Mas tem pessoas que não valorizam a mulher sabe? O homem por exemplo. E o homem não serve pra nada. Se dependesse de mim colocaria só mulher no mundo, porque duas mulheres se dão bem, duas mulheres sabem conversar, duas mulheres se respeitam, duas mulheres se elogiam (...) se vai num banheiro de uma balada a outra vai lá e te elogia, agora se passa do lado de um cara ele fala ‘nossa que mulher gostosa’. Quem quer ser chamada de gostosa? Não, o homem vê a gente como carne, igual bicho. Eu num gosto não. Nem morta! Depois que eu descobri que homem num acrescenta nada na minha vida num quero saber de homem mais não. Eu ganho meu próprio dinheiro, adoro dormir sozinha porque homem peida e ronca a noite inteira. Eu posso dormir pelada a vontade que ninguém vai criticar. E num existe nada melhor do que ser solteira não. Ce quer ter um filho? Adota uma criança. Quer ter um filho seu? faz inseminação artificial. Ce não precisa mais de homem pra ter filho. Num gosta de criança adota um cachorro! Pra que homem? Num precisa de homem não. Ele só serve pra que? Pra te maltratar, pra baixar sua autoestima, pra te bater, pra te discriminar, pra te excluir. O homem só serve pra atrapalhar a vida da mulher. E tem homem querendo virar mulher sabe por quê? Porque ser mulher é muito melhor. O homem quando quer virar mulher é porque sabe que vida de mulher é melhor. Agora quem quer virar homem gente? Eu? Eu desejo é autoconfiança, saber falar não e me aceitar como eu sou. E eu tava mesmo era precisando desabafar!<sup>9</sup>

#### 4.1.7 Notas sobre as Histórias de vida “delas”

---

<sup>9</sup> Poucos dias após a entrevista, Rosa dos Ventos teve um surto em casa. Sua síndrome do pânico agravou, chegou a agredir a tia e novamente entrou em depressão profunda. Ainda não está bem. A torcida é para que ela se recupere.

A escritora, psicanalista e contadora de histórias Clarissa Pínkola Éstes escreve que

não existe um jeito certo ou errado de se contar uma história. Talvez você se esqueça do início, do meio ou do final (...) Por isso (...) dê a palavra (...) Passe por toda a roda (...) Pergunte a cada pessoa. Você vai ver. Todos serão aquecidos, sustentados pelo círculo de histórias que criaram juntos. Embora nenhum de nós vá viver para sempre, as histórias conseguem. (1998, p. 38-39).

No processo de desenvolvimento desse estudo, a cada encontro, e mais ainda, durante a realização das entrevistas individuais e em profundidade, a narrativa das mulheres era surpreendente. E impulsionada pelas palavras de Clarissa Pínkola Estes ficava cada vez mais evidente a importância de se fazer os registros dessas histórias. E não apenas para subsidiar o processo de coleta de informações para a pesquisa, mas principalmente como forma de ‘apelo’ para que o investimento em práticas de acolhimento por parte das políticas públicas não cesse. Que sejam cada vez mais criados espaços e oportunidades para que as mulheres se posicionem e compartilhem suas histórias. Histórias de mulheres. E como bem disse Simone de Beauvoir ao iniciar o primeiro capítulo do segundo volume de sua obra clássica *O Segundo Sexo*

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e castrado que qualificam de feminino. (1967, p. 9).

E em qual mulher se tornou Rosa dos Ventos depois de sobreviver a tantas intempéries? E Paraíso, que ao que tudo indica, mesmo dando sinais de ter sobrevivido a tantas dificuldades, a marca da ‘mãe solteira’ tatuada em sua memória continua ganhando cor. E Luz Própria? Será que já reuniu forças para realmente decidir pelo amor próprio? E Bela Flor? Em que momento conseguirá entender que não é uma “*vela apagada*”, ao contrário! E Agraciada, que mesmo em meio a tantos problemas de saúde, costuma deixar de cuidar de si para cuidar do outro. De onde vem tanta força? E em relação à Agatha? O que dizer? Vítima desde cedo da violência do abandono e da exploração do trabalho infante-juvenil, hoje sofre de dores múltiplas, possivelmente, em função do peso que sempre carregou nas casas de família em que negociava sua sobrevivência.

E qual seria então a análise, a compreensão possível acerca dessas histórias de vida? Gadamer e Schleiermacher *apud* Minayo (2002), descreve que “a

*compreensão não é um procedimento mecânico e tecnicamente fechado: nada do que se interpreta pode ser entendido de uma vez só e de uma vez por todas.*” (p. 86). E diante dessas histórias carregadas de significado, sofrimento, violência, o esforço foi de desenvolver uma análise compreensiva mediante o real vivido e apresentado por elas durante as entrevistas e também nos encontros nas oficinas. Isso em consonância com o que aponta Minayo

Diferentemente do termo ‘vivenciar’, que é mais antigo, ‘vivência’ surge no século XX, carregando o sentido da imediaticidade com que se abrange algo real. Vivenciar é diferente de ouvir falar, de deduzir ou de intuir. (...). Mas vivência não é sinônimo de ‘conteúdo’. Pois sua fonte é a vida real. (2002, p. 90).

À medida que os fragmentos das histórias surgiam, o passado vivido entre a pressão e a opressão, era sim apresentado, mas, ao mesmo tempo, um novo sentido de vida representado por palavras de força e determinação se desvelava.

A história de Agatha, por exemplo, já de início trouxe evidências de uma infância e juventude marcadas pelo abandono e pela negligência, ambas formas de violência, advindas do próprio núcleo familiar. Em busca de sobrevivência, partiu então para outras experiências que apenas agravaram o quadro de violência marcante na história dessa mulher. Porém buscou refazer sua vida fora de sua cidade e estado de origem. Casou e constituiu família. E hoje, ainda que Agatha compartilhe sua história com expressão de sofrimento e dor, de certa forma, como sinaliza Torres (2016) “*conhecer os processos que afetam as relações entre as pessoas e geram humilhações, subordinações, humilhações, sofrimentos e interdições [...]*”, no seu caso específico pode ter contribuído para a busca de outras “*formas de relação que fortaleçam e impulsionem para a autonomia*”. (p. 139).

Mas Agatha mesmo após ter dado sinais de uma mudança de vida, enfrentou e ainda enfrenta, com muito sofrimento, um quadro de saúde delicado. Enfrentou um câncer de útero, um grave problema de coluna que teve intervenção cirúrgica e uso de colete e um “vazio” que não consegue identificar a origem, mas que pode estar relacionado com a o “vazio” ocasionado pela perda do filho, pela “saudade” da mãe já falecida e ainda pelo ressentimento que demonstra ao falar dos irmãos.

Para Agatha, que participar das oficinas significa ter encontrado uma “segunda

*família*”, a alternativa de conter o sofrimento, de superar à violência vivida e a quebra de relações com a família pode ter sido encontrada na oportunidade que teve em expandir as *“relações, e na vivência de outras experiências de convívio social, que se pode contribuir para minimizar os impactos da ausência de reconhecimento ou proteção nas relações primárias”*. (TORRES, 2016, p.73).

Na história de Agraciada, a proteção nas relações primárias não faltou. E a vida fluíu bem, mesmo com os problemas de saúde que teve. A mãe de Agraciada sim foi vítima de negligência e abandono ainda na infância, mas teve a oportunidade de ser adotada por uma família e construir uma história que aos olhos de Agraciada foi puro orgulho. Mas, mesmo com uma infância e adolescência protegida, ela foi acometida por situações de violência já na vida adulta. E dessa violência sofrida, duas se destacam. A primeira foi a situação de violência urbana com “requisite” de crueldade onde, juntamente com os familiares, enfrentou a ameaça de morte proferida ao irmão acusado de forma injusta por um crime. Crime aos olhos dos ameaçadores, pois aos olhos dos familiares foi um acidente. Essa situação gerou grande transtorno não apenas para Agraciada, mas, para seus familiares que foram obrigadas a mudar de cidade, estado, na tentativa de garantir a proteção de todos.

E teve ainda a violência institucional que sofreu por parte do órgão que na verdade deveria ser aquele a assegurar direitos do trabalhador – o INSS. Órgão com o qual Agraciada travou uma “batalha” na justiça em função da negativa de um direito decorrente de uma intervenção médica e social injusta. Infelizmente, conforme expressa Minayo (2013, p. 33) *“a tendência das instituições e dos profissionais é a burocratização e a tecnificação.”* Falhas, ou seria injustiças, que ocorrem pela *“substituição de uma relação dialógica por exames e procedimentos que transformam o setor saúde em produtor de violência contra os usuários.”* Mas neste caso, felizmente, Agraciada ganhou a batalha.

As histórias de Bela Flor e Luz Própria trazem um ponto de semelhança ao compartilharem, cada uma a sua maneira, a violência psicológica sofrida por parte dos maridos. Semelhança que se deu também pelo fato de terem apresentado dificuldade em reconhecer que as situações vivenciadas por mais de uma vez, se tratavam realmente de *“agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar,*

*rejeitar, humilhar a vítima, restringir-lhe a liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social. Indica também a rejeição de pessoas, na inter-relação.”* (MINAYO, 2013, p. 39).

Tanto para Bela Flor quanto para Luz Própria foi preciso buscar forças e uma acolhida nas rodas de conversa e nas oficinas interativas para *“escutar o dito [...] Ou seja, mais do que ouvir o falado, deve escutar o dito - aquilo que está por trás do aparente ou do manifesto, pois apresenta níveis mais profundos de compreensão.”* (HABERMAS, *apud* UDE, 2002, p. 131). E foi também através da participação nas oficinas que foram, de forma gradativa, experimentando cada vez mais a *“roda”* e *“diminuindo”* o uso de medicação.

Paraiso também atravessou a exploração do trabalho infanto-juvenil. E ao que tudo indica, sofreu humilhações que deixaram marcas profundas principalmente pelo fato de ter sentido vontade de comer a comida que os patrões comiam; ou, quando tendo que dormir nas ruas com a filha mais velha por ausência de teto, vivenciou a dura realidade da fome. Mas o que parece de fato ter causado dor e revolta em Paraiso foi ter sido duramente ‘condenada’ pelos irmãos e, ainda que não tenha manifestado, pela própria sociedade, por ter sido *“mãe solteira”*.

É possível que Paraiso ainda não tenha se dado conta, mas, como tão bem expressa Torres (2016, p. 52) *“a experiência de desrespeito podem desencadear processos de luta por reconhecimento [...] a vivência de experiência de humilhação e desvalorização são motivadoras de luta [...]”*. A luta de Paraiso hoje é para manter a felicidade juntamente com as três filhas, cada uma de um companheiro diferente, criadas por uma única e amorosa mãe solteira.

A violência como instrumento de dominação e humilhação aparece nos escritos de Axel Honneth *apud* Torres ao considerar que

os atos de violência física tornam-se ainda mais degradantes por representarem a posse do corpo do outro, sujeitando sua vontade, minando suas forças, humilhando-o e rebaixando-o até o ponto de afetar a compreensão do sujeito sobre si mesmo. Esse dano é maior do que a dor física gerada pela tortura ou pela violação. [...] a humilhação e o rebaixamento representam ameaças à vida tal como o sofrimento gerado por doenças. Portanto, se é possível atuar para evitar a instalação de doenças com procedimentos de saúde preventiva, no campo relacional, a garantia de

relações respeitadas tem essa mesma característica preventiva, que evita e protege os sujeitos de sofrimento, produzindo a vivência de integridade para os seres humanos. (2016, p. 39).

As considerações de Torres (2016), de certa forma, traduzem o real vivido por Rosa dos Ventos. Rosa dos Ventos, que precisou viver a violência, compreender a violência para depois agir. Agir em defesa própria.

Zaluar *apud* Melo (2007), ao descrever a violência como perda de reconhecimento pelo outro, mediante o uso do poder, da força física ou de qualquer forma de coerção, seja por meio da violência física ou simbólica, possibilita a afirmação: em todas as histórias compartilhadas, em algum momento de suas vidas, a violência explícita ou velada, foi vivenciada por elas. E quando interrogadas acerca da compreensão em relação a este fenômeno, as respostas foram sendo transmitidas considerando sim a própria experiência, mas, agregando a essa reflexão algo do aprendizado vivido a partir da vinculação com o Para Elas.

#### **4.2 O significado da violência ‘para elas’**

A reflexão desenvolvida por Minayo (2006) ao considerar a violência como “*múltipla*” e não “*uma*” e com a característica de ser “*mutante*”, pode ser comprovada a partir de alguns depoimentos das mulheres quando questionadas em relação à definição de violência. Bela Flor, por exemplo, acreditava que violência “*era só bater, só tapa na cara, só arma*”. Mas ao participar do Para Elas, tanto no ambulatório quanto nas oficinas se deu conta “*que violência ela é verbal. Que às vezes uma violência verbal atinge você até mais. Atinge com um palavrão, te colocando pra baixo, te atinge mais que se te desse uma tapa na cara (...) violência é isso até verbal é violência*”. E a violência verbal pode não afetar o corpo físico, mas afeta em muito a condição existencial e até mesmo moral de cada sujeito.

Para Agatha que experimentou o trabalho pesado em casa de família ainda na infância,

violência é tudo, você vê violência dentro dos ônibus, você vê violência verbal o tempo todo, física também, que nem no meu caso, mas não é de agora

não. Quando eu era criança eu sofria violência de fora de casa e de dentro de casa. Agora graças a Deus de dentro de casa não sofro mais.

Mas as palavras de Agatha também nos remetem a dimensão da violência estrutural, do contexto urbano que em muito nos afeta e nos prejudica. Rosa dos Ventos fez um longo silêncio ao ser questionada em relação ao que seria para ela a definição de violência. Disse que não seria “*algo fácil*” definir a violência, o que vai de encontro ao exposto por Minayo (2014) quando descreve que

A maior parte das dificuldades para conceituar a violência vem do fato de ela ser um fenômeno da ordem do vivido, cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. (MINAYO, 2006, p. 14).

Após o silêncio, Rosa dos Ventos lembrou sua passagem pelo curso de Defensoras Populares<sup>10</sup> e chegou a dizer que foi por meio deste curso que conseguiu enxergar a violência para além da agressão física, e concluiu dizendo: “*violência pra mim é a maior de todas as faltas de respeito.*”

Já Luz Própria, inicialmente, retratou a violência como algo que nunca tinha vivido

mas eu acho que nem já vi na minha família mesmo, minhas irmãs (...), o tanto que elas apanha né? Igual já teve vez que uma delas apanhou, já teve até tiro, tudo isso pra mim acho que é uma violência porque ela continua com o marido porque ele não libera ela porque se ela sair ele já falou que mata ela. Então isso pra mim é violência. Igual às vezes que já cheguei lá e ela tava toda roxa e falava que caiu mas num é. A gente sabe que ela tomou foi coro. E a gente não pode fazer nada.

Ao longo da entrevista, mesmo declarando nunca ter vivido situação de violência, em um dado momento, ela questionou: “*ser ignorada pelo marido é violência?*” Pergunta que, no seu íntimo, já tinha a resposta, mas, talvez até mesmo por uma questão cultural, o fato de tomarmos a violência sempre na sua forma física, acompanhada de algum instrumento para ser efetivada, em muito deixamos de reconhecer que o ato de ‘ignorar’ gera o aniquilamento da alma. Pode resultar em

---

<sup>10</sup> *Defensoras Populares* é um curso criado pela Defensoria Pública de São Paulo e se espalhou entre as várias Defensorias do Brasil, incluindo Belo Horizonte. Tem como finalidade a formação e a articulação e o empoderamento de mulheres que se destacam como lideranças populares, de forma que possam buscar a solução das demandas mais comuns em sua comunidade em uma perspectiva de formar multiplicadores que irão apresentar o conteúdo proposto nos diversos espaços onde estão inseridas as mulheres participantes. Fonte: <http://escolasuperior.mg.def.br>

uma destruição tamanha capaz de impedir que a luta pelo reconhecimento próprio perca a força. Foi o que nos trouxe a história de Luz Própria.

Paraiso que passou fome para poder alimentar as filhas, e trabalhou morando em casa de família porque foi expulsa de casa pelos irmãos, pois “*virou mãe solteira*”, disse que violência pode estar “*até mesmo numa palavra mal falada, porque muita gente acha que violência é só física? Né? É bater, é matar, mas até uma palavra mal falada é uma violência.*”.

Agraciada se emocionou ao falar sobre violência:

Ah! violência eu não caracterizo só com um bateu, um toma lá da cá, um tapa na cara. Violência pra mim é o que eu passei como mulher que respeitou o marido e foi traída por ele, violência pra mim é o que eu passei diante do INSS quando o perito não acreditou na minha doença; violência pra mim é passar em quatro etapas num concurso, mas na última ser reprovada por conta de um problema grave de saúde, é querer trabalhar com a carteira assinada e não poder por que tem o preconceito quando a pessoa tem uma doença, isso tudo é violência. Mas a violência em si num é só isso... eu acho que existem muitas formas de violência, num e só aquela violência de dentro de casa tem as violências sociais também, que a gente sofre também. (...) O meu irmão mesmo foi acusado de ter matado uma pessoa e por isso foi ameaçado de morte. Toda minha família teve que mudar de casa em função dessa ameaça. Isso é uma forma de violência né? A violência social que eu falei.

E no relato de Agraciada é possível observar o quanto a violência desencadeia mais violência, o quanto os eventos violentos se referem a “*conflitos de autoridade, a vontade de domínio, de posse, de aniquilamento do outro e de seus bens.*” (MINAYO, 2006, p. 13).

E não foi apenas através dos relatos das histórias de vida de Agatha, Agraciada, Bela Flor, Luz Própria, Paraiso e Rosa dos Ventos que o significado de violência ganhou formas e palavras. Nas oficinas, quanto mais as mulheres se sentiam acolhidas e pertencentes àquele espaço, a liberdade para compartilhar fragmentos de suas histórias foi se tornando rotina. Depoimentos sobre a violência em si e a violência sofrida iam sendo compartilhados a cada encontro seja porque se sentiam acolhidas, seja por também se sentirem merecedoras de histórias com novos sentidos.

Histórias como a de Cristal, que, abusada sexualmente pelo pai quando criança saiu do interior do estado em busca de vida nova na capital. Todos os irmãos foram

violentados. Cada um *'seguiu seu rumo'*. Cristal buscou refúgio no álcool e no trabalho. Sonhava trabalhar em hospital para cuidar das pessoas. Foi tentando dar materialidade aos seus sonhos, mas o alcoolismo, a depressão e a fibromialgia sempre a impediam de prosseguir. No entanto, sua vinculação ao “Para Elas” juntamente com a notícia de que seria mãe foram decisivas para uma mudança de atitude: o cuidado com a saúde passou então a ser um objetivo, pois, para cuidar da filha seria necessário, primeiro, cuidar de si mesma.

Dona Palma, hoje já idosa e poliqueixosa, nos relatos que dividiu com o grupo suas dificuldades familiares, seus problemas com os netos, seu histórico de tabagismo e os preconceitos que sofria em seu ambiente de trabalho pelo fato de estar sempre *“carregando o cheiro do cigarro”*, foram evidenciados. Dona Palma em uma das rodas de conversa na oficina contou com sofrimento e repulsa: *“fui enforcada aos dezesseis anos”*. E sob o olhar de tristeza e compaixão das demais mulheres, Dona Palma prosseguiu: *“fui enforcada pelo meu marido, mas não foi com corda, foi com o casamento mesmo (...). Casei com dezesseis e minha vida acabou, morri enforcada”*.

Esses fragmentos foram possíveis de registros devido ao exercício da observação participante. Fragmentos permeados pela dor e tristes lembranças que, conjugados com todo o exposto nas histórias das seis mulheres entrevistadas, fizeram com que a pesquisadora refletisse acerca do seu compromisso com o “Para Elas” e com elas. Que a fez questionar sobre o sentido da sua vinculação com este projeto. Sobre qual seu papel junto a essas mulheres? Perguntas ainda sem respostas, mas que contribuem para a reflexão de uma prática de atuação. Que, mesmo sem respostas, reforçam a necessidade de se continuar investindo e acreditando na potência do trabalho coletivo tendo a linguagem como componente fundamental. Fazer a palavra circular contribui para que as mulheres compartilhem suas vivências e, ressignifiquem suas histórias.

A partir da escuta de si e do coletivo, é possível mudar a percepção em relação ao sofrimento vivido. É possível perceber que, mesmo quando se está no *'fundo do poço'*, a prática de ações que se pautem pela *'coletividade'*, ações que envolvem mais de um sujeito, contribui para que a capacidade em relação à tomada de

decisões se faça presente. Contribui para que o rompimento com ciclos de vida permeados pela violência sejam substituídos por experiências que tragam a elevação da autoestima e o auto cuidado.

### **4.3 Oficinas Para Elas: significado, motivação e convivência**

As oficinas, na região leste de Belo Horizonte, no período estudado, reuniram mulheres advindas principalmente dos bairros Paraíso, Taquaril, Granja de Freitas, como já dito. Mulheres que utilizavam o Sistema Único de Saúde/SUS e, de acordo com a necessidade específica, acessavam também o Sistema Único de Assistência Social/SUAS. Mulheres acometidas por situações de violência em seus percursos de vida, mas que, ao longo das oficinas, foi possível observar que, mesmo em meio às situações de violência e vulnerabilidades vivenciadas, traziam para os encontros um desejo de busca por dias melhores, com mais saúde e perseverança.

Nesse período de maio de 2017 a dezembro de 2018, as oficinas foram se revelando como um canal potente de construção de relações sociais, agregando um conjunto de mulheres e profissionais dispostos a dialogar e construir experiências que possibilitaram um distanciamento do cotidiano vulnerável e violento rumo a um movimento de saída do isolamento. Produziu assim uma integração coletiva e empoderada, construída, em conformidade com Bronzo (2007), a partir do fortalecimento da capacidade individual, familiar e comunitária numa lógica participativa sustentada por relações horizontais.

Na prática dos encontros, observou-se a vivência gerando convivência, sociabilidade. E essa convivência tomou forma nas oficinas interativas por meio de atividades práticas que favoreceram o convívio social e a criação de vínculos entre as mulheres, que, ao longo dos encontros, demonstraram sinais de desejo por dias melhores, com mais saúde e perseverança, mesmo em meio às vulnerabilidades vivenciadas.

Isto posto, para saber da efetiva potência dessa prática, se fez necessário escutar o que as mulheres almejavam em termos de fortalecimento pessoal e coletivo, e principalmente as percepções construídas acerca deste trabalho, especificamente em relação à dimensão da convivência entre pares, tendo em vista a possibilidade desse encontro contribuir para o fortalecimento da autonomia que, na visão de Campos e Campos (2006), é uma característica que começa a se desenvolver no ser humano desde seu nascimento e vai se estendendo ao longo da vida.

As oficinas realizadas semanalmente se configuraram enquanto espaço de interação social, por isso a nomeação Oficinas Interativas. Nelas aconteciam as Rodas de Conversa, sempre inéditas a cada encontro. A partir das rodas a fala circulava favorecendo a construção coletiva do conhecimento. Daí as atividades eram planejadas e desenvolvidas. Na prática, nos encontros semanais acontecia uma 'rodada' de apresentação, mas não uma apresentação convencional, onde cada uma apenas dizia o seu nome e de onde vinha. Mas uma apresentação onde cada uma tinha a liberdade para dizer um pouco de si e dos benefícios que o "Para Elas" estava lhe proporcionando. Benefícios que foram observados não apenas por meio da fala, mas por meio dos sorrisos, do novo corte de cabelo, do batom vermelho, do destaque pela bijuteria nova, da suspensão de um ou outro medicamento pelo médico do "posto", da amiga convidada para participar do projeto, do fortalecimento da relação entre elas.

A cada encontro, observava-se a vivência gerando convivência. E essa convivência tomou forma nas oficinas por meio de algumas atividades práticas, a saber: organização/separação das bijuterias; planejamento e organização dos bazares; prática de artesanato; momentos de reflexão; promoção do autocuidado; momentos de cultura e lazer como cinema, visita a exposições, celebração de aniversários e chás de bebês. Enfim, momentos que favoreceram o convívio social e a criação de vínculos.

Na prática das oficinas, a técnica da observação participante foi fundamental para captar o processo de construção dos encontros que foram se constituindo em uma espécie de ritual. E na perspectiva de agregar a compreensão das mulheres em relação às oficinas bem como o que as motiva em frequentar as atividades, alguns

depoimentos se destacam: *“O Para Elas pra nós tem um efeito de família, é muita convivência com muita gente que só quer o nosso bem e nos ajudar.”* (Sodalita).

Significados, sentimentos, lembranças e novos propósitos também identificados a partir do que segue:

Nas oficinas eu me sinto maravilhosamente bem, porque me faz muito bem, porque eu cheguei aqui eu nem falava hoje eu já to falando, eu chegava e ficava lá na última cadeira de trás e agora a depressão que eu estava já acabou. Até o remédio já cortou. Eu fico torcendo pra chegar o dia de vir aqui, tá (...) tá melhorando minha saúde e tudo, muitas coisas que eu não conseguia eu consegui aqui. (Ametista).

Quando venho no grupo me sinto muito bem, porque aqui encontro pessoas que enfrentam a vida com coragem e (...) que tiveram experiências em suas vidas de invasão do seu maior patrimônio: seu corpo (...) e a pessoa passa energia positiva para os outros, e acredita que pode melhorar (...) quero levar isso pro resto da vida. (Esmeralda).

Aqui estou encontrando meu paraíso, meu eu, tendo esperanças e confiança em mim mesma, encontrando pessoas profissionais que me encaminharam para o ambulatório, se eu falar e eu agradecer ainda é pouco, profissionais que saem da casa deles sem interesse algum e o interesse deles é nos ver caminhando e não tem prazer maior do que ver o profissional dizer que a maior felicidade deles é ver minha vitória (...) tenho minhas falhas, altos e baixos, as coisas vem da minha infância, agora eu estou sendo eu e mesmo assim tenho minhas recaídas, estou no começo, me sinto vitoriosa, mas ao mesmo tempo ainda há muitas lutas, a infância mal resolvida acarreta muitas coisas, depois você ainda sofre outras coisas (...). (Jade).

(...) hoje em dia algumas coisas ficam pra trás, coisas que a gente aprendeu com aquelas pessoas (...) eu amadureci depressa, minha mãe era o homem e era o pai, e ela quase não ficava em casa, eu encontrava com ela de madrugada, dentro de casa eu tinha que ser forte com os problemas, o que você passou você guarda, mas foram coisas boas também (...). O mundo de hoje está precisando de muito amor e esperança, alguns falam que querem ir para a droga porque não tem emprego e não tem as coisas (...). Meu mundo não era assim, passei dificuldade, eu apanhei, hoje em dia as meninas tem de tudo e querem ir pra outro lado, prostituir, usar droga (...) Só quem já viu coisas boas consegue lidar com o mundo de hoje, passar para os filhos, porque o mundo de hoje é difícil (...). (Turmalina).

Cheguei no grupo também foi por curiosidade e ali já fui amparada por todas, fui me empolgando, fui em prantos, com vontade de dar um tiro na minha cabeça, problemas no trabalho, tantos problemas, vou no medico, e é doença, doença, doença, doença (...), no grupo eu ate esqueço isso, porque vejo que meus problemas são pequenos e como teve um homem pra ajudar Jesus a carregar a cruz, Deus esta me dando vocês para me ajudar a carregar a minha cruz”. (Safira).

Na intenção de complementar os fragmentos descritos e buscar uma aproximação acerca da definição das oficinas, os depoimentos de Agatha, Agraciada, Bela Flor, Luz Própria, Paraiso e Rosa dos Ventos também se destacam. Agatha considera a oficina como *“uma terapia pro corpo e pra alma porque quando eu participo das*

*oficinas eu nem lembro do meu problema e quando eu chego aqui em casa ne e fico sozinha ai volta tudo (...) por isso que não consigo ficar sem oficina mais.”*

Paraiso diz que a oficina pra ela

(...) é um aprendizagem, porque eu (...) nunca, nunca mexi com esse negócio eu gosto muito de bichinho assim mas eu nunca assim aprendi a fazer nada (...) apesar de que costura eu sei pegar na maquina, em linha reta eu ainda costuro, mas sobre artesanato esses negocio assim eu nunca (...). Nunca mexi (.). E a gente aprende muita coisa boa e eu espero aprender mais ainda.

Já Rosa dos Ventos se emociona e fala das oficinas com um certo saudosismo. Rosa dos Ventos, que participou das oficinas por cerca de sete meses, teve que parar de frequentar as oficinas por dificuldade de deslocamento para o local onde a oficina atualmente acontece. Nas suas palavras a oficina

é um ponto de encontro pra conhecer as pessoas, pra ter um dialogo, pra gente aprender coisas novas, pra gente desabafar, fazer novas amizades, explorar nossos dons artísticos e também poder contribuir de alguma forma com o dialogo. A gente ta sempre trocando experiência e a pessoa percebe que o problema dela num é tão grave quanto o do outro e isso conforta (...) e eu amo, amo, eu gosto, eu quero voltar pra oficina mas a questão é que é longe pra mim, mas eu posso tentar fazer outras coisas pra ajudar também nas oficinas.

Bela Flor, que em vários momentos da entrevista perguntava “*que horas vou poder falar do “Para Elas, das oficinas, da roda”*”, no tocante as oficinas assim se expressou:

Nossa! É o ponto! É (...). To sentindo até falta essas dias viu porque aquilo ali é uma mão que da pra gente e põe a gente pra cima. Nossa! D. Pérola tá fazendo uma falta que... eu ainda falo: eu achava que eu era burra que eu não conseguia fazer nada pelas pessoas. Agora to fazendo trabalhos artesanais, cada um mais lindo do que o outro e eu não sabia fazer nada... ai foi lá na roda que eu aprendi a fazer e descobri que eu não posso só aprender como eu também podia ensinar. A burra que não tinha nada, não sabia aprender nada, a burra sabe ensinar, e eu passei a ensinar também. Então teve aquela da gente fazer abadá, eu ajudando a fazer abadá... bordado... dando uma de bordadeira, ensinando a fazer essas botinhas de papai Noel, as bonecas que eu aprendi com a Pérola, a passar pra frente, então assim é um lugar que você se encontra e se valoriza. É muito bom. É uma mão que te puxa e te levanta e não deixa ce abaixar mais não. Ela te joga pra cima e te fala seu lugar é aqui, é em pé, é pra frente. É assim que eu sou lá. Hoje eu vou lá e sou a risonha.

Agraciada que foi a ultima a chegar nas oficinas disse se sentir privilegiada por ter conseguido “*entrar no grupo*” e relata:

Nossa! É uma família que eu tenho, porque igual eu te falei, a minha família se resume no meu filho, minha filha e meu marido, eu não tenho parente aqui, então ne, lá eu tive oportunidade de conhecer a Turmalina e ate frequentar a casa ne das pessoas, a Turmalina, a Bela Flor, isso pra mim é muito

gratificante porque a gente é acolhida ne, se sente acolhido, num se sente totalmente sozinho, perdido ne? (...) eu sempre fui uma pessoa assim de poucas amizades mas de amizades verdadeiras que a gente leva por muito tempo, ne, como se diz por onde ce vai ce ta sempre em contato com essa pessoa. Mas (...). Às vezes a distancia, o dia a dia acaba que não permite que ce tenha aquela convivência ne diária. E o Para Elas permite isso uma convivência que a gente tem toda semana e as vezes eu sinto falta de uma visita, ne? Que bom que ce esta aqui (...) mas a gente sente falta de uma visita, de sair num domingo ir pra casa de alguém (...) ne (...) esse tipo de convivência assim que eu falo. E ai, pra mim, a oficina é uma segunda casa, uma família.

Luz Própria, que juntamente com Paraiso foi completamente assídua a todos os encontros expressa um largo sorriso para dizer que as oficinas

são boas. Mas quando veio aqui pro Taquaril pra gente não foi muito bom porque aqui a gente gosta de sair pra longe e aqui ta perto né? Mas mesmo assim a gente também não falta ne. De jeito nenhum. Foi ruim vir aqui pra perto, mas graças a Deus que continua né? Já fui acho que em todas, eu acho que só faltei numa vez que eu tinha medico. (...) pra mim ir mesmo com chuva ou sem chuva nos vamos. Oh só da gente ficar ali conversando aquilo ali já ajuda muito a gente, mesmo se a gente num fazer nada ficar só conversando já e uma ajuda (...) as vezes a gente sai de casa de um jeito e volta de outro, ne só da gente ficar ouvindo as conversas a gente ri e a gente chora também. Então é muito importante eu gosto demais e to ate sentindo falta.

Nas oficinas, por meio da observação participante foi possível registrar depoimentos acerca do efeito da roda que, assim como no ambulatório, também se tornou uma pratica nas oficinas interativas no território. Hematita traduz a roda da seguinte forma:

O que é o propósito da roda de conversa? Ouvir as histórias e experiências das pessoas (...). A gente escuta histórias de pessoas que sofreram algum problema e a gente consegue identificar que nossos problemas não são tão grandes quanto os das outras pessoas. Na roda existe o amor incondicional, a gente encontra respeito, carinho, ali há pessoas que procuram respeito e amor, que a gente procura nas nossas famílias e amar a si mesmo. Não tenho palavras para expressar, todo mundo tem problemas e precisa de ajuda independente do que aconteça e nós estamos lá pra isso, pra essa luta que é amar.

Tanto a roda como outras atividades propostas a partir da manifestação das mulheres foram elencadas como motivação para frequentar as oficinas, ponto de destaque e reflexão neste estudo. A emoção ao responder a pergunta sobre qual seria a motivação para frequentar as oficinas fez parte de praticamente todas as respostas dadas a essa questão. Para Agatha, por exemplo, a principal motivação para a frequência às oficinas são *“as amizades. Lá gente nem vê o tempo passar e eu sinto falta esses dias que num ta tendo, porque pra mim é uma família. Apesar de que a minha família é maravilhosa, mas lá é outra família que eu ganhei”*.

Já Paraíso vê como maior motivação para estar nas oficinas o conhecimento obtido, as amizades conquistadas e o aprendizado de artesanatos. E complementa

E financeiramente também é bom né? Os bazares que a gente faz, a gente aprende e vende né? (...) na época eu cheguei até falar na roda lá quando convidaram pra gente participar dos bazares, que eu não tinha queda nenhuma pra venda, que eu nunca vendi uma bala. E dá prazer né na hora que a gente chega lá no bazar e chama a gente pra participar, pra vender, é a coisa mais bonita. Mudou minha vida né? Mudou porque hoje se eu for trabalhar numa loja eu consigo vender alguma coisa (risos). É porque a gente (...) eu tinha vergonha e hoje não, hoje eu vou eu convido as pessoas pra ver as bijus, eu brinco com as pessoas, né... hoje eu chamo as pessoas pra comprar as biju, e a gente é feliz né? E outra coisa também é como eu sou muito sozinha, a minha menina sempre trabalha fora, ai eu fico fazendo minhas coisas né? Eu acho que realiza alguma coisa pra vida da gente porque a gente né aprende alguma coisa! Antigamente igual eu falei eu num fazia nada e hoje eu vo lá na cidade, adoro comprar meus negócios meus trem que eu compro pra mim fazer o sapato de papai Noel, eu faço arvore de natal, eu faço as bolinha de natal né! Isso dá prazer a gente, isso motiva a gente né?

Rosa dos Ventos descreve que quando frequentava as oficinas

gostava de todo mundo. Eu criei amizades lá, eu me sentia bem lá; tinha dia que eu tava com um clima ruim na minha casa ai eu falava ah eu vou sair daqui vou rir um pouquinho porque as meninas são muito divertidas ne e é bom porque a gente aprende muito tipo hoje eu sei fazer varias coisas que vocês me ensinaram la entendeu? Eu posso ensinar o que eu aprendi e pra mim e isso é motivador.

Para Bela Flor o destaque quanto a motivação é a união, o aprendizado e também as amizades.

A gente aprende muita coisa e ensina muita coisa e é assim uma família. As vezes eu fico aqui em casa sozinha e de repente chega a hora de ir pra roda nossa que bacana! Lá eu encontro com as pessoas, eu converso, eu brinco, eu posso chorar, eu posso rir, é maravilhoso! E assim, as oficinas? Já até falei isso: me valorizou. Me fez eu me valorizar, me fez ver que eu não sou esse bichinho que fica pastando não, ao contrário, eu sou o pastor!

E Luz Própria diz:

Eu me sinto bem nas oficinas e porque tem hora que é uma coisa pra poder sair de dentro de casa e ficar no meio das pessoas. Ali a gente conversa que nem já te falei a gente acostuma, quando chega naquele horário naquele dia a gente fica naquela ansiedade pra poder ir. Tem vez que outro dia eu subi tão coisa que eu não gosto de subir esse morro aqui com aquele sol quente eu suando, mas ai eu acho que pra ir na oficina a gente não vê barreira, pode ir, sempre a gente sai uma gritando a outra: hoje é quinta feira é dia. E sexta feira? Ce vai? Então a gente já ta acostumando, a gente acostumou com essa rotina. E que nem lá na leste também quando era lá na regional a gente ficava ah ce vai na regional hoje, uma ligava pra outra ah ce vai hoje lá na regional eu achava aquilo muito importante alias eu acho ne muito importante.

Para Luz própria, a existência da oficina em si é a motivação para a frequência e participação. Suas palavras expressam o quanto essa atividade agrega, o quanto pode preencher o vazio e promover mais qualidade de vida. E para Agraciada, além da possibilidade de se extravasar emocionalmente o que a motiva a *“fazer parte das oficinas”* é que

lá você liberta mesmo o coração. Quando vê já ate parou de tomar o calmante! E o que me motivou também foi o trabalho manual com bijuteria, porque eu mexo com artesanato, então tudo que fala que é manual, que é arte me chama atenção e a possibilidade também de ta podendo demonstrar o que eu já sei fazer. Além das exposições das bijuterias o Para Elas permite que a gente tenha um espaço pra demonstrar, pra apresentar a nossa arte também né? Então, isso tudo pra mim veio assim a calhar ne, deu certinho porque eu encontrei ali pessoas que me acolheram, eu encontrei um local pra poder trabalhar a mente vamos dizer assim, e trabalhar pra poder ter rentabilidade também porque é o que acontece quando a gente tem as exposições ne, nossas feiras. (...) E assim, participar das oficinas, olha eu falo assim que abriu portas. Por exemplo, nessas oficinas que eu tive oportunidade de participar eu consegui encomendas de sachezinho pra chá de maternidade, chá de bebe, que eu levo meu cartãozinho né? Ali eu to expondo então me abriu oportunidades, possibilidades assim que eu não via antes porque não tem onde divulgar, como mostrar o que eu sei fazer e ali eu consegui isso através das exposições né? Das oficinas, das nossas exposições, ter mais contato assim, ne? Pessoas que as vezes não compraram ali no dia mas levou o cartãozinho, encomendou depois. Então foi uma porta que se abriu.

Após manifestações das mulheres acerca do que as motivava a frequentar as oficinas, partiu-se para a reflexão relacionada à convivência entre elas. E o que poderia ser dito? Seria a convivência uma forma de superar dificuldades? Uma espécie de antídoto contra a segregação e o isolamento? Uma alternativa de cuidado no campo da promoção da saúde e uma forma de prevenir a violência? Torres (2016) sinaliza que *“ao tomar como verdadeira a afirmativa de que é no cotidiano que as situações de violação e humilhação se manifestam, também é nesse âmbito que precisam ser enfrentadas”*. (p. 43). Isto posto o fato das oficinas interativas acontecerem no território e já fazer parte do cotidiano das mulheres, ao se tornar meio de convívio contribui, também, exatamente por ser uma prática coletiva, no enfrentamento às situações de violência. Considerando o depoimento de Cristal, significa que

o “Para Elas” traz muito para todas nós. Aqui estamos aprendendo muita coisa nova, temos esperança, porque vemos muita gente, profissional, que podia estar fazendo outras coisas e está conosco. Aprendemos a sair de casa mesmo com nossas depressões e tristezas. Aprendemos a conviver, a ter bons sentimentos. E já estamos conseguindo nos sentir merecedoras de tudo de bom que está acontecendo nas nossas vidas.

E nas palavras de Rosa dos Ventos, eis que surge uma definição conceitual

Convivência é um grupo de pessoas com diferentes culturas, diferentes vidas e diferentes histórias que se reúnem pra trocar experiências, pra te ajudar em alguma coisa. É isso, a gente aprende com o outro. E isso acontece nas oficinas. A gente cria afinidades, confiança, troca experiências as oficinas são muito boas.

E Agraciada complementa dizendo que define convivência como *“respeito ao próximo, respeito mutuo. Convivência é isso é saber aceitar o limite do outro, o espaço do outro”*. Palavras que se aproximam do que Torres (2016) problematiza acerca da convivência quando diz que esta é a *“expansão das relações”* e que pode auxiliar no processo de enfrentamento da violência, no posicionamento do sujeito em meio a relações que se pautam pela rejeição não pela aceitação. Isso porque a convivência ocorre em várias dimensões, como aponta Bela Flor

Convivência é uma coisa pesada porque é você viver junto. Então convivência pra mim é uma palavra muito pesada porque quando é o caso de ter violência no meio e você precisar conviver por obrigação, por exemplo, eu não trabalho fora e ele me sustenta, põe arroz, põe feijão, põe isso e aquilo dentro de casa, e eu se não tenho o meu sustento sou obrigada a conviver com ele em troca dessa alimentação, em troca dessa casa, ai vem um lado da convivência. (...) Mas se é pra falar da convivência entre nós da oficina ai sim é outra coisa! A convivência no grupo é maravilhosa! Mesmo quando a gente tem dificuldade, porque dificuldade sempre tem né? A gente aprende a conviver com outras pessoas, a gente aprende a ouvir outras pessoas, a falar, saber falar diante das pessoas (...) e principalmente, saber a hora de calar e ouvir. Então eu acho isso muito bacana porque aquilo ali ajuda a gente demais. Essa roda é uma benção. Essa oficina é uma benção. Deus tocou no coração da Elza mais da Mirian pra poder fazer isso, essa roda, criar essa roda, que é um remédio que a gente tem sem precisar comprar e tomar capsula alguma. Só de estar em roda, batendo papo, ouvindo conversa das pessoas podendo falar de você, é um presente que Deus mandou pra gente usando as mãos dessas duas Elza e Mirian e agora dessa roda na oficina da leste que tá só crescendo graças a Deus!

E Luz Própria complementa

Assim, a convivência é uma coisa boa né, mas tem também seus atritos tem hora. La na oficina mesmo tem hora que entra uns atritos, mas depois contorna ali mesmo, a gente conversa e fica legal. Tenho nada a reclamar sobre a violência nas oficinas, quer dizer na oficina não tem violência né, é só as coisas boas entre a gente. Porque lá a gente conversa sobre tudo né. Se tem uma coisa que não deu certo ai chama a gente pra conversar. E conversando a gente se entende (...).

A colocação de Luz Própria é fundamental porque, ao apontar o atrito que se faz presente nas oficinas logo sinaliza que mesmo em meio ao atrito há meios de se encontrar um contorno e tudo *“ficar bem”*. De que forma? Com a *“conversa”*. E a *“conversa”* só é possível por meio da linguagem expressa, o que nos permite pensar que em se tratando de relações permeadas pela violência, existente sim um

componente de extrema relevância para o seu enfrentamento e quiçá superação: o diálogo.

As manifestações das mulheres em relação a convivência, a experiência com as oficinas interativas e a perspectiva de elaboração do seu significado e importância por meio deste estudo, nos faz concordar com Torres quando ela aponta que *“não se está buscando afirmar uma visão idealizada de convivência social, mas mostrar sua potência como proteção de indivíduos e como vivência da experiência de valorização e respeito”*. (2016, p. 72). Afirmação que nos faz acreditar que no campo das políticas públicas, essa pode ser uma oferta viável e potente, com a possibilidade de atingir bons resultados.

Em uma prática coletiva onde os depoimentos apresentaram marcas de sofrimento advindo da experiência com situações violentas, mas que trouxeram, a partir da vinculação ao Para Elas, especificamente nas oficinas interativas, possibilidades outras de enfrentamento a este fenômeno visando uma travessia, despertou na pesquisadora a interrogação em relação a continuidade deste trabalho. Diante disto, saber das mulheres o que poderia ser feito para melhorar as atividades desenvolvidas nas oficinas se tornou também uma questão. E o retorno veio em forma de sugestões: *“na oficina a gente tem que aprender a fazer mais artesanato, mais coisa ne, porque tamo fazendo pouca coisa e tem que produzir mais, produzir porque quando chegar na época de vender tem que ter os produtos”*. Foi a contribuição de Luz Própria, complementada por Bela Flor: *“acho que a gente precisa pegar mais firme nos nossos artesanatos. É começar também a ensinar o que já aprendemos”*.

Já Agraciada se diz satisfeita com as oficinas do jeito que estão, mas pensou e depois verbalizou: *“seria então a gente ter mais o que fazer né? Praticar mais e trabalhar com os artesanatos, com as bijuterias. Ter mais dias pra encontrar também, conseguir espaço pra expor. Mas pra mim não deixa nada desejar, eu só acho que tem que ter mais.”*

Paraiso, também pontua que é importante aprender mais coisas, dizendo inclusive que é preciso *“arrumar mais uns professores pra ensinar a gente mais coisas”*. E diversifica ao dizer que considera importante

ter palestras sobre saúde, uns curso de cozinha, de costura, ah tem muita coisa que pode ter na oficina, se a gente conseguir né? Ter lugares pra passear, divertir, são muitas coisas importantes que podem aparecer e agente participar.

Rosa dos Ventos relata que sempre *“achou as oficinas bem legais”*, mas fez um destaque dizendo que no início achava que *“o povo ficava meio perdido. Às vezes a gente num sabia se tava esperando a pessoa que ia coordenar ou a pessoa que ia ensinar alguma coisa. Demorava um pouco e a gente acabava perdendo tempo da nossa oficina”*. E complementa:

a respeito da alimentação, do lanche eu acho que a gente mesmo deveria levar uma coisa e também deveria ter um filtro no lugar. Agora em relação a passagem, ao transporte, é uma coisa que pode ser estudada porque tem muita gente que não vai porque não tem condição financeira, mas no mais é só isso mesmo. O resto tá ótimo porque o que faz a oficina acontecer são as pessoas.

E o que precisa então melhorar? Pensando nas Oficinas Interativas como espaços de diálogo, de interseção, que se vinculam a um projeto de extensão da Universidade e tem na prática da intersectorialidade uma diretriz para sua execução, algumas observações, sem nenhuma pretensão de avaliação pois avaliar não foi o propósito desta pesquisa, merecem destaque. É possível constatar que as oficinas interativas contribuem sim para reflexões dialogadas sobre temas complexos e desafiadores, como é o caso da violência contra mulheres, e isto por si só contribui para a qualidade de vida, pode minimizar o quadro de doenças e conseqüentemente o uso de medicamentos. No entanto, na prática, a intersectorialidade tem funcionado?

A experiência das oficinas da leste mostrou que a proposta da intersectorialidade funcionou bem durante os oito primeiros meses. Houve uma dificuldade inicial em relação a definição de um espaço físico para a realização dos encontros, mas, com a participação dos setores de saúde e assistência social, essa dificuldade inicial foi superada, embora tenha retornado algum tempo depois. Lanche, tarifa social e/ou veículo para garantir o deslocamento das mulheres foram algumas das dificuldades enfrentadas.

Ao longo dos encontros, a dificuldade em relação ao deslocamento foi se tornando

um grande impedimento para garantir a frequência das mulheres nas oficinas. Então, coletivamente, optou-se pela transferência das oficinas, até então realizadas no bairro Floresta, para o bairro Taquaril, local de onde vinha o maior número de mulheres. Ainda que a proposta tenha desagradado algumas, inclusive moradoras do Taquaril, pois chegaram a manifestar a preferência por atividades que não fossem no bairro, chegamos a um consenso e a mudança foi feita. Passamos então a realizar as oficinas em uma sala cedida pelo Projeto Providência, uma organização não governamental com anos de atuação no território do Taquaril, e que passou a ser parceira.

Mudamos então para o Taquaril no início de 2018. O setor saúde continuou colaborando não enquanto presença física constante de profissionais, mas no auxílio para com a organização de atividades a serem desenvolvidas tais como “palestras” reflexivas, excursões à exposições e disponibilização de espaço nas unidades de saúde para realização de bazares (principalmente nos centros de saúde Novo Horizonte e Paraíso).

Importante registrar que, embora essas dificuldades fossem aos poucos sanadas, no decorrer do tempo observou-se uma sobrecarga em relação a condução desse processo que ficou sob a responsabilidade dessa pesquisadora – ainda que podendo contar com o suporte de funcionários do núcleo, mas que, dependendo do momento, estavam sobrecarregados, se empenhando para que oficinas nas outras regionais pudessem também acontecer.

Neste sentido, sem tirar o mérito da importância das oficinas na atuação às mulheres vítimas de violência, da sua eficácia quando pensamos na lógica da sua oferta como parte integrante de uma política pública, bem como o reconhecimento dos benefícios que essa prática trouxe para o cotidiano de cada uma delas é necessário repensar alguns pontos para sua sustentabilidade. Se as oficinas integram um projeto de extensão da universidade, se faz necessário um planejamento semestral no tocante à participação dos alunos do mestrado no envolvimento e organização dos trabalhos e, da mesma forma, a cada semestre, avaliações acerca do funcionamento das oficinas precisam ser feitas.

É fato que o trabalho nas oficinas interativas do Para Elas não se restringe a uma mera relação de trabalho e estudo, é uma relação de militância pelos direitos humanos. Mas a atuação no campo das políticas públicas por vezes causa mais frustração do que empolgação. E é fato que a

intervenção estatal produz proteção, mas pode também, a depender do modo de intervir, produzir subordinação e violência. Para Faleiros (2008) negligência profissional, recusa da informação, lentidão deliberada no atendimento, excesso de exigências burocráticas, desprezo, descaso, desinteresse e omissão são formas de manifestação de violência e violação de direito que geram graves danos físicos e psicológicos. (TORRES, 2016, p. 43).

e é fato que o que experimentamos nas oficinas tende a ser o oposto do que problematiza Torres (2016). Até porque estamos falando de uma experiência apaixonante e que encanta, mas que perpassa a lógica da política pública. E que precisamos manter viva. Por isso a importância das avaliações e do envolvimento dos mestrandos, inclusive de forma avaliativa.

Sintetizando resultados construídos a partir desse percurso pode-se dizer: as mulheres do Para Elas frequentes as oficinas interativas vivenciaram um processo de escuta umas as outras e, por meio da convivência, se potencializaram; as oficinas interativas cumpriram uma função de extensão da roda de conversa ofertada semanalmente no Serviço de Ginecologia do Instituto Jenny Faria de Andrade/HC, não apenas; produziram saídas coletivas para a promoção da saúde. No caso das mulheres da leste, agregou-se as oficinas ao tratamento do ambulatório uma vez que, semanalmente, as mulheres estavam na oficina e também no ambulatório.

E por fim, cabe dizer que a convivência, advinda das oficinas interativas no território, contribuiu para a promoção da saúde e prevenção da violência e conseqüentemente para o fortalecimento de vínculos e o empoderamento das mulheres. O estar junto, compartilhar histórias, ouvir a história do outro fez com que as mulheres construíssem uma nova forma de enxergar as situações de violência que perpassaram suas histórias de vida, ressignificaram suas experiências e por meio das rodas, das bijus, da produção de artesanato, da participação em bazares, da circulação pela cidade, se deram conta da existência de formas outras de convívio. Convívio com base no afeto, na coesão, na expressão da fala e que certamente auxiliaram na tecitura de novas vivências.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo considerou a história de vida e as vivências de violência e seu enfrentamento entre mulheres em situação de violência nas oficinas interativas realizadas na regional leste de Belo Horizonte a partir da experiência de trabalho do ambulatório da rede de práticas de promoção de saúde da mulher em situação de vulnerabilidades - O Ambulatório/Rede “Para Elas”. Partiu do pressuposto de que as oficinas, consideradas como ações coletivas e participativas entre mulheres e os profissionais da rede de saúde e assistência social, se constituíram enquanto espaços de promoção da saúde, de reflexão e construção de saídas perante situações de violência.

Ao processo de escuta das histórias de vida, foram agregadas fontes de estudo e produções teóricas acerca da temática da promoção da saúde, violência, violência contra a mulher, visando uma análise reflexiva junto às elaborações construídas pelos sujeitos dessa pesquisa, a saber: as mulheres que frequentaram as oficinas interativas do Ambulatório/Rede “Para Elas” da leste no período de maio de 2017 a maio de 2018. Importante destacar que neste estudo adotou-se a pesquisa qualitativa que considera significados, motivações, aspirações, valores e atitudes, em contraponto aos estudos de natureza quantitativa.

A partir deste estudo chegou-se a uma conclusão: o encontro entre histórias de vida e a vivência em atividades coletivas promove saúde, contribui para o empoderamento e autonomia de mulheres em situação de violência uma vez que a prática de encontros semanais possibilita o favorecimento do convívio, a criação e/ou fortalecimento de vínculos entre as mulheres, entre as mulheres e seus familiares e entre as mulheres e a rede de atendimento numa lógica de funcionamento que é coletiva, sem desconsiderar a particularidade de cada uma delas. Possibilita a comunicação, e a comunicação, de acordo com o pensamento de Habermas em sua Teoria da Ação Comunicativa, é interação isenta de coerção e se constitui um potente recurso de enfrentamento à violência e a promoção de convívios saudáveis, agregando efeitos positivos.

Ressalta-se que esse processo de pesquisa remeteu-me a minha história de vida no tocante a lembranças de uma relação com a violência advinda de tempos remotos. Ao crescer em meio a um ambiente familiar no qual a violência predominava em sua face mais silenciosa, eu a reconhecia através dos olhares de meus familiares. Quando esses olhares eram trocados o ambiente ficava triste e assustador. As mulheres da minha família materna suportaram durante muito tempo a violência maligna advinda pelo olhar e mãos de meu avô. Mas foi neste mesmo ambiente que aprendi, com as mulheres da minha família, a buscar meios de atravessar o horror e buscar saídas possíveis. Foi pelas mãos e pelas palavras de minha avó, frágil e miúda, que conheci, junto com outras mulheres da família, a reza do terço. Uma reza-roda, onde as mulheres sentavam e rezavam aquela ladainha repetidamente. Em minha lembrança, quando a roda do terço era formada, a repetição soava como um mantra: Ave Maria, Cheia de Graça... Glória ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo...

A conjugação de Maria com o Espírito Santo na reza do terço, em minha história de vida, foi o antídoto contra a violência oculta perpetrada pelo meu avô. Fazer uma pausa, rezar, dialogar, e, principalmente, reunir em roda, fazia ecoar possibilidades outras, que não a violência e, sobretudo, fazia com que o opressor se afastasse da roda de mulheres unidas, reunidas. Só compreendi esse antídoto mais tarde, quando já adulta e sentindo uma grande identificação com atividades para auxiliar, de alguma maneira, as pessoas a atravessarem percursos de vida marcados pela violência. O que foi fundamental para uma escolha profissional que possibilitasse a acolhida, a escuta e a busca pela compreensão da dor do outro.

E o que foi observado nas oficinas? Uma “reunião em roda”, uma interação coletiva produzindo efeitos individuais. Os encontros, que foram ganhando formato a partir do que as mulheres apresentavam como demanda não seguia propriamente uma ‘metodologia’ interventiva, como muito se diz e se busca em serviços e programas que integram as políticas públicas. A sustentação das oficinas se deu com base no princípio da autonomia e da construção dialógica, onde se mantinha sim uma organização para o funcionamento dos encontros, mas preponderando a liberdade de escolha em relação às atividades propostas e principalmente a relação de confiança quando da troca de vivências. Um verdadeiro fazer junto, um fazer coletivo.

A cada relato pessoal que circulava na roda de conversa, era possível perceber uma travessia em relação ao efeito traumático causado pelas experiências com atos de violência. O que não acontecia sem dificuldades. A busca pela superação (ou pelo menos minimização) da lembrança em relação ao vivido era apresentada pelas mulheres como um propósito de vida seja pelo fato de, no Para Elas, estarem conhecendo outras pessoas com experiências semelhantes ou mais graves, seja porque se depararam com o desejo de vida em detrimento ao desejo de morte, seja porque constituíram famílias e passaram a experimentar, cotidianamente, o sentimento de amor em contraponto à dor advinda da violência sofrida.

É fato que meu vínculo com este trabalho foi se constituindo a cada atividade realizada, a cada reflexão feita. Se constituiu a medida que ocorreu uma aproximação com a vida pessoal e familiar de cada uma das mulheres e fui sendo apresentada às suas fragilidades e dificuldades. E a cada encontro, mesmo em meio a dificuldades materiais e relacionais, fui tendo a oportunidade de conhecer e ajudar a descortinar o lado potente de cada uma. Um lado que passava a incorporar esperança e entusiasmo. Alegria. Convivência. Bem viver. Sonhos. A manutenção/sustentação de ideais de vida que foram sendo coletivizados.

As oficinas interativas entre mulheres em situação de violência, ou melhor, dizendo, “entre nós”, promoveram a convivência e, conseqüentemente, contribuíram para a promoção da saúde, a prevenção da violência, o fortalecimento de vínculos e o empoderamento. Por isso é importante mantê-las, alimentando-as a cada novo encontro com idéias, ideais, com utopias, com solidariedade, mas principalmente com a certeza de que se faz necessário sim superar adversidades. E que essa superação pode ser sem dor, sem isolamento e segregação. Pode ser com leveza, com convivência, com o amparo de muitas, e regada de melodia: *“Seja bem vinda o lelê, seja bem vinda o lalá. Paz e Bem pra você, que veio participar”*<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Esses versos compõem a melodia que é cantada a cada nova/o integrante do grupo que chega para participar pela primeira vez.

## REFERENCIAS

AFONSO, M. L. M.; FADUL, F. M. **O trabalho com grupos no PAIF: um diálogo interdisciplinar com a Oficina de Intervenção Psicossocial.** *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(1), São João Del-Rei, janeiro/junho 2015.

AFONSO, M.L. **Oficinas em Dinâmicas de Grupo: um método de intervenção psicossocial.** Maria Lucia M. Afonso (organizadora) São Paulo. Casa do Psicólogo, 2006.

ALMEIDA, A. P. F. de; **Dor crônica e violência doméstica: estudo qualitativo com mulheres que frequentam um serviço especializado de saúde.** *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, Recife, 8 (1): 83-91, jan./mar., 2008.

ARENDRT, H. **Sobre a Violência.** [tradução André de Macedo Duarte]. 2ª. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BEAUVOR, S. **O Segundo Sexo – A experiência vivida.** [tradução: Sergio Milliet]. 2ª. ed. Difusão Europeia do Livro. 1967.

BLAY. E. A., **8 DE MARÇO: Conquistas e Controvérsias.** *Feministas ANO 9 602 2 semestre.* v.15, suplemento, p.73-95, jun. 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. **Lei Orgânica da Saúde.** Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, 1990.

BRASIL. **Lei Maria da Penha.** Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde.** – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros/Ministério da Saúde.** Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: princípios e diretrizes.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). (2012) **Orientações Técnicas sobre o PAIF**. v. 1. Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais. Brasília.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). (2012). **Orientações Técnicas sobre o PAIF**. v. 2. Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e Atendimento. Integral à Família – PAIF. Brasília.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília, 2011.

BRASIL. Presidência da República. Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. **Lei nº 7.353, de 29 de agosto de 1985**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 1985.

BRONZO. C. **Vulnerabilidade, empoderamento e metodologias centradas na família: conexões e uma experiência para reflexão**. In: Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, UNESCO, 2009. 424p.

BRONZO. C. **Políticas locais de inclusão social, autonomia e empoderamento: reflexões exploratórias**. In: Serviço Social e Sociedade, v.1, p. 76-103, 2007.

CAIXETA. D.M.B., et al. **Legislação atual sobre a violência contra a mulher**. In: Para Elas/Victor Hugo de Melo e Elza Machado de Melo. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2016, p. 74-90.

CAMPOS, R. T. O.; CAMPOS, G. W. de S. **Co-construção de autonomia: o sujeito em questão**. In: CAMPOS, G. W. de S. et al. Tratado de saúde coletiva. Rio de Janeiro, Hucitec; Fiocruz, 2006. p.669-688. (Saúde em debate, 170).

CANDAU. V. M. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos - Educação em Direitos Humanos: uma proposta de trabalho**. PUC-RIO, 1999. Disponível em: [www.dhnet.org.br/educar/cartilhas/oficinas/part1.htm](http://www.dhnet.org.br/educar/cartilhas/oficinas/part1.htm) Acesso em abril de 2019

CHAUÍ. M. **Sobre a Violência**. Org. Ericka Marie Itokazu e Luciana Chaui-Berlinck. 1. ed. – Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2017. – (Escritos de Marilena Chauí; v.5).

CHAUÍ. M. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: Cardoso R, organizador. Perspectivas antropológicas da mulher n. 4. Rio de Janeiro: Zahar; 1985.

DA VIOLÊNCIA, Atlas. IPEA e FBSP. Rio de Janeiro, 2018.

ESTES. C.P. **O Dom da História: Uma fábula sobre o que é suficiente**. [tradução de Waldéa Barcelos] – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2013.

GOMES, R. MINAYO, M. C.S e SILVA, C.F.R. **Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero**. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros/Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, p. 117. 2005.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 12. Ed. São Paulo, Cortez, 2007.

KRUG, E. G.; et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Organização Mundial da Saúde Genebra 2002. [www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf](http://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf)

LAROUSSE. **Dicionário enciclopédico ilustrado**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

LISBOA, T. K.; PINHEIRO, E. A., **A intervenção do Serviço Social junto à questão da violência contra a mulher**. Revista Katálysis, vol. 8, núm. 2, jul/dez, 2005, pp. 199-210 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil.

LOPES, M. M., **Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Núcleo de Estudos de Gênero. v.15, suplemento, p.73-95, jun. 2008 Pagum. Unicamp

MALTA, D. C. et al. **Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS): capítulos de uma caminhada ainda em construção**. IN: Ciência & Saúde Coletiva, 21(6): 1683-1694, 2016.

MELO, E. M. **Promoção de saúde: Autonomia e Mudança**. Elza Machado de Melo et al (organizadores). Belo Horizonte: Folium, 2016. 338p.: il. (Coleção Promoção de Saúde e Prevenção da Violência; v. 1)

MELO, E. M. Promoção de Saúde como práxis de autonomia e mudança. In: **Promoção de saúde: Autonomia e Mudança**. Elza Machado de Melo et al (organizadores). Belo Horizonte: Folium, 2016. 338p.: il. (Coleção Promoção de Saúde e Prevenção da Violência; v. 1)

MELO, E. M., MELO, V.H. **Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós**. Elza Machado de Melo e Victor Hugo de Melo (organizadores). Belo Horizonte: Folium, 2016. 298p.: il. (Coleção Promoção de Saúde e Prevenção da Violência; v. 2)

MELO, E. M. et al. **Rede de Atenção e ambulatório para Elas. Práticas de promoção de saúde da mulher em situação de violência**. In: Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós. Elza Machado de Melo e Victor Hugo de Melo (organizadores). Belo Horizonte: Folium, 2016. 298p.: il. (Coleção Promoção de Saúde e Prevenção da Violência; v. 2)

MELO, E.M. **Podemos Prevenir a Violência?** MELO, E.M. In: *Podemos Prevenir a Violência: teorias e práticas*. Brasília: Organização Pan-americana de Saúde/OMS, 2010, p. 01-24.

MELO, E.M. **Podemos Prevenir a Violência: teorias e práticas**. Brasília: Organização Pan-americana de Saúde/OMS, 2010.

MELO, E.M. et al. **A Violência rompendo interações. As interações superando a violência**. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, Recife, 7 (1): 89-98, jan. / mar., 2007.

MELO, E.M. **Ação comunicativa, democracia e saúde**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2005, vol.10, suppl., pp.167-178. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000500019>.

MELO E.M. et al.; **Projeto Meninos do Rio: mundo da vida, adolescência e riscos de saúde**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(1): 39-48, jan-fev, 2005.

MINAYO, M. C. S.; **Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde**. In: *Impactos da Violência na Saúde*. NJAINE. Kathie (Org.) Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013.

MINAYO, M. C. S.; **Qualitative analysis: theory, steps and reliability**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2012, vol.17, n.3, pp.621-626. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.

MINAYO, M. C. S.; **Violência e Saúde**. [online]. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz 2006. Temas em Saúde collection. 132 p. ISBN 978-85-7541-380-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S.F. **Caminhos do Pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MINAYO, M. C. S.; CRUZ NETO, O.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. **A violência na adolescência: um problema de saúde pública**. *Cad. Saúde Pública*, vol.6 nº. 3 Rio de Janeiro. Set.1990.

NJAINE. K. (Org.). **Impactos da Violência na Saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/> Acesso em 20/2/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Mulheres e saúde: evidências de hoje, agenda de amanhã.** 2009. pdf.  
[https://www.who.int/portuguese/publications/Mulheres\\_Saude](https://www.who.int/portuguese/publications/Mulheres_Saude)

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Carta de Ottawa.** Ottawa, Canadá: OMS, 1986. Disponível em: ([http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottaw.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottaw.pdf)). Acesso em: 6 jun. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde.** Genebra: 1946. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS>. Acesso em: 24 maio 2019

PAVIANNI. M.S.N. e FONTANA. M.N. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência.** Conjectura, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.

PEY. M. O. **Oficina como modalidade educativa.** PERSPECTIVA. Florianópolis, v. 15, n. 27, p. 35 - 63, jan./jun. 1997.

PINTO. C. R. J.P. **Feminismo, História e Poder.** Revista Sociol. Política. Curitiba, v.18, n. 36, p 1. 15-23, jun. 2010

POPE. C, e MAYS. N. **Pesquisa Qualitativa na atenção a saúde.** [tradução: Ananyr Porto Farjado]. – 2ª. Ed. – Porto Alegre: Artmed. 2005.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987. Coleção polêmica. 134p.

TORRES, A. B., M.J.A. **Concepção de Convivência de Fortalecimento de Vínculo.** Brasília, MDS, 2012.

TORRES, A. B.; GOUVEIA, **Convívio, convivência e proteção social: entre relações, reconhecimento e política pública.** São Paulo: Veras Editora e Centro de Estudos, 2016. – (Série temas; 10).

UDE. W. **Redes sociais: possibilidades metodológicas para uma prática inclusiva.** In: CARVALHO, A. *et al.* (Org.) Políticas públicas. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2002.

## APENDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Se não for de BH perguntar quanto tempo vive na cidade perguntar quanto tempo vive aqui

Local de residência:

Estado civil:

Escolaridade:

Tem filhos? Quantos?

Tem netos? Netos?

Trabalha? (Formal ou informal?)

- Fale sobre sua história de vida

1º momento:

- O que é violência pra você? Você já viveu alguma experiência com algum tipo de violência?

- O que é saúde pra você?

- O que é convivência pra você?

- Como você a Mulher? Como se vê como Mulher?

2º momento:

- Como chegou ao Para Elas? No Para Elas frequenta o ambulatório? Quais atividades desenvolve no ambulatório? Frequenta as oficinas?

- Como você define as Oficinas?

- Em que medida sua participação nas oficinas mudou/trouxe transformações para sua vida? Tentar explorar/captar mudanças subjetivas e objetivas de ordem social, política, interativa, psicológica relacionadas ao enfrentamento e superação da violência.

- Você quer dizer mais alguma coisa?



**APÊNDICE B**

NÚCLEO – Promoção de Saúde e Paz  
Departamento de Medicina Preventiva e Social  
Universidade Federal de Minas Gerais



Projeto de pesquisa: Mulheres em situação de vulnerabilidade e violência e a experiência das Oficinas Integrativas do Programa Para Elas: os efeitos de uma prática de convivência

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você foi convidada/o para participar de uma pesquisa intitulada: “Mulheres em situação de vulnerabilidade e violência e a experiência das Oficinas integrativas do Programa Para Elas: os efeitos de uma prática de convivência”. **Este projeto integra um projeto maior intitulado “Avaliação dos efeitos da Promoção da Saúde na abordagem da mulher em situação de violência e vulnerabilidade”.**

Antes de aceitar participar desta pesquisa, é importante que você compreenda a explicação sobre o que será feito durante o estudo. Esta declaração descreve o objetivo, os procedimentos, os benefícios e riscos do estudo, e o seu direito de sair da pesquisa a qualquer momento. Nenhuma garantia ou promessa pode ser feita sobre o resultado do estudo. Estas informações serão dadas para esclarecer quaisquer dúvidas sobre a pesquisa proposta, antes de você decidir a participar.

Objetivo do estudo: O presente projeto de pesquisa pretende analisar os resultados das ações realizadas com mulheres em situação de vulnerabilidade e violência a partir da experiência de trabalho do ambulatório da rede de práticas de promoção de saúde da mulher em situação de vulnerabilidades - O Ambulatório/Rede Para Elas. Parte do pressuposto de que as oficinas, consideradas como ações coletivas participativas entre mulheres e os profissionais da rede de saúde e assistência social, se constituem enquanto espaços de promoção da saúde, de reflexão e construção de saídas perante situações de vulnerabilidade e violência.

Ao assinar este formulário você dará seu consentimento para participar da pesquisa. Serão realizadas entrevistas em profundidade a partir de uma amostra representativa considerando a presença das mulheres nas oficinas da regional leste no período de maio de 2017 a dezembro de 2018.

Participação voluntária: A participação neste estudo é voluntária. Se você decidir não participar, você poderá interromper a sua participação no estudo, a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Uma cópia assinada deste consentimento ficará com você.

Confidencialidade: Os registros de sua participação neste estudo serão mantidos em sigilo e somente a equipe responsável pelo projeto terá acesso às informações. No entanto, o pesquisador e, sob certas circunstâncias, o Comitê de Ética em Pesquisa/UFMG, poderão verificar e ter acesso aos dados confidenciais que o



NÚCLEO – Promoção de Saúde e Paz  
Departamento de Medicina Preventiva e Social  
Universidade Federal de Minas Gerais



identificam pelo nome. É importante informar que qualquer publicação dos dados não a identificará.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa e que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante:

---



---

Assinatura do participante

Data

Nome completo do Pesquisador Responsável: Dra. Eugênia Valadares  
Endereço: Avenida Prof. Alfredo Balena, 190 CEP: 30130-100 / Belo Horizonte – MG  
Telefones: (31) 3409-9945 E-mail: núcleo.ufmg@gmail.com

---

Assinatura do pesquisador responsável

Data

Nome completo do Pesquisador Responsável: Dra. Elza Machado de Melo  
Endereço: Avenida Prof. Alfredo Balena, 190 CEP: 30130-100 / Belo Horizonte – MG  
Telefones: (31) 3409-9945 E-mail: núcleo.ufmg@gmail.com

---

Assinatura do pesquisador co- responsável

Data

Nome completo do Pesquisador: Sônia Lopes Siqueira  
Endereço: Rua Santo Amaro, 229/202 Sagrada Família CEP: 31.035-320  
Belo Horizonte – MG Telefones: (31) 99913 1005  
E-mail: [sonialopessbh@gmail.com](mailto:sonialopessbh@gmail.com)



NÚCLEO – Promoção de Saúde e Paz  
Departamento de Medicina Preventiva e Social  
Universidade Federal de Minas Gerais



---

Assinatura do pesquisador (mestrando)

Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar: COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br). Tel.: 34094592. *AS OFICINAS: MOTIVAÇÃO E CONVIVENCIA*

## APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE – 14187513.0.0000.5149

Interessado(a): **Profa. Simone Mendes Carvalho**  
Departamento de Enfermagem Materno Infantil e  
Saúde Pública  
Escola de Enfermagem- UFMG

### DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 05 de junho de 2013, o projeto de pesquisa intitulado **"Acolhimento qualificado da mulher em situação de violência"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

  
**Profa. Maria Teresa Marques Amaral**  
Coordenadora do COEP-UFMG